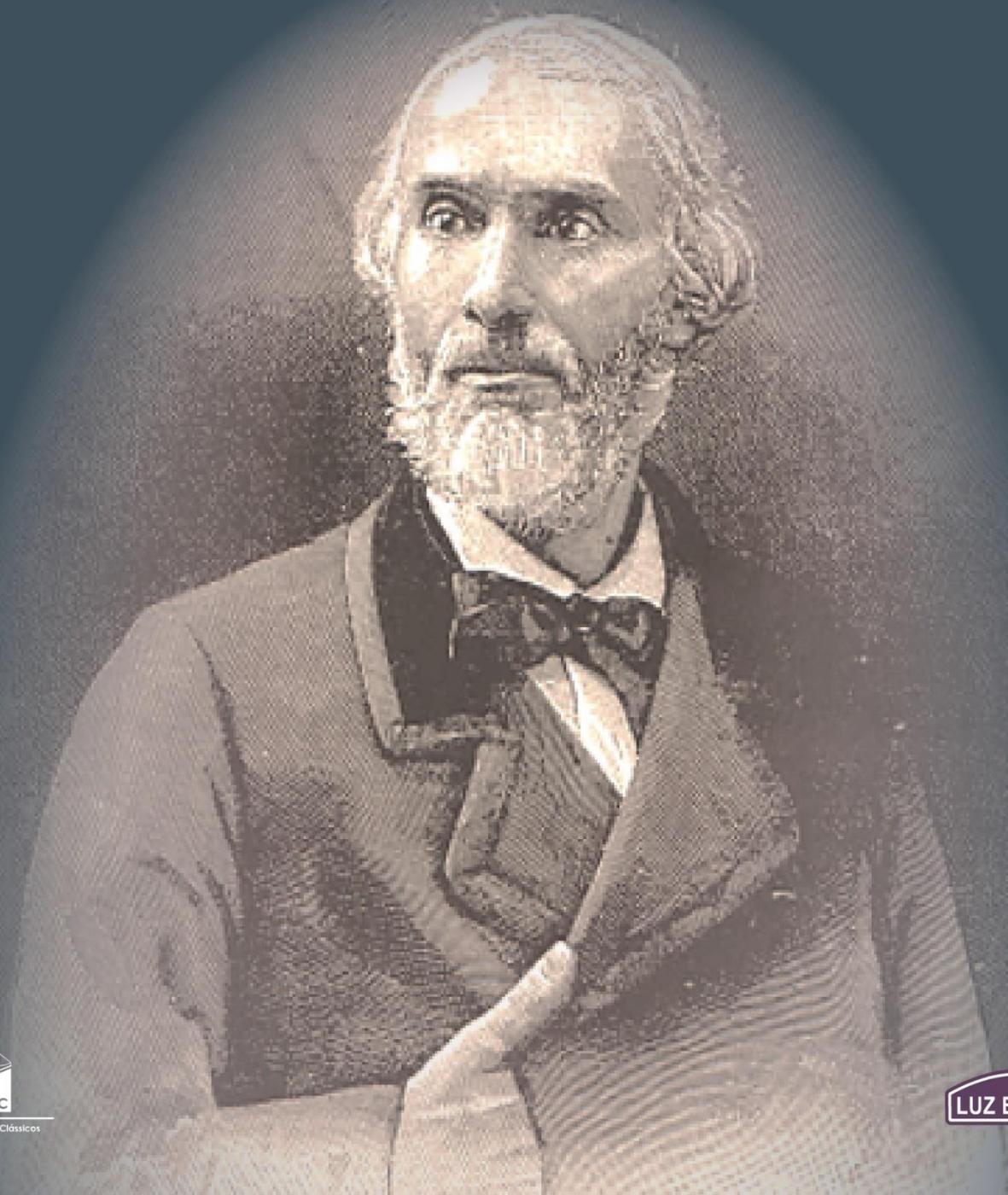


Ery Lopes e Wanderlei dos Santos

Maurice Lachâtre e o Espiritismo

ENTRE A PUBLICIDADE E AS CONTROVÉRSIAS



Autores Espíritos Clássicos

LUZ ESPÍRITA

***Maurice Lachâtre e o Espiritismo
Entre a publicidade e as controvérsias***

Ery Lopes

Wanderlei dos Santos

Colaboração:

Adair Ribeiro

Carlos Seth

Jáder dos Reis Sampaio

1ª edição

© 2022 - São Paulo

Distribuição gratuita:

Autores Espíritos Clássicos

Portal Luz Espírita



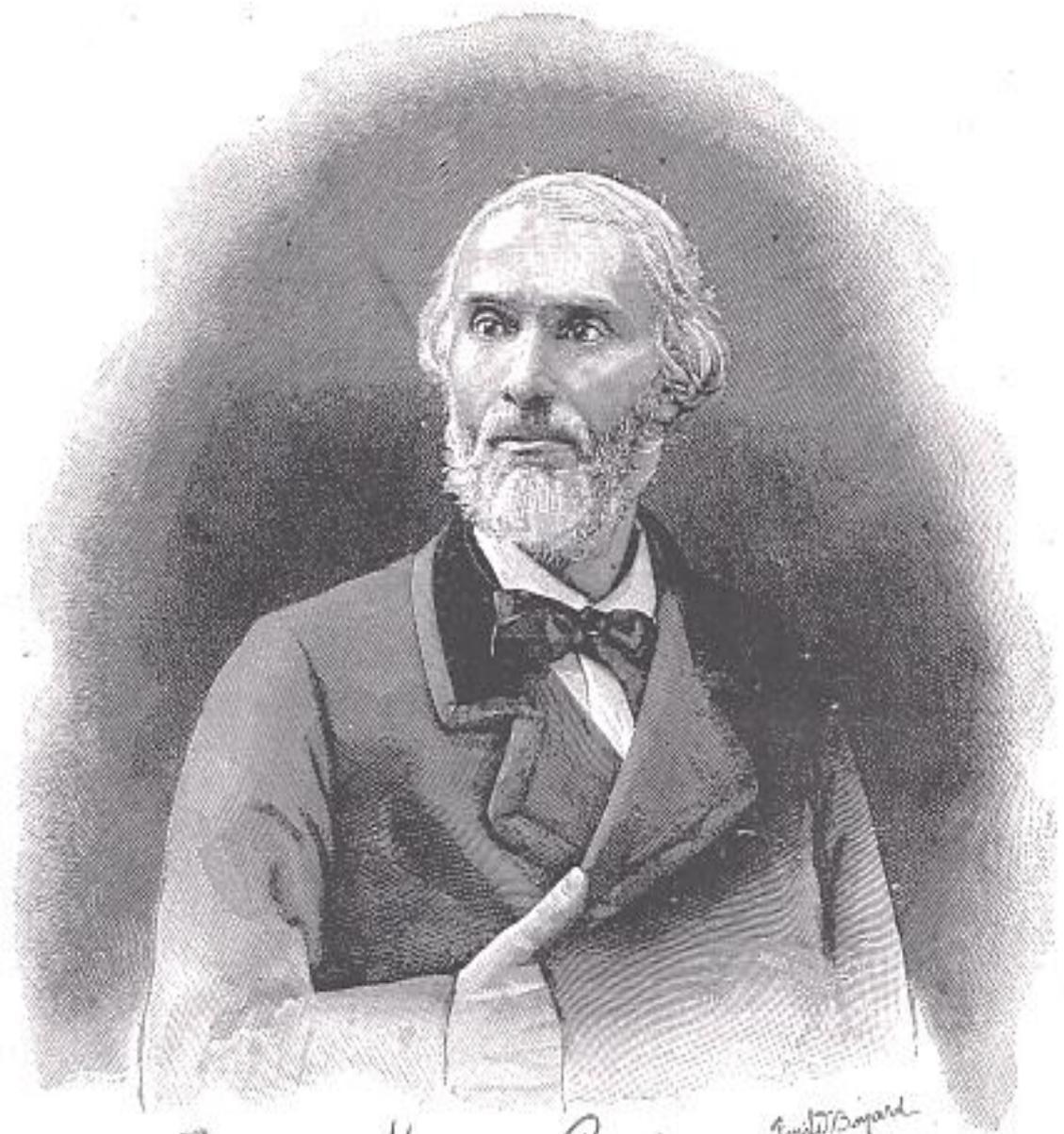
Ery Lopes
Wanderlei dos Santos

Maurice Lachâtre E O ESPIRITISMO

ENTRE A PUBLICIDADE E AS CONTROVÉRSIAS

São Paulo, 2022





.. P. 2000

Maurice Eschsché

Emile Siquard



Sumário

Prólogo – pág. 5

Maurice Lachâtre, o excêntrico – pág. 8

Kardec segundo Lachâtre – pág. 39

Comparativo das informações biográficas sobre Allan Kardec – pág. 49

Espiritismo segundo Lachâtre – pág. 72

Anexos

- *Genealogia* – pág. 79
- *O Espiritismo na Espanha* por Maurice Lachâtre – pág. 80
- *Resenha do livro **O Espiritismo, uma nova filosofia**, de Maurice Lachâtre: entre Kardec, o anarquismo e o socialismo do século XIX*, por Jáder dos Reis Sampaio – pág. 85
- *Formas e meios*, por Maurice Lachâtre – pág. 89
- *Estudo linguístico*, por Alexandra Cunita – pág. 92
- *O mundo perdido dos dicionários de Maurice Lachâtre (I): Dicionário universal (1852-1856)*, por François Gaudin – pág. 103

Prólogo

Quando a memória de **Maurice Lachâtre** é evocada no meio espírita, isto quase sempre se dá por ele ter sido um dos protagonistas do célebre episódio *Auto de Fé de Barcelona*. Lachâtre era então o livreiro a quem estava destinada a remessa de livros espíritas enviada por Allan Kardec — o codificador do Espiritismo —, remessa que foi fatidicamente confiscada pela Igreja Católica da Espanha para em seguida cair na fogueira da Inquisição. Para muitos, porém, sequer é o caso de se dizer que tal papel merece o título de protagonista; no máximo, um coadjuvante. Enfim, o livreiro seria um personagem quase sem importância para a historiografia da nossa Doutrina Espírita.

No entanto, pesquisas e estudos mais recentes e mais bem apurados sobre a vida e a obra de Lachâtre e sobre sua relação com Kardec — e, por conseguinte, com o Espiritismo — apontam para uma necessária revisão quanto ao valor do seu papel histórico para o desenvolvimento do movimento espírita, ora o colocando em considerável ascendência.

Fazer um apanhado desses novos estudos e pesquisas é precisamente o objetivo deste trabalho, fazendo jus à memória do personagem, enriquecendo a Historiografia Espírita e melhor contextualizando a nascente da doutrina que abraçamos com dedicação.

Obviamente que este apurado pode — e deve — ser revisto, mediante novas fontes históricas que porventura venham a ser encontradas, bem como por uma melhor contextualização dos fatos, inclusive com a colaboração de pesquisadores mais sagazes. Até que isso ocorra, temos o parecer que nos aponta que é graças a Maurice Lachâtre o fato de os principais dados biográficos do codificador do Espiritismo terem chegado

até nós, como ficará demonstrado adiante nesta obra. E o ponto crucial é o grau de autenticidade desses dados, haja em vista a grande proximidade entre Kardec e Lachâtre — conforme as novas pesquisas nos detectam. A bem dizer, o que o livreiro escreveu sobre o pioneiro espírita é praticamente a transcrição de uma autobiografia kardequiana. E isto é de suma relevância.

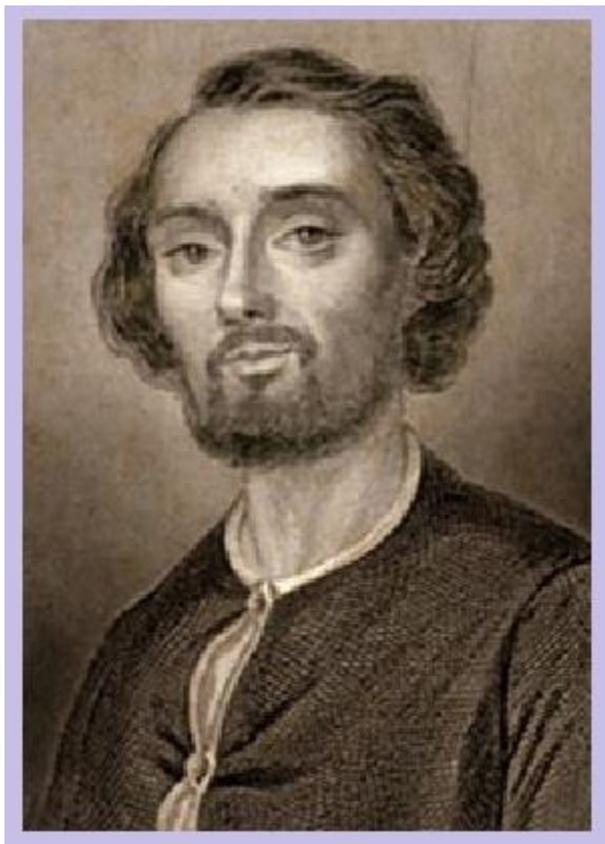
E como dissemos, para fazer jus à memória de Lachâtre, resgatar sua trajetória particular é também percorrer caminhos que ajudaram a fortalecer o nome do Espiritismo, pois, sim, não foi nada irrisória a contribuição lachatreana: por sua ousadia, a doutrina rompeu barreiras — o que seria indigno desdenharmos.

Entretanto, não romantizaremos a coisa: o *espiritismo lachatrista* não é em tudo a mesma doutrina kardecista; com efeito, em muitos pontos, é uma versão por vezes bastante deturpada e comprometida por ideologias perigosas que o livreiro encampava até com fervor. Cumpre saibamos distinguir esses pontos, embora sem precisarmos lançar qualquer anátema ao personagem, reconhecendo a importância do conjunto da obra, de cujos excessos os tempos sem fim cuidam de depurar em favor mesmo do curso natural das coisas.

Eis, portanto, a matéria-prima desta nossa elaboração, que oferecemos com carinho a todos quantos interessam a História do Espiritismo.

Os editores

Maurice Lachâtre: o excêntrico



Maurice Lachâtre (1814-1900)

O 14 de outubro de 1814 trouxe ao palco deste mundo o pequeno **Maurice**, quinto e derradeiro filho do coronel Pierre Denis (1763-1820)¹, de quem ficaria órfão com apenas seis anos de idade e também herdaria o título de barão de La Châtre — às

La Châtre é uma comuna francesa e uma subprefeitura no Departamento de Indre, região administrativa Centro-Vale do Loire, localizado bem no meio da França.

¹ Saiba mais em https://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre_Denis_de_La_Châtre (em francês).

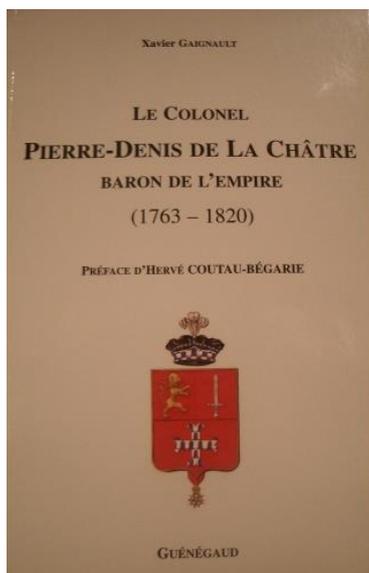
vezes grafado LaChâtre ou ainda Lachâtre. Sua mãe se chamava Élisabeth Constance Séonnet e seus irmãos foram: Joséphine (nascida em 1804), Eugénie Constance (nascida em 1805), Pierre Charles Alphonse (1807-1844) e Ferdinand Louis Auguste (1811-1820).

Um completo desconhecido no Brasil, o pai de Maurice é para a história francesa um personagem muito mais reconhecido do que nosso famoso livreiro refugiado em Barcelona. **Pierre Denis de La Châtre** era um militar bem condecorado, fiel oficial monarquista nos tempos do Rei, depois, bravo defensor do Império nos tempos de Napoleão. Era uma autoridade pertencente à abastada burguesia de sua terra natal, Issoudun, na região central da França. Sua



Pierre Denis de La Châtre (1763-1820)

biografia foi contada no livro *Le Colonel Pierre-Denis de La Châtre, baron de l'Empire (1763-1820)*² de Xavier Gagnault. Aliás, Gagnault é um dos que acreditam que aquele coronel do Império teria inspirado o personagem Phillippe Bridau do romance *La Rabouilleuse* (1942) de Honoré de Balzac (traduzido para o português com o título *Um Aconchego de Solteirão*); na trama balzaquiana, Phillippe (ou Felipe, na forma aportuguesada) é um militar beberrão, violento e interesseiro, acostumado a se servir de privilégios que, no entanto, sofrerá os reveses políticos de seu tempo.



Teria mesmo o barão de La Châtre esse caráter? Não o sabemos. O fato é que seu filho, com certeza, não!

A bem dizer, Maurice era o oposto de alguém acomodado com a situação e dado a buscar privilégios, posses e títulos: era um espírito de natureza revolucionária; era um anarquista no geral bem-intencionado, inquieto com o *status quo*, especialmente revoltado contra os privilégios

² Ver: https://www.geneanet.org/boutique/index.php?id_product=5128&controller=product.

que via reinarem no domínio da política e da religião: tinha uma inata repulsa pelos homens do clero católico; era um ardente ativista de causas nas quais acreditava serem humanitárias, progressistas e urgentes.

Toda essa sua inquietação talvez tenha origem exatamente por ter nascido naquela mesma comuna Issoudun, onde os conservadores — tal como seu pai — naturalmente gozava de privilégios às custas de toda uma gente surrupada pela ordem vigente, naqueles últimos dias do império napoleônico, que cederia lugar ao retorno da monarquia e início do período de restauração da França, com o reinado de Luís XVIII.

Herdeiro de benefícios tais, o garoto **Claude, Maurice de la Châtre** vai então ser matriculado na **Escola Militar Pritaneu** de La Flèche (Prytanée national militaire, em francês), sendo depois transferido para a **Escola Especial Militar de Saint-Cyr**, fundada por Napoleão Bonaparte em 1802, sob o lema « *Ils s'instruisent pour vaincre* » — “Eles se instruem para superar” — conforme inscrito no brasão. O futuro, porém, viria escancarar que “disciplina”, tal como é de praxe na ortodoxia militar, não era o forte daquele menino.



Prytanée national militaire



Brasão da
École spéciale militaire de Saint-Cyr

No furor da juventude, nos tempos do rei Luís Felipe de Orléans, Maurice é despedido do exército, isso em 4 de março de 1831, e cuja causa ignoramos, mas não é de se estranhar que se suspeite de indisciplina. Talvez sua dispensa não esteja desconectada com o saque à igreja de Saint-Germain l’Auxerrois, em Paris, durante uma manifestação antimonarquista e anticlerical promovida por alunos daquela mesma escola militar de Saint-Cyr. Maurice ficaria de fora de uma aventura como aquela?

No ano seguinte, em 1 de abril de 1832, vamos encontrá-lo ingressando no regimento **Caçadores da África** (*Chasseurs d'Afrique*), num batalhão francês que atuaria na Argélia para colonizá-la (a Argélia foi colônia francesa de 1830 a 1962). Ali, Maurice permanece até a maioridade, largando definitivamente a carreira militar em 17 de outubro de 1832.

De regresso à pátria, vai morar com a mãe em Paris. É provavelmente na Cidade Luz, por volta dos seus vinte anos, que ele toma conhecimento dos **sansimonistas** — que formavam um movimento inspirado no pensamento de Claude-Henri de Rouvroy, o **Conde de Saint-Simon** (1760-1825), filósofo e economista francês que defendia ideias igualitárias entre as classes (trabalhadores e patronato), até mesmo como estratégia para se ter um sistema econômico eficiente e menos injusto para com aqueles da cadeia de produção, razão pela qual o conde é considerado um dos pais do chamado Socialismo Utópico. De pronto, Lachâtre se alista nesta senda.

A exemplo dos correligionários, lança-se pelo interior da França pregando a filosofia do mestre Saint-Simon. Em 1835 ele se estabelece na comuna Le Muy, no departamento³ de Var, trabalhando em uma carpintaria ao mesmo tempo em que se lança à propaganda do sansimonismo, motivo pelo qual é preso pela polícia local; o tribunal de Draguignan emite em 11 de abril sua sentença condenatória por abrir uma escola sem autorização.



Após esse incidente em 1836, ele vai ser encontrado em Montpellier, no Sul do seu país, trabalhando para o livreiro Robert Arnault — uma preparação para a carreira que futuramente iria marcar sua vida.

Eis então que o jovem idealista chega a Paris em 1839, onde se aventuraria num negócio inusitado: um banco de trocas, em sociedade com...? Advinha!...

³ Departamento na França é uma subdivisão territorial e administrativa, equivalente às regiões estaduais no Brasil (Estado do Paraná, Minas Gerais, Bahia etc.) — N. T.

O sócio de Maurice no tal Banque des Échanges era **Hippolyte-Léon Denizard Rivail**, aquele que mais tarde tornar-se-ia célebre sob o pseudônimo **Allan Kardec**, com o qual assinaria suas obras espíritas.

Conforme os Arquivos de Paris (Arch. Paris D3IU3 83), o empreendimento Société Delachâtre e Rivail fundado em 18 de março de 1839 servia como uma espécie de agência financeira para “fomentar e facilitar as transações comerciais, proporcionar novas oportunidades para o comércio e a indústria, suprindo a falta de recursos pecuniários através de qualquer tipo de produto”, sob o nome corporativo **Lachâtre e Rivail**. Esse banco também editava um periódico estrategicamente relacionado a esses negócios: *Journal de la Banque des Échanges*.⁴



Allan Kardec (1804-1869)

AOÛT 1839. Première Année. N. 3.

BUREAUX:
L'Administration
DE LA BANQUE,
RUE LACROIX-LE-GRAND, 18.
A Paris.

DIRECTEURS:
MM. DE LA CHATRE
ET RIVAIL.

**JOURNAL
DE LA
BANQUE DES ÉCHANGES.**

Le Journal paraît
LE PREMIER
de chaque mois.
Affranchir les lettres
et Envois.
PRIX DES ANNONCES
30 cent. la ligne.

Prémiers travaux du Conseil d'administration.

Le conseil d'administration a commencé ses travaux par modifier les statuts, et par l'adoption de mesures de la plus haute importance, que les actionnaires accueilleront sans doute avec plaisir; car, ses avantages nouveaux qu'elles consacrent, elles ajoutent des garanties qui assurent leurs intérêts de la manière la plus positive.

Néanmoins, en créant cette entreprise, a été de faire une chose utile au commerce; nous ne doutons pas que l'avenir ne confirme nos prévisions; mais, pour l'actuel avec plus de certitude, nous devons avoir recours aux avis et des hommes éclairés, et appeler au contrôle de nos opérations des personnes qui y ont un même intérêt que nous les autres actionnaires. Ce conseil fut librement et spontanément de notre part, sans que nous y fussions contraints par aucune volonté étrangère, et sans que nous y ayons eu le moindre intérêt.

Si nous pouvons nous attribuer le mérite de l'initiative dans quelque chose de nos nouvelles mesures, nous devons, pour rendre justice à qui de droit, dire que plusieurs ont été provoqués par les avis de conseil, nous que nous nous sommes réunis avec empressement, ayant surtout en vue, comme nous l'avons dit, de faire une chose utile.

Les délibérations de conseil ont eu pour objet:

- 1° L'adoption de statuts réglant les attributions et les opérations de conseil.
- 2° La fixation du mode de paiement.
- 3° L'avis d'abord été question d'accorder à certaines professions usuelles,

1° D'examiner les propositions tendantes à l'amélioration du système des échanges, et de résoudre les difficultés qui peuvent se présenter;

2° De déterminer la somme des mandats mis en circulation, en la proportionnant aux besoins des opérations; —

3° De vérifier la caisse d'amortissement et de réserve, et de s'assurer que les mandats en circulation ne dépassent pas la somme faite;

4° De sanctionner l'admission des nouveaux actionnaires, d'après les renseignements que les directeurs auront fait prendre;

5° De provoquer, s'il y a lieu, la radiation des actionnaires sur lesquels des pénalités auraient été tombées;

6° De déterminer le nombre des membres à admettre dans chaque profession.

Art. 6. — Le conseil nommera une commission chargée de vérifier le chiffre et le mouvement du crédit. Les livres des comptes de la caisse d'amortissement et de réserve seront mis à la disposition des commissaires du conseil. Le balance devra en être faite tous les mois.

Art. 7. — Le conseil ne pourra adopter aucune mesure tendante à augmenter les frais d'administration sans l'approbation des directeurs.

Art. 8. — Les décisions de conseil seront prises à la majorité des voix des membres présents; elles ne seront valables qu'autant que les membres présents seront la moitié plus un du nombre total. En cas de partage, la voix de président est prépondérante. Pour l'admission, il pourra délibérer au nombre de cinq membres.

Art. 9. — Les décisions seront publiées dans le journal quand elles seront de nature à intéresser les actionnaires et quand l'insertion en aura été réclamée par le conseil à la majorité absolue des voix.

Les actionnaires seront la faculté de les renouveler aux conditions actuelles lorsque elles seront remplies.

Tous les mandats délivrés par la banque, à quelque titre que ce soit, aux actionnaires admis aux nouvelles conditions, porteront un timbre sec. En conséquence, tout porteur de mandats timbrés devra solder la moitié de son paiement en argent.

Décision de conseil relative au mode d'émission des mandats.

Article 1er. — La somme totale des mandats en circulation sera déterminée par le conseil d'administration qui la proportionnera au montant des additions et aux besoins de l'opération. Dans aucun cas, les directeurs ne pourront en émettre pour une somme plus forte que celle qui sera dû faite par le conseil.

Art. 2. — L'émission des mandats se fera par les moyens suivants:

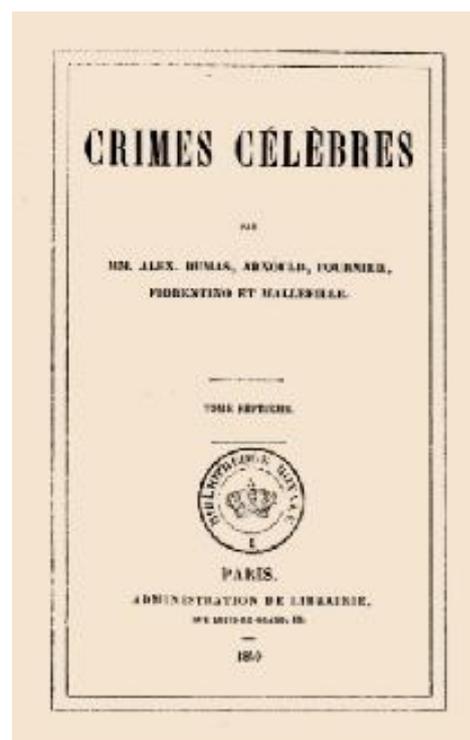
- 1° Par des crédits accordés à un certain nombre de actionnaires, notoirement solvables et sur leur responsabilité.
- 2° Par des prêts faits à ceux des actionnaires qui en feront la demande contre un effet à terme au profit de la banque, non négociable, et remboursable en mandats à échéance, ou en espèces, si le souscripteur n'a rien de mandats.
- 3° Par l'acceptation, contre des mandats de la banque, des effets ou valeurs commerciales revêtus de deux signatures et à neuf mois au plus. L'administration offrira ainsi aux actionnaires les moyens d'utiliser les valeurs dont ils ne peuvent tirer parti. Si le souscripteur ne le payait pas, le actionnaire endosseur aura la faculté de le rembourser au mandat.

A sociedade Lachâtre & Rivail é um dado é muitíssimo precioso para nós, e aqui vai um spoiler: será Lachâtre quem primeiro publicará um texto biográfico do codificador do Espiritismo, o qual, aliás, servirá de base para as biografias seguintes por outros escritores, alimentando-as com dados

⁴ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k58230984/f6.item>.

técnicos (por exemplo: data e local de nascimento) e comentários sobre sua personalidade — como veremos no capítulo adiante: *Kardec segundo Lachâtre*. Ocorre que, durante muito tempo, por não se conhecer essa sociedade comercial, ignorávamos a proximidade entre os dois personagens e, por conseguinte, a legitimidade das informações e qualificativos dados pelo biógrafo, que até então não passava de um mero livreiro, revolucionário, exilado e distante de Kardec e do núcleo espírita francês.

Como o negócio do banco não vingou, Maurice investe paralelamente no ramo editorial. Em 1839, então com 25 anos de idade, ele adquire o registro legal da sua pequena editora *Administration de Libraire*. Pequena, mas promissora, pois o rapaz é desenvolto, faz contatos e estabelece amizades com gente influente. Logo de pronto ele vai começar a publicar a série com oito volumes de *Crimes célèbres* [*Crimes famosos*] do respeitado escritor Alexandre Dumas (autor dos clássicos *O Conde de Monte Cristo* e *Os Três Mosqueteiros*). Sucesso garantido! Logo mais a nova livraria via editar *Lettres sur les fortifications de Paris* [*Cartas sobre as fortificações de Paris*] do Dr. N. N. Frapart, e a série *Les papillons noirs du bibliophile Jacob* [*As borboletas negras do bibliófilo Jacob*], esta já em 1840, quando também teve início a impressão da nova série de Alexandre Dumas: *Introduction sur le génie de Shakespeare* [*Introdução à genialidade de Shakespeare*].

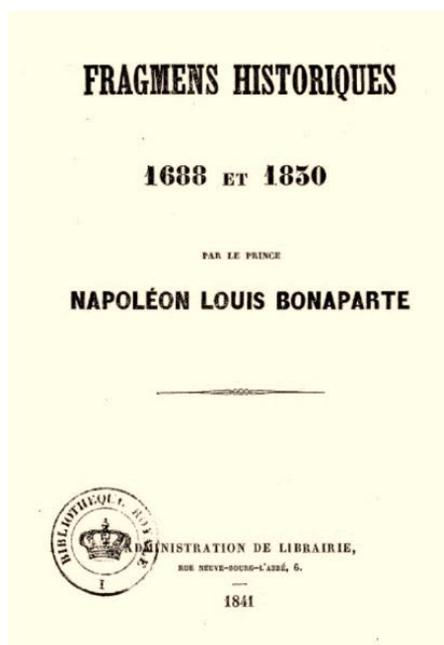


Em meio àquela grande efervescência cultural e política parisiense, Lachâtre ganha notoriedade entre os articulistas da liberdade de expressão, do antimonarquismo e anticlericalismo. Sua editora iria se transformar em mais um polo revolucionário. Ainda em 1840 o livreiro se vê em terras inglesas, onde vai se encontrar com Luís Napoleão Bonaparte, o sobrinho e herdeiro do célebre imperador dos franceses no começo daquele século XIX. Luís havia crescido no exílio, entre a Alemanha, Suíça e finalmente

Inglaterra; na sua pátria, grande parte dos ativistas políticos reclamam o trono em seu favor, sob uma bandeira idealizada nos valores “autoridade, liberdade e progresso”; quatro anos antes ele havia fracassado ao levantar contra o monarca de então um motim na guarnição de Estrasburgo, comuna no leste da França; derrotado, refugiou-se na Inglaterra. Ali, Maurice entraria no rol dos ativistas e dos amigos mais próximos do pretense imperador, que ainda naquele ano seria malsucedido na conspiração de Bolonha; tendo sido feito preso, Napoleão é condenado pelo Rei Luís Felipe à prisão perpétua na fortaleza de Ham, no Departamento de Somme, ao norte francês. De lá, Napoleão só escaparia em 1846, usando as roupas e a identidade de um operário, fugindo para Londres, de cujos desdobramentos falaremos adiante.

De qualquer forma, o resultado prático daquele encontro é o provocador opúsculo *Fragments Historiques 1688 et 1830* [*Fragmentos Históricos de 1688 e 1830*] assinado por Napoleão Luís Bonaparte, que a editora de Lachâtre vai publicar em 1841, e na qual o editor vai iniciar com uma nota, escrevendo:⁵

“Os *Fragmentos Históricos* que hoje entregamos às meditações da França são ao mesmo tempo obra do historiador consciencioso e do homem de estado: Príncipe Napoleão...”



Com esta insígnia “Homem de Estado”, Lachâtre engrossava a propaganda de que seu país precisa de um governante bom, progressista, mas forte, forte para levar a efeito os anseios de um povo sofrido que clamava por uma glória nacionalista.

Enfim, o estopim fora aceso. Era questão de tempo para que o “herdeiro” regressasse triunfante.

Mas enquanto isso não se desse, o multiarticulado jovem Maurício não poderia ficar parado, nem tampouco se contentar em imprimir trabalhos

⁵ Ver em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5511311m/f9.item.texteImage>.

comuns; seu espírito inquieto aspirava por novas frentes de ações, o que o levou a encampar o movimento fourierista — uma teoria centrada na organização social preconizada por **Charles Fourier** que defendia uma sociedade baseada em associações comunitárias de produtores, e na qual os homens teriam ocupações correspondentes a suas paixões e tendências pessoais, outra vertente do Socialismo Utópico. Tudo começa com sua livraria reeditando uma obra de Zoe Gatti de Gamond, *Fourier et son système [Fourier e seu sistema]*, que também era conhecida como uma ativista feminista. Nessa, Maurice se compromete com ideologias estravagantes: Fourier, por exemplo, além de sua campanha por um questionável modelo de cooperativismo, era fervoroso propagandista da quebra dos padrões familiares, pregando a abolição do matrimônio e da monogamia — que ele via como formas opressoras da moral cristã “dos burgueses”. Para os fourieristas, o falanstério, ou falange (uma unidade das comunidades idealizadas por Fourier) não apenas seria uma cooperativa de produção e colheita do trabalho, mas também um centro de “compartilhamento libertário” das paixões e prazeres carnis — que ele julgava tão natural quanto divino, e contra o que não se poderia lutar nem reprimir. A síntese do pensamento fourierista está bem definida nesta citação do historiador estadunidense Hakim Bey:⁶

“Os seres humanos são estrelas microscópicas, e todas as paixões e desejos (incluindo os ‘fetiches’ e as ‘perversões’) são por natureza não somente boas, mas sim necessárias para a realização do destino dos humanos. No sistema de Harmonia de Fourier todas as atividades criativas incluindo a indústria, o artesanato, a agricultura (etc.) surgiram da libertação da paixão — esta é a famosa teoria do ‘trabalho atrativo’. Fourier sexualiza o próprio trabalho — a vida do Falanstério é uma contínua orgia do sentimento intenso, do pensamento e da atividade, uma sociedade de amantes e selvagens entusiastas. Quando a vida social da terra é harmonizada, nosso planeta voltará a ser incorporado ao universo da Paixão e serão experimentadas vastas transformações na forma do corpo humano, no tempo atmosférico, nos animais e nas plantas, e mesmo nos oceanos.”

Hakim Bey – *O Oceano de Limonada e os Tempos Modernos*, 1991

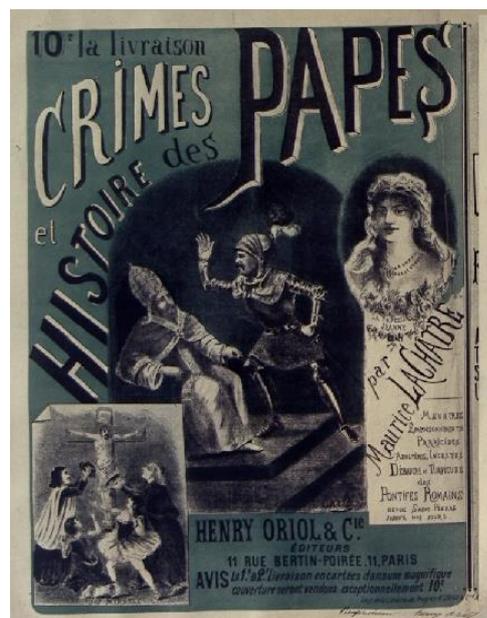
Notem bem: “fetichismo” e “perversão sexual”: que diria disso o codificador espírita?

⁶ Ver em <https://theanarchistlibrary.org/library/hakim-bey-the-lemonade-ocean-modern-times>.

A título de informação, vários modelos dessas cooperativas foram fundados, inclusive duas delas no Brasil (o Falanstério do Saí, em Santa Catarina e a Colônia Cecília no Paraná) — ambas de curta duração e sem sucesso algum.

Pois então, nessa mesma linha revolucionária e modernista, a editora Administration de Librairie vai publicar em 1841 *Organisation du Travail* [Organização do Trabalho] do também socialista utópico Louis Blanc.

No ano seguinte, estreando como escritor, Maurice entra em evidência com o seu livro *Histoire des Papes: crimes, meurtres, empoisonnements, parricides, adultères, incestes: depuis saint Pierre jusqu'à Grégoire XVI: Histoire des saints, des conciles, des cardinaux, de L'inquisitio* [História dos Papas: crimes, assassinatos, envenenamentos, parricídios, adultérios, incestos: de são Pedro a Gregório XVI: História dos santos, dos concílios, dos cardeais, da Inquisição] cujo longo título já deixa claro quão explosivo é seu conceito sobre os pontífices da Igreja Católica.



No mesmo 1842, ele recoloca o “príncipe” estadista Luís Napoleão em cena, publicando dele *Analyse de la Question des Sucres* [Análise da Questão do Açúcar],⁷ sem se preocupar em adoçar nada; a intenção era mesmo incendiar o cenário político e levantar o moral do prisioneiro de Ham.

Ao contrário do banco de trocas em sociedade com Rivail, que acabou em 1843, os negócios literários iam muito bem. Em 1845, Lachâtre adquire a propriedade do célebre escritor Honoré de Balzac, em Jardies, e no ano posterior ele compra um vinhedo de mais de cem hectares em Arbanats, região de Bordeaux, no departamento de Gironda.

Vinha na mesa! E parecia que ele ia ter muito o que brindar, afinal, não tardaria para seu “amigo” Napoleão tomar conta do seu país. Autoridade, liberdade e progresso à vista? — a conferir.

⁷ Ver em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k322737g/f9.item.r=betterave%20delessert>.



Château d'Arbanats, propriedade comprada por Maurice Lachâtre, onde mais tarde seria fundada uma comunidade socialista: o falanstério Domaine d'Arbanats.

A revolução de 1848 (capítulo integrante da Primavera dos Povos) derrubou o rei Luís Felipe em fevereiro e instaurou a Segunda República Francesa: o governo provisório inicialmente estabelece liberdade de expressão, sufrágio universal, fim da pena de morte e da escravidão ao preço de 5 mil mortes, devido aos protestos e às consequentes repressões. Luís — o sobrinho de Napoleão, o Grande — desembarca em Paris, funda o Partido da Ordem e é eleito um dos deputados para a redação da Assembleia Constituinte, em preparação para a eleição presidencial agendada para dezembro daquele mesmo ano e na qual o “herdeiro” seria o parlamentar mais votado, com o expressivo percentual de 73% dos votos.



Representação dos acontecimentos revolucionários na França, em 25 de fevereiro de 1848

Nesse ínterim, o livreiro vende sua propriedade de Jardies — talvez para cobrir as despesas do seu casamento com Louise Teyssier, nascida em 26 de março de 1828 em Boën-sur-Lignon; a cerimônia é realizada em 12

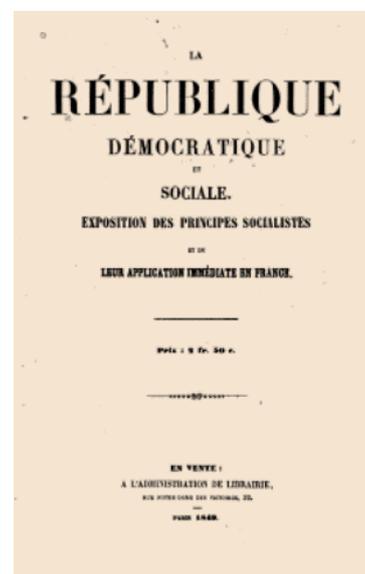
de julho de 1848 na cidade de Bordeaux, onde Maurício mantinha seu vinhedo.

Os preparativos para o matrimônio e para a lua de mel podem tê-lo afastado um pouco da balbúrdia política que destroçava a pátria francesa, mas não completamente. Três meses depois das núpcias, ei-lo a fundar em Bordeaux o jornal *La Tribune de la Gironde* [Tribuna da Gironda], que circularia até 1851 tratando do cotidiano político, comercial, agrícola, científico e literário.⁸ E mais um, no ano adiante: *Le Peuple souverain* [Povo Soberano] dito *o jornal dos trabalhadores*,⁹ cuja sobrevivência se arrastaria até o ano 1872.

Continuamos em 1849 e vemos a propaganda socialista continuar com todo o gás: Maurice, então de volta a Paris, vai publicar anonimamente duas obras polêmicas: *L'armée, son organisation, ses droits, ses devoirs, est une critique de l'institution militaire et une proposition de reforme* [O exército, sua organização, seus direitos, seus deveres, é uma crítica à instituição militar e uma proposta de reforma] e *La République démocratique et sociale. Exposition des principes socialistes et de leur application immédiate en France* [A República Democrática e Social, Exposição dos princípios socialistas e de suas aplicações imediatas na França].¹⁰ Mas então se depara com uma triste realidade: o presidente Luís Napoleão começa a repensar seus ideais — especialmente o de liberdade; começa uma perseguição generalizada, da qual nem os aliados mais fiéis são poupados. Lachâtre não escaparia ileso.

Em novembro daquele 1849, o editor colocou à venda *Mystères du peuple* [Mistérios do povo] do amigo e igualmente socialista Eugène Sue (1804-1857) pelo que terá suas prensas confiscadas pelo governo.

Era o fim da breve amizade com o príncipe.



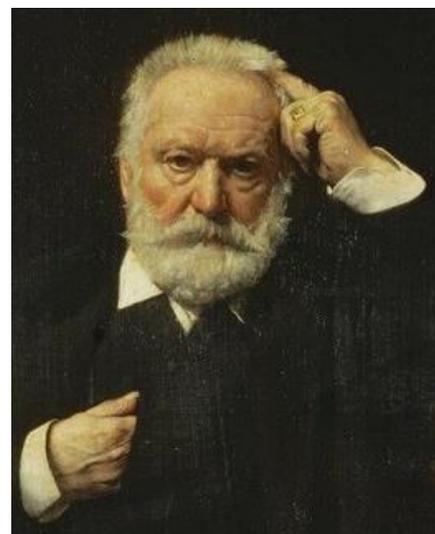
⁸ Ver em <https://www.retronews.fr/titre-de-presse/tribune-de-la-gironde>.

⁹ Ver em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113451k.texteImage#>.

¹⁰ Ver em <https://play.google.com/store/books/details?id=pWNEtM5T9k0C&rdid=book-pWNEtM5T9k0C&rdoc=1>

Vem 1850 e a 16 de julho nasce na Cidade Luz sua primeira filha Amélie (este nome seria em consideração a Amélie Boudet, esposa de Kardec?). O padrinho da menina será o amigo do seu pai, Eugène Sue, então recém-eleito parlamentar. Nesse tempo Lachâtre tem a brilhante ideia de furar a censura contra a imprensa imprimindo e vendendo as obras suspeitas (inclusive a continuação de *Mystères du peuple*) em formato de folhetins, através de assinaturas.

O cenário, entretanto, iria ficar mais cinzento. Em dezembro de 1851 o presidente articulou um atentado à república pela qual lutara: com seu mandato de quatro anos chegando ao fim e a Constituição lhe proibindo concorrer à reeleição, Luís fechou o parlamento e se consagrou cônsul da França — imitando o seu tio — dando-lhe por dez anos poderes ilimitados. Deputados, como Eugène Sue e Victor Hugo, outros políticos e ativistas protestaram publicamente contra o golpe e foram expulsos do país. O livreiro socialista permaneceu na capital francesa e assistiu ao passo seguinte do ex-amigo: na mesma trilha de Napoleão “o Grande”, Luís reestabeleceu o império e se coroou Napoleão III — que o poeta Victor Hugo ironicamente apelidou de “o pequeno”.

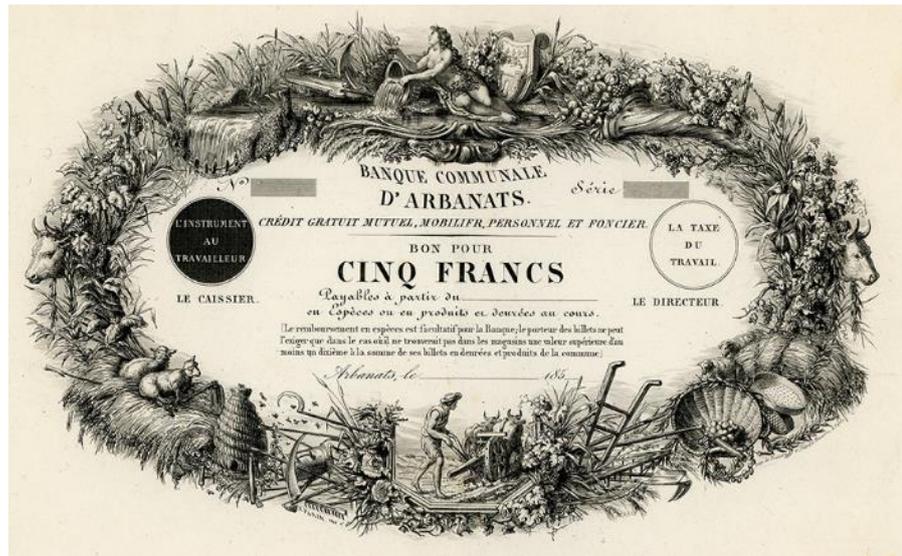


Victor Hugo (1802-1885)

Como a vida tem que seguir, Lachâtre vai sobrevivendo de publicações diversas, dentre as quais *Le médecin du peuple* [Medicina do povo] do Dr. Benoît Mure (1809-1858), um dos pioneiros da **homeopatia** e que, por conta disso, também teve importante atuação no Brasil, inclusive sendo um dos idealizadores do falanstério fourierista fundado no Paraná. Além disso, vai empreender uma experiência mais íntima com o ideário socialista: ele divide seu vinhedo em Arbanats em 102 lotes e vende a preços acessíveis a alguns agricultores e ali cria uma comunidade-modelo mais ou menos nos moldes dos falanstérios de Fourier, investindo em escola, clínica médica, fundo de pensão e um banco popular.¹¹

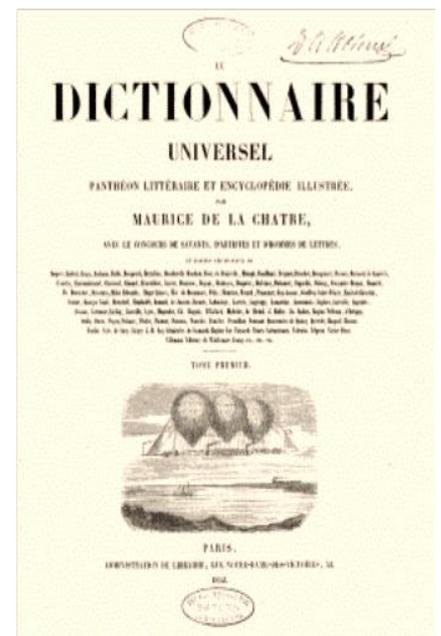
¹¹ Ver <https://numismag.com/fr/2019/10/07/le-billet-de-5-francs-de-la-banque-communale-darbanats-fondee-par-maurice-de-la-chatre> (visto em 13/05/2022).

Certidão de sócio do Banco
Comunitário de Arbanats



Por essa época, o livreiro revolucionário vai se aproximar de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) o precursor do Anarquismo — uma teoria social e movimento político que propunha a ideia de que a sociedade deva existir de forma independente e antagônica ao poder exercido pelo Estado, sendo este — a exemplo das demais instituições (igrejas principalmente) — considerado dispensável e até mesmo nocivo ao estabelecimento de uma autêntica comunidade humana. Portanto, mais um barril de pólvora na carga lachatreana.

Com isso, o diretor da Administration de Librairie vai juntando socialismo, anticlericalismo, fourierismo, feminismo, homeopatia, anarquismo e tudo o quanto sua criatividade lhe permite, e vai começar a trabalhar num segmento que o identificará melhor futuramente: enciclopedista. Desta feita, ele elabora o seu *Dictionnaire universel* [Dicionário Universal],¹² cujo tomo I, contendo os verbetes de A até G, vem à lume em 1852; o segundo tomo sai em 1854, com os verbetes de H até Z.



A publicação cai no gosto popular e entre 1855 e 1857 Maurice trabalhará numa nova edição, que ganhará o título *Dictionnaire français*

¹² Ver <https://books.google.com.br/books?id=UPDSXmy3yloC&hl=pt-BR&source=gbv> book other versions.

ilustre [*Dicionário Ilustrado Francês*], seguido pelo *Dictionnaire des écoles* [*Dicionário das Escolas*] cujos fascículos despontam entre 1856 e 1858.

A pedido do clero católico, a delegacia de censura do imperador Napoleão III proíbe a obra *Mystères du peuple* de Eugène Sue e confisca 60 mil de seus exemplares impressos por Lachâtre que, por ser o editor, é sentenciado a 1 ano de prisão. Fora isso, a 14 de julho de 1858, o livreiro é condenado a pagar 6 mil francos e a mais 5 anos de prisão pela autoria de *Dictionnaire universel*.

Maurice Lachâtre então foge para a Espanha, lá chegando em 7 de janeiro daquele 1858, indo instalar-se em Barcelona, onde moraria até 1864 (com eventuais escapadas rápidas para outras praças). Sua ausência não fez parar outro processo de censura na França, desta vez por causa do seu *Dictionnaire illustré*, vindo a ser condenado em 6 abril de 1859.

Não se sabe quando e em que circunstâncias Maurice conheceu e se tornou adepto — ou pelo menos simpatizante — do Espiritismo; bem articulado como era, é facilmente concebível pensarmos que ele não tardou para se inteirar do fenômeno das Mesas Girantes, resultando do Espiritualismo Moderno¹³ — movimento oriundo da América do Norte que ganhava força nos grandes centros urbanos europeus desde meados daquela década de 1850 — e não é plausível que ignorasse a publicação *O Livro dos Espíritos*, de seu velho conhecido Rivail, doravante cognominado Allan Kardec. Sabemos, porém, que ele vai para a Espanha já como um declarado adepto espírita; lá chegando, logo se alia-se a **Ramon Lagier Pomares** e a **José María Fernández Colavida** (conhecido como “O Kardec espanhol”) na importação clandestina de obras espíritas.¹⁴



Fernández Colavida (1819-1888)

Diz Lachâtre, num artigo intitulado “O Espiritismo na Espanha”:

¹³ Ver [https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Espiritualismo Moderno](https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Espiritualismo%20Moderno).

¹⁴ Ver em [https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Auto de fe Barcelona](https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Auto%20de%20fe%20Barcelona).

“Em 1858 não havia qualquer indício da existência do Espiritismo na Espanha — pelo menos nenhum indício a ponto de chamar a atenção do fanático clero da Península. Em 7 de janeiro daquele ano, o exílio trouxe um adepto da nova doutrina para Barcelona, e com ele foram introduzidas várias das obras que tratavam da questão espírita...”

Le Monde Invisible – 1 de janeiro de 1867: ‘Le Spiritisme en Espagne’

Mas aí algumas questões se apresentam: como estariam as relações entre Maurício e Rivail? Não é de se duvidar que os gostos excêntricos do livreiro assustassem o mestre espírita, do contrário, por que Kardec não lhe daria preferência para os serviços gráficos de seus livros doutrinários? — aliás, o mesmo vale para os seus livros didáticos!

Vejamos mais sobre isso adiante.

Chegamos em 1861 e dois grandes eventos marcam este ano na vida do livreiro exilado. O primeiro deles é que uma segunda menina é registrada como sua filha — Marie-Ange Garrète, neste caso, fruto de um relacionamento extraconjugal com Marie-Thérèse Garrete, natural de Cabasse (Sul da França), não muito distante de Castres, que fica ainda mais próximo da fronteira com a Espanha, e local onde ela deu à luz à filha bastarda de Maurice.

Já o outro evento, aliás, guarda relação direta com o movimento espírita e, por sinal, consiste em um dos fatos mais importantes para a História do Espiritismo: o **Auto de Fé de Barcelona**.

Como é bem sabido, uma remessa de obras espíritas foi despachada da França por Allan Kardec com destino a Barcelona, endereçada a Maurice Lachâtre, a fim de promover a doutrina na terra de Cervantes. Aconteceu, porém, que o bispo daquela diocese — **Dom Antonio Palau y Térmens** — interceptou a encomenda na alfândega e sumariamente a encaminhou para ser queimada em praça pública, evocando seus poderes junto ao Tribunal do Santo Ofício da Igreja Católica — mais conhecido como **Inquisição**. A



Dom Antonio Palau y Térmens (1806-1862)

“cerimônia” foi realizada na manhã de 9 de outubro.

Allan Kardec foi informado do ocorrido pessoalmente por um confrade que testemunhou o espetáculo, detalhando-lhe:

"Assistiram ao Auto de Fé: um sacerdote com os hábitos sacerdotais, empunhando a cruz numa mão e uma tocha na outra; um escrivão encarregado de redigir a ata do Auto de Fé; um ajudante do escrivão; um empregado superior da administração das alfândegas; três serventes da alfândega, encarregados de alimentar o fogo; um agente da alfândega representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

"Uma multidão incalculável enchia as calçadas e cobria a imensa esplanada onde se erguia a fogueira. Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou brochuras espíritas, o sacerdote e seus ajudantes se retiraram, cobertos pelas vaias e maldições de numerosos assistentes, que gritavam: Abaixo a Inquisição! Em seguida, várias pessoas se aproximaram da fogueira e recolheram as suas cinzas."

Revista Espírita - nov. de 1861: 'Resquícios da Idade Média'

O “informante” de Kardec é provavelmente Ramón Lagier Y Pomares, o capitão dos navios Le Monarch e Buenaventura, que faziam a rota Barcelona-Marselha: por ocasião de seu navio estar atracado no porto de Barcelona naquele dia, o Capitão Lagier pôde acompanhar o ato, que ele descreveu assim:

"Na Espanha o Espiritismo foi batizado pelo bispo de Barcelona, o padrinho foi Fernández-Colavida, e eu também desempenhei certo papel em tudo isso."

O Auto de Fé de Barcelona, Florentino Barrera - 'Protagonistas e testemunhas'

E o protagonismo de Lachâtre nessa história toda? Ficou mesmo reduzida a livreiro, intermediário de Colavida?

Com efeito, o caso teve grande repercussão na imprensa local e alhures. Kardec mesmo vai tratar do ocorrido em alguns números da sua *Revista Espírita*, mas sem citar o nome do livreiro. Estaria o codificador espírita apenas preservando o exilado?¹⁵

Duas décadas após sua morte, as memórias de Kardec foram publicadas em *Obras Póstumas*, onde encontramos anotações sobre o episódio histórico de Barcelona. Numa delas, datada de 21 de setembro de

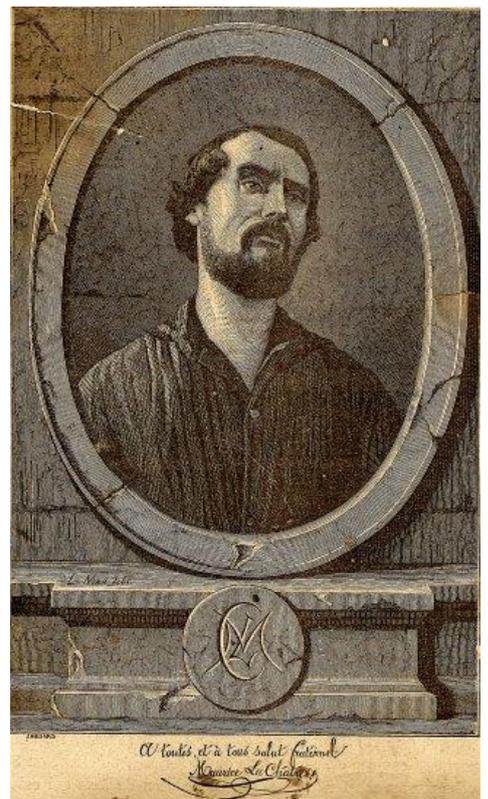
¹⁵ Ver: <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Auto%20de%20F%C3%A9%20de%20Barcelona>.

1861 — portanto, antes da queima dos livros — enfim, encontramos citações kardequianas a Lachâtre (grifos nossos):

A pedido do **Sr. Lachâtre**, então residente em Barcelona, eu lhe havia enviado certa quantidade de *O Livro dos Espíritos*, de *O Livro Dos Médiuns*, das coleções da *Revista Espírita*, além de diversas obras e brochuras espíritas, perfazendo um total de cerca de 300 volumes. A expedição da encomenda foi regularmente feita pelo seu correspondente em Paris, num caixão que continha outras mercadorias e sem a menor infração da legalidade. Na chegada dos livros, fizeram que o destinatário pagasse os direitos de entrada, mas, antes de os entregarem, uma relação das obras teve que ser entregue ao bispo, pois, naquele país, a polícia de livraria competia à autoridade eclesiástica. O bispo se achava então em Madri. Ao regressar, tomando conhecimento da relação dos livros, ordenou que eles fossem apreendidos e queimados em praça pública pela mão do carrasco. A execução da sentença foi marcada para 9 de outubro de 1861. Se tivesse tentado introduzir aquelas obras como contrabando, a autoridade espanhola teria o direito de dispor delas à sua vontade; mas, como absolutamente não havia fraude, nem surpresa, como o pagamento espontâneo dos direitos o provava, seria de rigorosa justiça que se ordenasse a reexportação dos volumes, uma vez que não convinha que se lhes admitisse a entrada. Entretanto, as reclamações apresentadas por intermédio do Cônsul francês em Barcelona ficaram sem resultado. O **Sr. Lachâtre** me perguntou se valeria a pena recorrer à autoridade superior. Opinei por que se deixasse consumir o ato arbitrário; contudo, entendi ser acertado ouvir a opinião do meu guia espiritual.

Obras Póstumas, Allan Kardec – 2ª parte: '21 de set. de 1861 – Auto-de-fé em Barcelona'

Por esta anotação, estamos cientes que havia contanto diretamente entre eles; por conseguinte, bem ao espírito de Lachâtre, Kardec é consultado sobre a opção de brigar pelos direitos legais das obras (e, de fato, as trezentas peças valiam uma fortuna para a época); o guia espiritual de Kardec, por sua vez, ratificou a decisão do codificador de deixar consumir a barbárie — o que seria posteriormente relatado como um marco para a expansão do Espiritismo na Espanha e até em outros países, onde vozes diversas se manifestaram contra a intolerância do clero católico, resultando assim numa maior procura pelas obras espíritas.



Sobre este ato inquisitorial, conhecido como Auto de Fé de Barcelona, vamos encontrar a versão do próprio Lachâtre no artigo “O Espiritismo na Espanha”, já citado aqui, publicado em 1867 na revista *Le Monde Invisible (O Mundo Invisível)*, dirigida pelo mesmo articulista. A reprodução integral do mencionado artigo consta na seção de anexos deste trabalho.

Ainda no exílio em Barcelona, Lachâtre editou um periódico voltado especialmente para a política local, o jornal *La Independencia Española*, mas sem grande repercussão.

Enquanto isso, na França, Kardec tocava o movimento espírita com habilidade, evitando polêmicas políticas e religiosas, cuidando do que realmente lhe importava: semear os valores espirituais à vista de evolução individual, antes de qualquer revolução social. Tal prudência angariou a simpatia até do Imperador, cujo prestígio popular estava à míngua devido uma crescente crise econômica e insatisfação geral com a repressão do Governo contra a liberdade de expressão, além de outras decisões administrativas desastrosas. Pouco a pouco então Napoleão III vai afrouxando a perseguição política, de modo que em novembro de 1864 Maurice Lachâtre pôde voltar à pátria-mãe.

Mas antes que isso se desse, o codificador do Espiritismo demonstrou preocupação com a volta do Lachâtre: Kardec se recolhera no interior da França (Sainte-Adresse, na região da Normandia) com o nobre desiderato de melhor preparar o que seria o seu terceiro grande livro doutrinário, ***O Evangelho segundo o Espiritismo*** (publicado em 15 de abril de 1864) e nesse meio tempo ele trocava cartas com sua esposa, Amélie-Gabrielle Boudet, que ficara em Paris; numa dessas cartas, a que está datada de 3 de setembro de 1863, madame Kardec lhe dá conta de uma correspondência oriunda do livreiro exilado:¹⁶

“[...] Você tem também uma carta do Sr. Lachâtre, que ainda sonha com publicações; se quiser respondê-lo, eis o que ele diz: ‘Eu compartilho contigo, caro amigo, de uma determinação que tomei, se acha que deve endereçá-lo para mim, e também para que me transmita a do Espírito de Amélie Debray, que eu lhe suplico

¹⁶ Ver em <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/899054474191669> (visto em 11/05/2022).

interrogar. Maurice, considerando como terminada sua missão na Espanha, após o ano passado, pretende, no próximo mês de fevereiro, partir por mar para Gênova, sem pisar na França — seu tempo de exílio ainda não finalizou — e ir a Bruxelas para lá fundar uma livraria a fim de publicar as obras censuradas, que ele considera um dever conservar para a presente geração e para a posteridade: Mistérios do Povo de E. Sue e o Dicionário Francês Ilustrado. Ele fala ainda de reproduzir a revista espírita na Bélgica'. Eu temo que este homem faça muitas excentricidades quando deixar a Espanha; eu gostaria mais de vê-lo na Bélgica do que na França”.

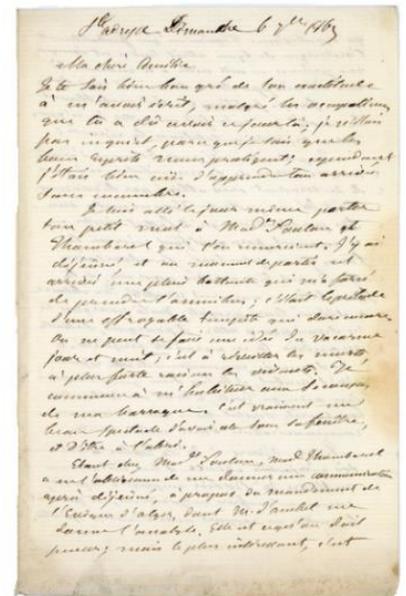
Amélie Boudet

Três dias depois, em resposta, o marido exprime sua concordância sobre o melhor destino para o publicista excêntrico:¹⁷

“Escrevas também ao senhor Lachâtre [dizendo] que estou ausente até o final do mês, e que somente quando eu voltar poderei me ocupar com o objeto de seu pedido. Creio, como tu, querida Amélie, que seria melhor na Bélgica do que na França.”

Allan Kardec

Carta de Kardec para sua esposa, Amélie Boudet, datada de 6 de setembro de 1863



Se houve escala na Bélgica, Itália ou qualquer outra terra estrangeira, ignoramos; o fato é que o homem-bomba acabaria de volta à sua nação.



Reinstalado em Paris, ele colaborou primeiro com a Livraria Internacional e depois fundou outro negócio próprio: a Docks de la Librairie, onde livros e jornais conviviam artigos de relojoaria e outros souvenirs — uma estratégia de sucesso para vender mais. A partir de maio de 1865, ele começou a publicar os primeiros fascículos do seu *Novo Dicionário Universal [Nouveau Dictionnaire universel]*¹⁸ que seria completado em 1870. Para esta produção, Maurice vai

¹⁷ Ver <https://www.facebook.com/HistoriaDoEspiritismo/posts/936343210462795> (visto em 11/05/2022).

¹⁸ Ver em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6122855b.texteImage> (visto em 10/05/2022).

contar com a cooperação de vários escritores, dentre os quais Allan Kardec. Isso mesmo! Allan Kardec. E é de se apostar que o codificador espírita tenha tido participação direta em pelo menos três verbetes: “Allan Kardec”, “Espiritismo” e “Mediunidade”. Trataremos melhor sobre estas publicações adiante, mas por agora, convém anotarmos a publicidade que foi dada na *Revista Espírita*.

A última matéria da edição de janeiro da Revista traz o título ‘*O Espiritismo tem lugar reservado na filosofia e nos conhecimentos usuais*’, fazendo franca propaganda da nova obra de Lachâtre e lhe resgando elogios.

“Neste momento publica-se importante obra que interessa à Doutrina Espírita no mais alto grau, e cuja análise do seu prospecto nos fará melhor conhecê-la.

“[...] Esta obra, o mais gigantesco empreendimento literário de nossa época, contém a análise de mais de 400.000 obras, e pode ser considerada, com justiça, como o mais vasto repertório de conhecimentos humanos. *O Novo Dicionário Universal* é o mais exato, o mais completo e o mais progressivo de todos os dicionários, o único que abarca em seus desenvolvimentos todos os dicionários especiais da língua usual, da linguagem poética, dos sinônimos, da linguagem antiga, das dificuldades gramaticais, da teologia, das religiões, seitas e heresias, das festas e cerimônias de todos os povos, da mitologia, do magnetismo, do Espiritismo, das doutrinas filosóficas e sociais...”

Revista Espírita, Allan Kardec – janeiro, 1866

Kardec então confirma sua contribuição para a redação da obra, bem como explica, humildemente, por que seu nome figura no começo da relação dos autores colaboradores daquela enciclopédia:

“Devemos fazer notar, inicialmente, que se o nosso nome se acha à testa dos autores, cujas obras foram consultadas, foi a ordem alfabética que assim o quis, e não a preeminência.”

Idem

Para nós, espíritas, a relevância desta obra e o pioneirismo de Maurício Lachâtre em cravar os verbetes relacionados à nossa doutrina estão evidenciados na menção do próprio Kardec ao dizer: “Em tais condições, tendo o Espiritismo achado lugar numa obra tão importante e tão popular quanto o *Novo Dicionário Universal*, tem lugar reservado entre as doutrinas filosóficas e os conhecimentos habituais”. E então lança um desafio: “seu vocabulário, já aceito pelo uso, recebeu sua consagração e, doravante,

nenhuma obra do mesmo gênero poderá omiti-lo sem ficar incompleto.” Na edição seguinte, fevereiro de 1866, a **Revista Espírita** volta a tratar da mesma obra respondendo ao público que pedira mais informações sobre como adquirir o dicionário.

Tudo sugere que nessa época Lachâtre e Kardec estavam mantendo bons contatos um com o outro. Outra evidência disto é que o ex-refugiado político marcou presença — como visitante — em algumas sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, presidida por Kardec e a pessoa estatutariamente responsável por autorizar a entrada de um não-membro. É o que mostra a lista de presença de reuniões como a de 25 de novembro de 1866 e as dos dias 2 e 9 do mês seguinte, conforme documentos originais em posse do Museu AKOL.¹⁹ Interessante notar que em algumas dessas ocasiões, em seguida ao nome do Sr. Lachâtre consta o de uma tal “Srta. Garrette” (Ver imagem abaixo). Não seria esta senhoria exatamente Marie-Thérèse Garrete, a filha espanhola do livreiro?



Tomamos nota também de que no comecinho de 1867 acontece o nascimento da terceira filha de Maurice: Marie-Victoire, vinda ao palco terreno no dia 29 de janeiro, nascida em Arbanats, via ventre de Louise — a legítima esposa.

¹⁹ Página oficial do portal Allan Kardec Online: <https://www.allankardec.online>.

Como estaria Lachâtre administrando essas relações familiares? Relacionamento aberto? Bigamia consensual? — incógnita!

Laços familiares e possibilidade de adultério à parte, a doutrina dos Espíritos parece interessar cada vez mais ao livreiro dicionarista, pois em 1867 vamos encontrá-lo a lançar a sua própria série espírita, aqui já mencionada: *O Mundo Invisível [Le Monde invisible]*. Bem, não exatamente espírita nos moldes kardecistas, mais ou menos “similar”, como denota o seu subtítulo: *Estudos sobre o espiritismo, o espiritualismo e o magnetismo, os mistérios do além-túmulo, o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, as maravilhas da natureza: exposição de doutrinas religiosas e filosóficas por grupos espíritas de Paris, França e do exterior, com a colaboração de espíritos, filósofos e livres pensadores*.²⁰



Na sequência de trabalhos do incansável editor, agora também militante de um “espiritismo espiritualista”, vemos então se ampliar seu escopo de especulação, sem deixar de dar atenção aos temas que lhe continuam sendo caros: política, socialismo, homeopatia, feminismo etc., mormente focado na linha dos dicionários e enciclopédias. Em dezembro de 1867, a propósito, ele se juntou ao *Le Figaro*, ao mesmo tempo em que preparava uma versão ilustrada da *História da Revolução Francesa [Histoire de la Révolution française]* de Louis Blanc e começava a publicar a *Nova Enciclopédia Nacional (Nouvelle Encyclopédie nationale)*, pela qual, aliás, traz o artigo “O espiritismo” defendendo o caráter social da doutrina, vertendo-a — ou distorcendo-a — para acomodar as pretensões revolucionárias do seu socialismo (Veja mais sobre isso na sequência).

Daí vem o fatídico ano de 1870, em que Napoleão III, enganado pelo Despacho de Ems adulterado por Otto von Bismark (1815-1898), declara guerra à Prússia em 19 de julho. Lachâtre se ingressa em defesa do seu país contra os germanos e saberá que o sobrinho do grande Napoleão levará seu

²⁰ Ver em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8576782?rk=21459;2#> (visto em 20/05/2022).

exército a uma flagrante derrota na batalha de Sedan em 2 de setembro de 1871, ali sendo capturado e forçado a assinar a humilhante capitulação da França. Luís, o napoleãozinho, foi feito prisioneiro em Kassel, Alemanha, e lá soube que em Paris a Assembleia Nacional havia proclamado sua deposição e instaurada a Terceira República Francesa. No ano seguinte, o ex-ditador e ex-amigo de Lachâtre novamente buscaria exílio na Inglaterra, onde vai morrer na desgraça em 9 de janeiro de 1873.

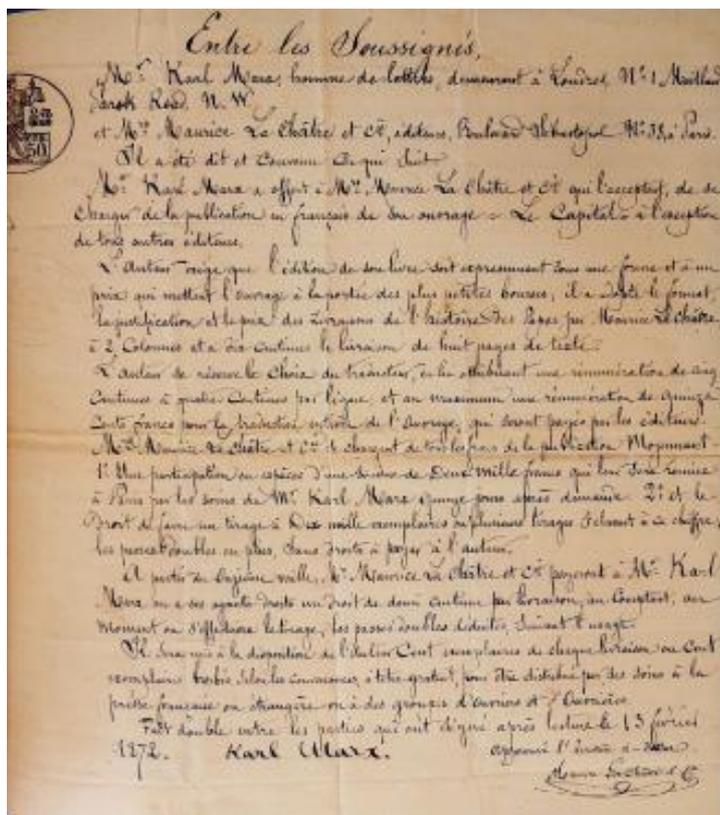
Com o peso da derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana, o cenário de Paris era desolador: o fraco governo provisório vacilava nas negociações do armistício com os prussianos e, com isso, abriu caminho para a Comuna de Paris — uma frente de resistência popular inspirada nas ideias comunistas e iniciada em 18 de março de 1871 contra o exército invasor da Prússia em Paris, culminando com a tentativa de estabelecer um governo alternativo e contrário ao acordo de rendição assinado em Versailles. Durante esse conflito civil, Lachâtre filia-se ao amigo Felix Pyat na direção dos jornais *Le Combat* [O Combate] e *Le Vengeur* [O Vingador] nos quais escreve artigos clamorosos em defesa dos comunistas. Por fim, o exército nacional comandado por Adolphe Thiers massacrou os rebeldes parisienses e a Comuna teve fim em 27 de maio de 1872.



Mais de 20 mil comunistas mortos, 36 mil presos e outros tantos apoiadores caçados ferozmente. Lachâtre passa o primeiro trimestre pós-rebelião escondido; seu operador de caixa é morto em seu lugar. Quando a chance surge, ele foge para San Sebastián, na Espanha, mas não desiste do socialismo. Alia-se a Paul Lafargue e esposa, Laura, filha de Karl Marx, para a produção da primeira tradução francesa do livro *O Capital*, o manual marxista — afrancesado por Joseph Roy e, aliás, a única tradução revisada

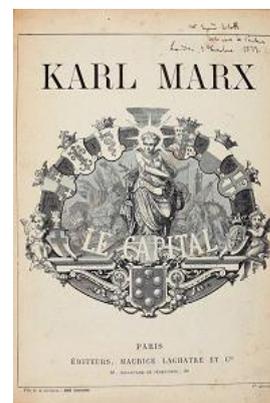
pelo próprio autor — Marx. Mais entusiasmado do que nunca, Maurice torna-se embaixador do comunismo marxista. Seu novo mestre, a seu turno, não polpará seu veneno contra o editor: em carta ao genro, Paul, chamará seu novo pupilo de “charlatão abominável”.²¹

O contrato assinado por Karl Marx e Maurice Lachâtre para a publicação da tradução francesa do livro *O Capital*, com a data de 13 de fevereiro de 1872



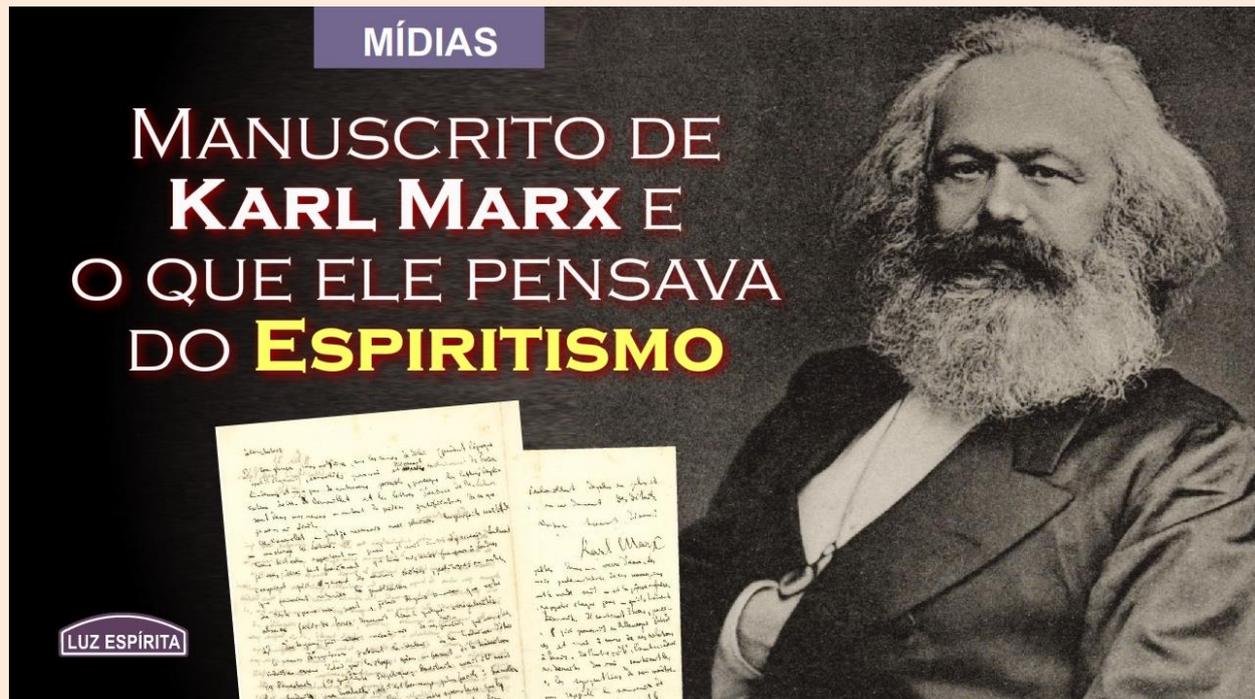
Logo mais vai estar na Bélgica, onde dirige o jornal *La rénovation religieuse* [A renovação religiosa] de dois padres dissidentes franceses então convertidos ao Espiritismo: cônego Mouis e padre Junqua.

A veia anticlerical continua mais ativa do que nunca, posto o que se lê no erótico *Manual dos confesores* [Manuel des confesseurs] — um conteúdo tão chocante que o governo belga condenou o editor a 1 ano de prisão e lhe cobrou 500 francos de multa. O editor escapa para a Suíça em 1875 e depois se verá em San Remo, Itália, onde lançará a sua versão francesa do manual comunista de Marx.



Concedida a anistia aos comunas em 1879, Maurice regressa à capital francesa. Em 3 de setembro, assiste ao casamento de sua primogênita Amélie com Joseph Cotton de Bennetot (1852-1917). Antes que o ano finde, ele prepara o livro de memórias *A Comuna* [La Commune] em parceria com Felix Pyat, cujo lançamento ocorre em 1880, mesmo ano da não menos atrevida obra *Histoire de l'Inquisition* [História da Inquisição].

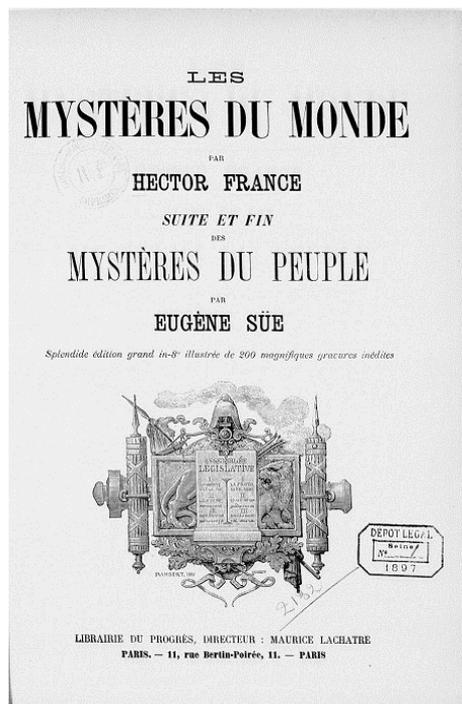
²¹ Saiba mais em https://aterraeredonda.com.br/apontamentos-sobre-a-primeira-edicao-francesa-do-capital-ii/#_ednref6 (visto em 29/08/2022)



Maurice Lachâtre não foi simplesmente o editor oficial da versão francesa de *O Capital*, de Karl Marx — tarefa com a qual qualquer profissional de seu ramo poderia se ocupar; ele fizera-se amigo do autor e militante de sua causa (o comunismo marxista), claro, sem saber da história do “charlatão abominável”. E, com isso, nada mais natural que eles mantivessem uma ativa correspondência. Pois numa dessas cartas, datada de 11 de fevereiro de 1873, o ideólogo comunista comenta com o amigo editor sobre uma das publicações deste publicista: “Quanto à sua última obra, não posso julgá-la porque dela só tive um primeiro contato. Mas ela está infestada, como o socialismo francês de sua época, de sentimentalismo. Ela mistura isso ao espiritismo que eu detesto.”

A obra em questão é *Mistérios do povo*, de Eugène Sue. Esse “sentimentalismo” particular do socialismo francês a que Marx se refere diz respeito ao modelo dito “utópico”, uma versão romântica e ingênua das soluções para os conflitos sociais que o marxismo repudiou desde o seu princípio, posto que para Marx e correligionários as soluções não podiam vir de uma convenção geral, da união dos esforços de todas as classes, mas somente da revolução orquestrada pelos trabalhadores contra o patronato e a burguesia em geral. Daí a razão de ele detestar o Espiritismo — que é uma doutrina de fraternidade universal e absolutamente contrária a qualquer exclusão humana.

Ver <https://espiritismoemmovimento.blogspot.com/2020/11/manuscrito-de-karl-marx-e-o-que-ele.html>



Após outras publicações do mesmo naipe, ele entrega a administração de sua livraria ao seu genro Henri Oriol, esposo de Marie-Ange. O rapaz, todavia, não foi bem-sucedido na empreitada e seu sogro retoma o negócio para si e cuida de reeditar o *Novo Dicionário Universal*, de 1881, e de bancar o trabalho de Hector France (escritor conhecido por suas narrativas eróticas) que entre 1898 e 1899 redigirá *Les Mystères du monde [Os Mistérios do mundo]*, uma sequência planejada por Eugène Sue para a série *Mistérios do Povo*.

Antes de finalizar a série dos *Mistérios do Mundo*, uma sucessão de eventos familiares e pessoais animará sua vida: sua primogênita, Amélie, lhe dará o primeiro neto em 9 de junho de 1882, nascido em Beautiran (cercanias de Bordeaux) e registrado como Jean Cotton de Bennetot — portanto, somente com o sobrenome do pai; o segundo neto, Henri, irmão de Jean, veio dois anos depois, carregando o mesmo nome de família do pai; no ano seguinte, ou seja 1885, malgrado seus 71 anos de idade Lachâtre vai registrar mais uma filha, Blanche Genre, nascida em Vincennes no dia 24 de julho, sendo sua mãe Marie-Aurélie Genre (1860 – 1916), natural de Ouhans, uma comuna francesa próxima à fronteira com a Suíça. Outro amor clandestino de Lachâtre? Pois é, e talvez nem tão passageiro como se possa pensar, já que três anos depois do nascimento de Blanche o segundo fruto do casal dá o ar da graça: Maurice Genre, nascido a 17 de dezembro de 1888 em Fontenay-sous-Bois, região metropolitana de Paris. Como ele administrou tudo isso? — outra incógnita.

Detalhe: como a prole do publicista só vingou na casa da primeira filha, Amélie, e seus descendentes adotaram os nomes da família paterna, o sobrenome Lachâtre desse troco parou ali em Maurice mesmo.

Se sua prole não lhe rendeu o sobrenome, o velho Lachâtre terá ainda em vida a satisfação de ver seu nome tomado emprestado, em 1887, para

registrar uma rua em Le Muy²² — conquanto não passasse de uma viela; de qualquer forma, era uma homenagem.

Com o avançar da idade, ele concentra seus últimos esforços no ofício a que vocacionou grande parte de sua vida: as letras. Sua jornada de escritor termina com a trilogia *Dictionnaire-Journal [Dicionário-Jornal]* iniciada em 1898 e concluída no ano adiante, concomitantemente com o começo da elaboração da *Nouvelle encyclopédie universelle illustrée [Nova Enciclopédia Ilustra]* que não ele não terá tempo de terminar, dado seu falecimento em 1900; seu secretário editorial André Girard — um fiel anarquista — dará continuidade à redação desta enciclopédia, rebatizando-a como *Dictionnaire la Châtre [Dicionário La Châtre]*, finalizando-a em 1907 e a publicando como obra póstuma em 4 volumes.

Aos 85 anos, fechou os olhos irremediavelmente em 9 de março de 1900. Seu nome apareceu em necrólogos de alguns periódicos, como no *Le Monde Artiste [O Mundo Artístico]*, que assim redigiu:²³

Anunciamos a morte do Sr. Maurice Lachâtre, escritor comunista, autor do *Dicionário universal* e de numerosas obras de história sobre o Consulado e o Império, sobre a Restauração, sobre a Inquisição etc.

Lachâtre nasceu em Issoudun em 1814. Editor em Paris, republicano ardente, foi condenado pelo Império (1856) devido a publicação dos famosos *Mistérios do povo*, de Eugène Sue, a um ano de prisão e 6.000 francos de multa.

Dois anos mais tarde, seu dicionário lhe custou uma nova condenação a cinco anos de prisão.

Estabeleceu-se em Barcelona. Reapareceu sob a Comuna, colabora com o *Vengeur*, de Pyat, retorna à Espanha para escapar da repressão e depois da anistia funda uma editora em Paris.

Le Monde Artiste, 18 de março de 1900

Issoudun, a cidade natal do livreiro, irá lhe dedicar uma rua semanas após sua morte. Essa Rua Maurice Lachâtre foi rebatizada pelos nazistas em 1942, mas retomaria a homenagem após o fim da Segunda Guerra Mundial, continuando assim até nossos dias. Uma rua também pequena, mas que abriga um importante colégio local cujo título é cai agradaria muito ao filho

²² Ver em <https://goo.gl/maps/b32smEVeJsuV95tx8> (visto em 12/05/2022).

²³ Ver em www.shorturl.at/syzC9 (visto em 11/05/2022).

rebelde da cidade: Collège Denis Diderot.²⁴



Rua Maurice Lachâtre em Issoudun

A capital francesa não lhe deu nenhum logradouro, mas a rua que separa as cidades de La Courneuve e Drancy, na região metropolitana da Grande Paris, figura a placa “Rue Maurice Lachâtre”.²⁵

Sua livraria — Docks de la librairie — durará até 1914, tocada por sua filha Marie-Ange (a primeira bastarda) e alguns jovens jornalistas simpatizantes das mesmas causas, dos quais vai se destacar mais Henri Fabre.

O legado de Maurice Lachâtre está para ser mais bem apreciado, seja pela sua obra como editor, dicionarista, enciclopedista, seja pela sua contribuição ao Espiritismo, inclusive sua versão espírita — ao que, com relação a esta derradeira faceta, aqui nos dispomos a contribuir.

Sob o aspecto histórico principalmente, de que temos conhecimento, o melhor trabalho biográfico sobre ele se encontra no livro *Maurice Lachâtre, éditeur socialiste (1814-1900)*, escrito por François Gaudin, professor de Ciências da Linguagem da Faculdade de Rouen, França, lançado em 2014 pela editora Lambert-Lucas.²⁶ Gaudin deparou-se com a interessante e complexa história de Lachâtre a partir de suas pesquisas dedicadas ao

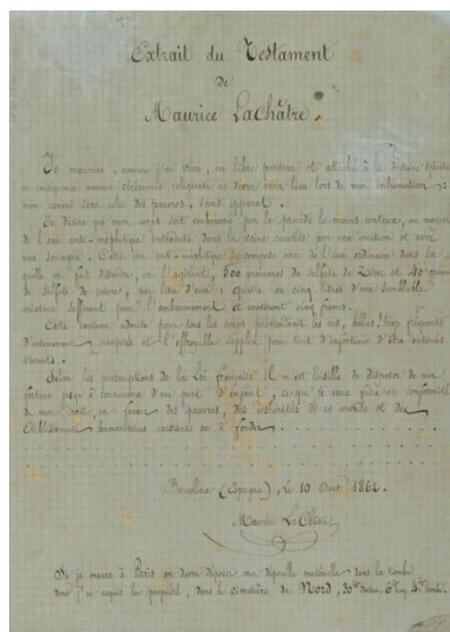
²⁴ Ver em <https://goo.gl/maps/ENBYtKWmCG3hDmDw5> (visto em 12/05/2022).

²⁵ Ver em <https://goo.gl/maps/E7nFpoMdPiAUeJ3J6> (visto em 12/05/2022).

²⁶ Saiba mais em <http://lambert-lucas.com/livre/maurice-lachatre-editeur-socialiste-1814-1900> (visto em 12/05/2022).

desenvolvimento dos dicionários e enciclopédias no século XIX, por conta da disciplina que ele leciona, sem com isso deixar de levar em conta a relação do personagem tratado com a doutrina espírita. Desta maneira, sua minuciosa escavação historiográfica nos brinda com dados até então inéditos e de mais alta relevância para compreendermos melhor a relação entre Lachâtre e a Doutrina Espírita, por exemplo: o empreendimento bancário em sociedade com Rivail e o desalento do editor revolucionário para com o Espiritismo nos anos derradeiros de sua passagem carnal, não obstante — anota François Gaudin — ele ainda se referisse à morte como a “volta ao mundo dos Espíritos”, em franco contraste com a tendência ateísta e materialista de seus correligionários socialistas.

Em 2021 foi anunciada na internet a abertura de um leilão público de vários documentos relacionados a Lachâtre, incluindo cartas manuscritas e um extrato do seu testamento, pelo qual ele descrevia seus últimos desejos, exprimindo: “[...] Morrerei, como vivi, como livre pensador e apegado à doutrina espírita; portanto, nenhuma cerimônia religiosa deve ocorrer durante meu sepultamento: meu comboio será o dos pobres, sem pompa...” Ele então dá instruções detalhadas para o embalsamamento de seu cadáver e termina determinando a distribuição de parte de sua fortuna para os pobres e desprovidos, bem como para instituições humanitárias existentes ou a serem fundadas.²⁷ Só que essa redação é de 10 de outubro de 1862, enquanto ele ainda estava no exílio em Barcelona. Certamente ele atualizou suas disposições testamentárias, acomodando a família crescente e — talvez — repensando sua opinião quanto às ideias espíritas.



No Brasil, em 2012 foi criada uma entidade intitulada Instituto Lachâtre²⁸ com a finalidade — segundo sua descrição institucional — de

²⁷ Ver em <https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/405214391092450> (visto em 12/05/2022).

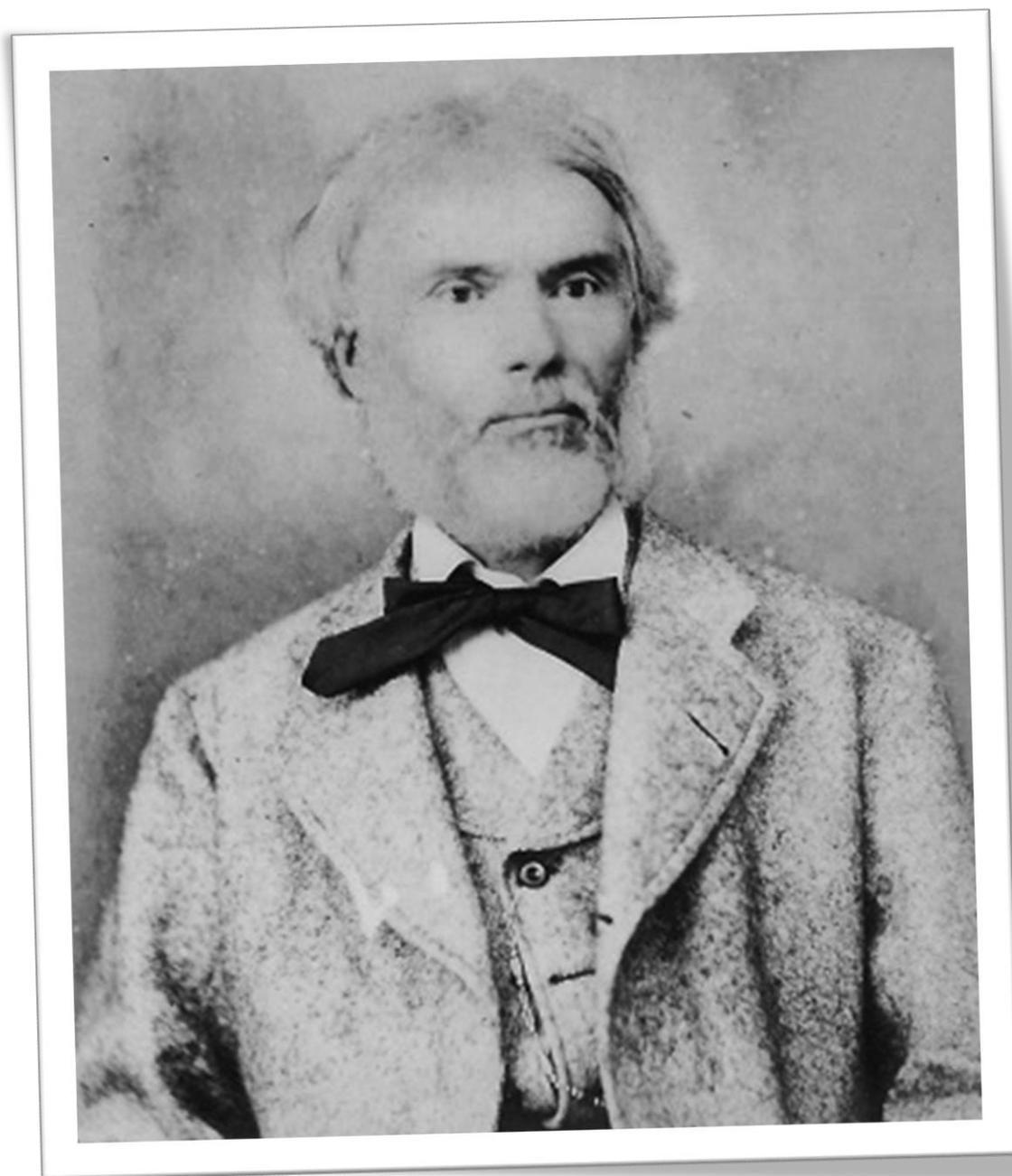
²⁸ Site oficial: <http://www.lachatre.org.br> (visto em 12/05/2022).

“difundir o espiritismo, como foi definido por Allan Kardec, de maneira ampla por todos os meios que estiverem ao seu alcance.” O nome evocado para rotular a instituição é explicada da seguinte forma:

“Ao definir a personalidade de Maurice Lachâtre, adepto do espiritismo, revolucionário, escritor e editor do século 19, como patrono do Instituto, buscase, entre outras coisas, defender valores vivenciados pelo referido personagem, pensador que une a atividade intelectual de editor e escritor à ação revolucionária de transformação do mundo em que vive, que não teme rever conceitos, se os considera ultrapassados, para adotar novos princípios e que não busca projetar seu próprio nome para reconhecimento público, mas dedica-se a difundir as ideias e ideais que acredita possam melhorar a sociedade em que vive, independente dos nomes que as assinam.”

A questão implicante aqui é decifrar quão “adepto do espiritismo” era esse patrono e, por conseguinte, distinguir quais “valores vivenciados pelo referido personagem” realmente se vale a pena sustentar.

Vejamos isso então adiante.

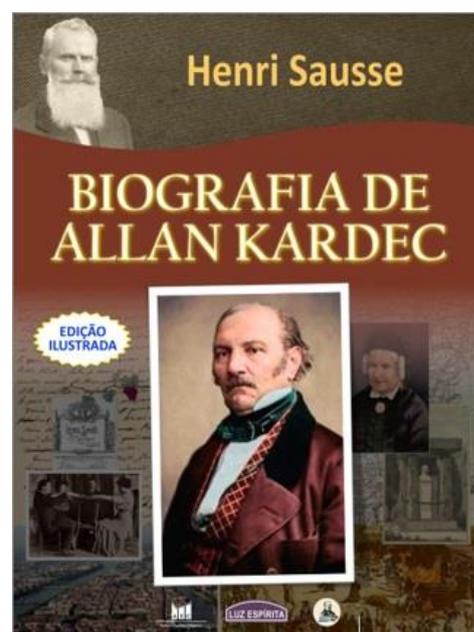


Maurice Lachâtre aos 58 anos

Kardec segundo Lachâtre

Para se conhecer minimamente uma doutrina, além de dominar os seus fundamentos teóricos, faz-se mister perscrutar sua procedência, o contexto histórico do seu desenvolvimento. Ora, é inseparável a História do Espiritismo da vida e da obra de Allan Kardec, que temos como o Codificador Espírita. E, conquanto seja um fato quase desconhecido, muito do que o movimento espírita preservou da biografia kardequiana se deve a Maurice Lachâtre.

Não é raro encontrarmos menções à obra *Biografia de Allan Kardec*²⁹ de Henri Sausse (originalmente publicada em 1896, reeditada em 1910 e substancialmente aumentada em 1927) como a primeira obra biográfica sobre o Mestre espírita. De fato, pelo que nos consta, este opúsculo foi sim o primeiro livro exclusivamente a tratar da vida e obra de Kardec. Entretanto, sem demérito a Sausse — em quem reconhecemos um grande arauto do Espiritismo — a sua composição não foi a primeira do gênero; antes de seu lançamento (1896, enfatizamos), Anna Blackwell prefaciara o *The Spirits' Book* (1876), sua tradução para o inglês de *O Livro dos Espíritos*, com um texto biográfico sobre aquele autor; antes da Srta. Blackwell, a primeira edição pós-Kardec da *Revista Espírita* (maio de 1869) publicou um artigo contendo uma breve descrição histórica do seu ex-diretor recém-falecido (Kardec falecera em 31 de março daquele ano).

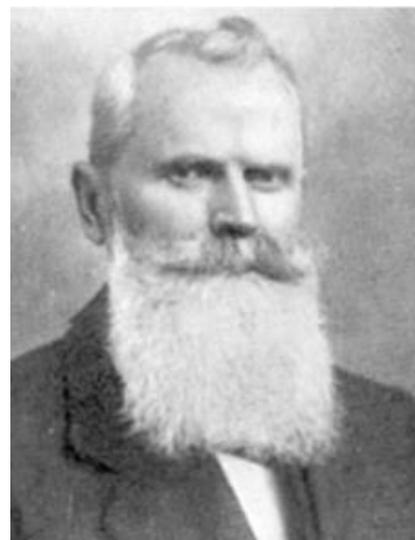


²⁹ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=189>.

Porém, antes mesmo desta homenagem, encontra-se no *Novo Dicionário Universal* de 1865, publicado por Maurice Lachâtre, o verbete “Allan Kardec”, no qual, finalmente, podemos considerar como a primeira fonte de informações biográficas diretamente atribuída ao pioneiro espírita — o que nos autoriza dizermos que **Lachâtre é o primeiro biógrafo de Kardec**. Acrescente-se a isso um elemento por demais relevante: esta composição biográfica foi escrita e publicada com o personagem em vida. E mais: o próprio Kardec participou de sua elaboração — senão foi, ele mesmo, seu autor, como sondaremos adiante.

É bem verdade que o conteúdo do dicionário-enciclopédia de Lachâtre ficou praticamente desconhecido do movimento espírita — e do público em geral, mesmo na França — das gerações seguintes ao seu lançamento. Com isso, o que a tradição espírita preservou mesmo de fonte biográfica de seu codificador foi a obra de Sausse. Pobre Maurice! Caiu no anonimato.

Todavia, não é inoportuno falar que grande parte dos créditos de Sausse deve a Maurice, bem como de outros tantos biógrafos de Kardec, pois foi o enciclopedista revolucionário quem despontou nesta tarefa, que serviu de base para outros tantos trabalhos — ainda que indiretamente, pois quando informações de Kardec são citadas tendo como fonte a biografia escrita por Henri Sausse, é preciso ver aí uma terceirização, já que este bebeu da fonte de Lachâtre.



Henri Sausse (1852-1928)

Então, para melhor nos situarmos nesse quadro histórico, vejamos o que consta na composição de Maurice Lachâtre sobre a vida e a obra de Allan Kardec, publicada no *Novo Dicionário Universal*, de 1865, que traduzimos conforme segue:³⁰

ALLAN KARDEC (Hippolyte-Léon-Denizard *Rivail*): Chefe e fundador da doutrina dita *espírita*, nascido em Lyon, em 3 de outubro de 1804, originário de Bourg-en-Bresse, departamento do Ain. Embora filho e neto de advogados, e de

³⁰ Ver em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6122855b/f208.item.texteImage#>. A transcrição do texto original em francês está disponível em <https://espiritismoemmovimento.blogspot.com/2020/11/allan-kardec-por-maurice-lachatre.html>.

uma antiga família que se distinguia na magistratura e advocacia, ele não seguiu essa carreira; desde cedo se dedicou ao estudo das ciências e da filosofia. Aluno de Pestalozzi, na Suíça, tornou-se um dos eminentes discípulos daquele célebre pedagogo e um dos propagadores de seu sistema de educação, que exerceu uma grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. É nessa escola que se desenvolveram as ideias que deviam mais tarde colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livres pensadores. Nascido na religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que ele teve de suportar a esse respeito lhe fizeram, desde a idade de quinze anos, conceber a ideia de uma reforma religiosa, para a qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas lhe faltava o elemento indispensável para a solução desse grande problema. O Espiritismo veio mais tarde lhe fornecer e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos. Por volta de 1850, tão logo se tratou das manifestações dos espíritos, Allan Kardec se entregou às observações perseverantes sobre esses fenômenos e se dedicou principalmente a deduzir deles as consequências filosóficas. Neles entreviu, antes de tudo, o princípio de novas leis naturais: aquelas que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; reconheceu na ação deste último uma das forças da natureza, cujo conhecimento devia lançar luz sobre uma série de problemas reputados insolúveis, e compreendeu o alcance disso sob o ponto de vista científico, social e religioso. Suas principais obras sobre essa matéria são: *O Livro dos Espíritos*, para a parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu em 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho Segundo O Espiritismo*, para a parte moral (abril de 1864); *O Céu e o Inferno*, ou a Justiça de Deus segundo o espiritismo (agosto de 1865); a *Revista Espírita*, jornal de estudos psicológicos, coleção mensal iniciada em 1 de janeiro de 1858. Ele fundou em Paris, a 1 de abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída sob o nome de *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, cujo objetivo exclusivo é o estudo de tudo o que pode contribuir para o progresso dessa nova ciência. O próprio Allan Kardec nega ter escrito sob a influência de ideias preconcebidas ou sistemáticas; homem de um caráter frio e calmo, ele observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; primeiro ele lhe deu a teoria e dela formou um corpo metódico e regular. Demonstrando que os fatos falsamente classificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, ele os coloca na ordem dos fenômenos da natureza e destrói assim o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição. Durante os primeiros anos em que tratou dos fenômenos espíritas, essas manifestações foram mais um objeto de curiosidade do que um assunto de meditações sérias; *O Livro dos Espíritos* fez encarar a coisa sob outro aspecto; então, deixou-se as mesas girantes — que não tinham sido mais do que um prelúdio — e se concentrou num corpo de doutrina que abarcava todas as questões que interessavam à humanidade. Da aparição de *O Livro dos Espíritos* data a verdadeira fundação do espiritismo, que, até então, não possuía senão elementos dispersos sem coordenação e cujo alcance não poderia ter sido compreendido por todo mundo; desse momento também a doutrina fixa a atenção dos homens sérios e toma um desenvolvimento rápido.

Em poucos anos, essas ideias encontraram numerosos partidários em todas as faixas da sociedade e em todos os países. Esse sucesso sem precedente se deve, sem dúvida, às simpatias que essas ideias têm encontrado, mas deve-se também em grande parte à clareza — que é uma das características distintivas dos escritos de Allan Kardec. Em abstendo-se das fórmulas abstratas da metapsíquica, o autor soube pôr-se ao alcance de todo o mundo e se fazer lido sem fadiga, condição essencial para a popularização de uma ideia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação — de uma lógica precisa — oferece pouca margem à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo fornece da existência da alma e da vida futura tendem à destruição das ideias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina, e que decorre do precedente, é o da *pluralidade das existências*, já vislumbrado por uma série de filosofias antigas e modernas, e nestes últimos tempos por *Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue* e outros; mas permanecera no estado de hipótese e de sistema, enquanto o espiritismo demonstra a sua realidade e prova que é um dos atributos essenciais da humanidade. Desse princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem sabe, assim, de onde vem, para onde vai, para qual objetivo está na Terra e por que ele aqui sofre. As ideias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha ascendente dos povos e da humanidade, pelos homens dos tempos passados que revivem após ter progredido; as simpatias e as antipatias, pela natureza das relações anteriores; essas relações, que reconectam a grande família humana de todas as épocas, dão por base as mesmas leis da natureza, e não mais uma teoria, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal. Ela toca, aliás, diretamente na religião, na medida em que, a *pluralidade das existências* sendo a prova do progresso da alma, destrói radicalmente o dogma do inferno e das penas eternas, incompatível com esse progresso; com esse dogma antiquado tombam os numerosos abusos dos quais foi a fonte. Ao invés do princípio: *Fora da Igreja não há salvação*, que fomenta a divisão e a animosidade entre as diversas seitas, e que fez derramar tanto sangue, o espiritismo tem por máxima: ***Fora da caridade não há salvação***, quer dizer, a igualdade entre todos os homens diante de Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua. Em lugar da *fé cega* que anula a liberdade de pensar, ele diz: *Não há fé inquebrantável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade. Para a fé, é preciso uma base, e essa base é a inteligência perfeita daquilo no que se deve crer: para acreditar não basta ver, é preciso sobretudo compreender. A fé cega não é mais deste século; ora, é exatamente o dogma da fé cega que produz hoje o maior número de incrédulos, pois ela quer se impor e exige a abdicação de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbítrio.* (O Evangelho segundo o Espiritismo). A doutrina espírita, tal qual ela ressalta das obras de Allan Kardec, contém em si os elementos de uma transformação geral nas ideias, e a transformação das ideias leva forçosamente à da sociedade. Desse ponto de vista, ela merece a atenção de todos os homens de progresso. Como sua influência já se estende

sobre todos os países civilizados, ela dá à personalidade de seu fundador uma importância considerável, e tudo faz prever que, num futuro talvez próximo, ele será colocado como um dos reformadores do século XIX.

Nouveau Dictionnaire Universel, Maurice Lachâtre,
Tomo Primeiro, verbete 'Allan Kardec', p. 199.

É crucial — nunca será demais dizer — termos em conta que Allan Kardec participou da produção desta enciclopédia lachatreana, a exemplo de outros escritores colaboradores,³¹ o que nos induz a pensarmos que a composição deste verbete é praticamente uma autobiografia. Ainda que o editor tenha mexido no texto, ou mesmo que tenha escrito o esqueleto deste verbete, e que Kardec tenha apenas enriquecido a peça com alguns dados ou somente revisado, o fato é que ele, Kardec, como protagonista do verbete, com certeza sancionou a publicação — tanto é que ele vai elogiar aquele *Novo Dicionário Universal* fortemente. Em suma: Kardec ratificou o texto e todas as informações biográficas ali expressas, correto?

Ah, mas vamos pensar melhor sobre isto, por favor.

Para nós, a hipótese mais plausível é que aquele verbete tenha sido escrito por Kardec; ainda assim, como editor da enciclopédia — e o responsável legal pelo conteúdo geral da obra —, Lachâtre tinha a obrigação de revisá-lo e, caso necessário, interferir na composição. E é bem possível que o tenha feito, considerando que a narração começa com dois epítetos que o pioneiro espírita não costumava atribuir a si mesmo, quais sejam: “chefe” e “fundador da doutrina”.

Todavia, não é ridícula a hipótese de o grosso do texto ter sido escrito por Lachâtre e apenas revisado e complementado por Kardec. E aqui está o ponto capital que desejamos frisar, e ao mesmo tempo justifica a possibilidade de o editor do *Novo Dicionário Universal* escrever sobre o codificador espírita: é que Maurice conhecia bem Rivail (Allan Kardec). Já vimos aqui: os dois foram sócios de um banco, um empreendimento financeiro, e, portanto, é inadmissível se pensar que, no mínimo, não houvesse entre eles confiança e princípios de uma amizade. Amigos se

³¹ Ver na *Revista Espírita* de janeiro de 1866 o artigo ‘O Espiritismo tem lugar reservado na filosofia e nos conhecimentos usuais’.

conversam, contam suas experiências de vida, sonhos, ideais... Desenvolto como era Maurice e sábio como era Rivail, não podemos supor outra coisa senão que ambos tiveram prosas esticadas e profundas, permitindo se conhecerem intimamente. Ainda que o pedagogo fosse tímido, o livreiro certamente era perscrutador, donde não lhe seria difícil saber que desde cedo Rivail interessava-se por “unificar as crenças”.

* * *

Como visto, a composição deste verbete traz bem menos da vida pessoal de Allan Kardec do que mesmo da doutrina que ele codificou. Quando podemos ouvir ele nos sussurrando ao ouvido: pouco importa o mensageiro, mas sim a mensagem. Ainda assim, já é alguma coisa, para fazer frente as desinformações e até mesmo calúnias que os adversários do Espiritismo levantavam contra o grande líder espírita, na falta de argumento contra uma doutrina excelsa.

* * *

Permitamo-nos discorrer melhor sobre a fidelidade das informações a respeito de Allan Kardec contidas na obra de Lachâtre — sobretudo aquelas que tocam em questões mais subjetivas. Isto é muitíssimo importante porque, por exemplo, não é difícil encontrarmos quem conteste muitos dados oferecidos por certos biógrafos de Kardec, algumas vezes pelo simples pretexto de que elas foram escritas muito tempo depois da sua desencarnação e, portanto, sem uma fonte muito confiável para respaldar os enunciados.

A biografia escrita por Henri Sausse, para começar, diz que Rivail era “doutor em medicina tendo feito todos os estudos médicos e brilhantemente apresentado sua tese”, informação que, até que provem ao contrário, consiste num erro crasso — ao lado de outros dados equivocados, de acordo com o apanhado de pesquisas posteriores. Doravante, tudo o mais descrito por Sausse passou a ficar sob suspeita até que evidências lhe

viesses corroborar. De certa forma, ele perde o benefício da dúvida: agora é preciso dispor de uma boa prova para citar Sausse com segurança. E quem pode estar totalmente seguro dos traços que ele descreve de Kardec como sendo um moço “de humor jovial na intimidade”, se não temos outro depoimento semelhante de alguém que tenha sido íntimo do codificador? Anna Blackwell, por sua vez, dirá que era muito sério.

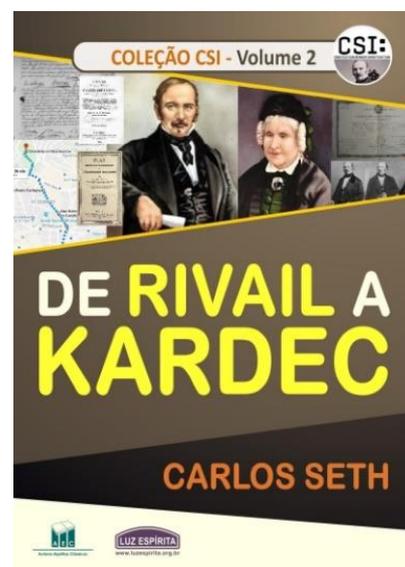
Ora, Sausse não conheceu pessoalmente o personagem biografado; também admitiu bastante dificuldades para encontrar fontes e depoimentos de quem convivera com Kardec, meio século depois da sua desencarnação. Suas informações, enfim, são de terceira-mão.

Eis, entretanto, que as informações oferecidas por Henri Sausse e que tenham sido replicadas a partir da obra de Lachâtre, estas passam a ter a seguridade de uma fonte muito confiável. Ou seja, Maurice Lachâtre resgata a dignidade de Henri Sausse em face das informações semelhantes oferecidas por eles. Desde isso, o ônus da prova recai sobre quem contestar suas informações.

Veja no capítulo seguinte o comparativo de algumas informações sobre Kardec oferecidas por Lachâtre e outros escritores.

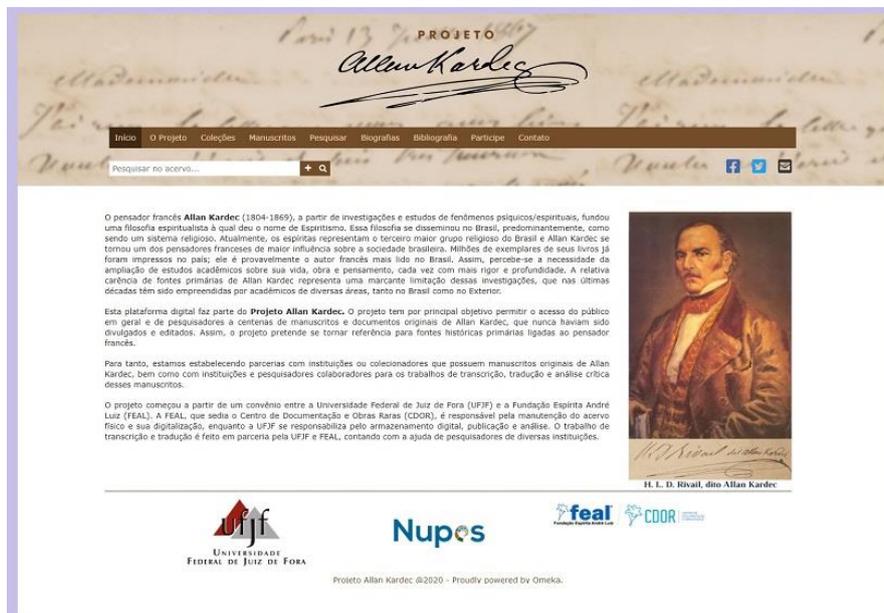
* * *

Quanto mais remota a época, normalmente menos informações podemos ter sobre personagens e eventos históricos. Com o desabrochar da internet e o compartilhamento das informações a coisa melhorou um pouco. Sobre Allan Kardec, por exemplo, uma série de registros e documentos podem ser rastreados, como o fez Carlos Seth em *De Rivail a Kardec*³². Fotocópia de certidão de batismo, de nascimento, de casamento, de óbito e registro de propriedades são boas pistas históricas que estão



³² Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=180>.

cada vez mais acessíveis na rede mundial de computadores, pelo que podemos traçar a trajetória de uma pessoa observando onde ela viveu, estudou, trabalhou; a posição social que ocupou, pelas posses acumuladas, pelos títulos recebidos etc. Quanto à vida privada e seus pensamentos mais particulares, contudo, a coisa é mais complicada; as fontes mais recorrentes são: autobiografia ou citações de contemporâneos, como as biografias por terceiros. Neste quesito, pesa muito o grau de intimidade que o biógrafo teve como o personagem ou com testemunhas confiáveis. Nesse contexto, o verbete “Allan Kardec” publicado por Maurice Lachâtre em *Novo Dicionário Universal* é uma peça histórica das mais qualificadas para descrever a personalidade do Espírito encarregado de alicerçar a Terceira Revelação. E para quem carecer de mais sustentação a respeito, além dos livros publicados pelo próprio Rivail/Allan Kardec, outra boa dica é o acervo de seus documentos pessoais disponibilizados pelo **Projeto Allan Kardec** da Universidade Federal de Juiz de Fora.³³



<https://projelokardec.ufjf.br>

* * *

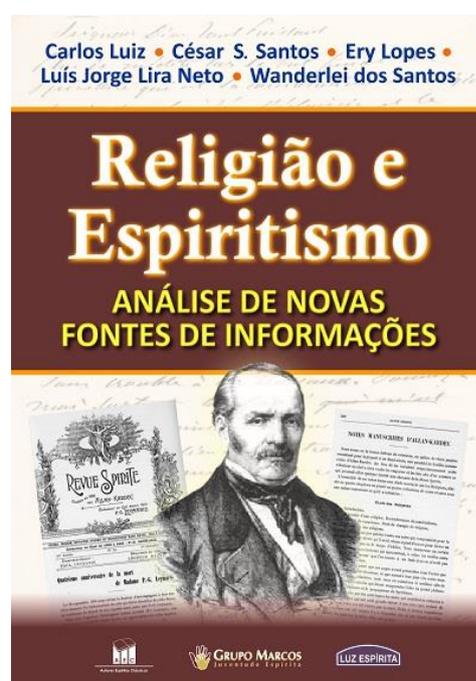
Do estudo da personalidade kardequiana, o que salta aos nossos olhos dentre as informações oferecidas por Lachâtre é o seu profundo interesse

³³ Portal oficial do Projeto Allan Kardec da UFJF: <https://projelokardec.ufjf.br>.

nas questões espirituais e na solução para os conflitos das crenças. Recordemos, sobre isso, o que exprime o verbete da enciclopédia lachatreana:

Nascido na religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que ele teve de suportar a esse respeito lhe fizeram, desde a idade de quinze anos, conceber a ideia de uma reforma religiosa, para a qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas lhe faltava o elemento indispensável para a solução desse grande problema.

Era inato em Kardec o sentimento religioso; não no sentido apegado às religiões tradicionais com seus dogmas, liturgias, sacramentos e rituais exteriores; era um sentimento elevado de unidade com Deus e com a fraternidade espiritual, pelo que era incompreensível as disputas igrejeiras. Mas qual seria esse elemento indispensável para a união das crenças? O mesmo verbete responde: “O Espiritismo veio mais tarde lhe fornecer e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos.” Esta contribuição de Lachâtre vem derrubar as pretensões daqueles que imaginam e pregam que Kardec era, como a maioria dos homens das ciências de seu tempo, um cético, um racionalista puro, avesso à espiritualidade e mesmo avesso às religiões. Para uma reflexão ainda mais profunda sobre isso, ver *Religião e Espiritismo: análise de novas fontes de informações*, da autoria conjunta de Carlos Luiz, César S. Santos, Ery Lopes, Luís Jorge Lira Neto e Wanderlei dos Santos.³⁴



Temos aqui, pois, duas personalidades distintas — praticamente opostas: uma, a de Rivail/Kardec, numa busca mais ou menos serena por uma maior integração com a divindade e a fraternidade universal; outra, a de Lachâtre, numa luta mais ou menos perturbada contra os princípios espirituais e um certo furor contra as instituições e contra os religiosos.

³⁴ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=185>.

Bem podemos imaginar as pelepas teóricas entre eles, e melhor ainda podemos conceber quem foi mais feliz com seus propósitos.

* * *

Para todos os efeitos, quando dizemos “Kardec segundo Lachâtre”, em intitulado este capítulo, bem se pode entender “Kardec por ele mesmo, graças a Lachâtre”. Por isso, podemos continuar fazendo nossos estudos sobre a personalidade do mestre espírita a partir deste material com a segurança de estarmos usufruindo de uma fonte primária confiável.

Obrigado, Maurice Lachâtre, por nos ter proporcionado isso.

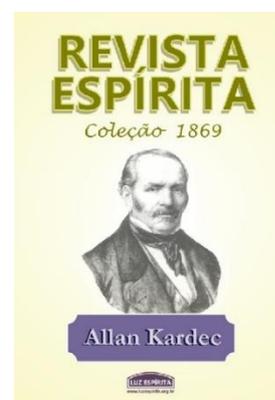
Comparativo das informações biográficas sobre Allan Kardec

Basta uma rápida conferida pelas principais biografias de Allan Kardec escritas pelos confrades das primeiras gerações espíritas e veremos em todas elas, ainda que indiretamente, a contribuição de Maurice Lachâtre nas composições, sem ser lembrado pelos créditos das informações biográficas que ele nos legou.

Como visto aqui, o verbete “Allan Kardec”, contido no *Novo Dicionário Universal* em 1865, consiste no primeiro texto biográfico dedicado ao Codificador do Espiritismo, e o único com a contribuição direta do próprio personagem biografado, que, portanto, estava vivíssimo e encarnado quando da publicação da obra. E para ressaltar ainda mais a importância desta feita, faremos aqui um esboço comparativo dos dados fornecidos por esta composição lachatreana (senão como autor, pelo menos como revisor e editor promotor do texto) com algumas composições.

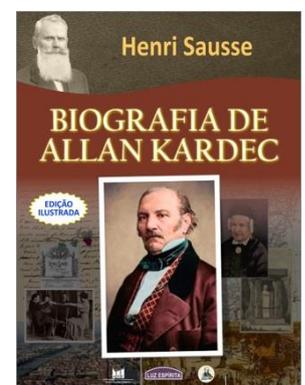
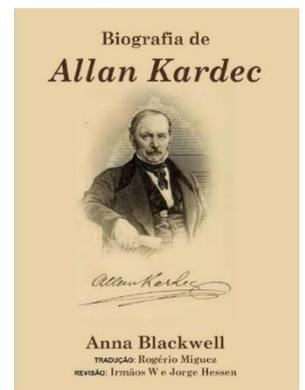
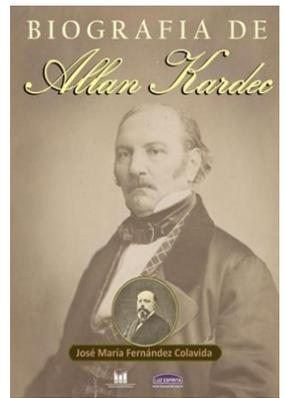
Citaremos aqui, além de Lachâtre, as seguintes composições:

- Artigo ‘*Biografia do Sr. Allan Kardec*’, publicado na *Revista Espírita*, edição de maio de 1869,³⁵ o primeiro fascículo editado após a desencarnação de Kardec, então sob a direção de Armand Desliens, primeiro sucessor na direção daquele jornal. Convém lembrar que o número da revista referente ao mês de abril já havia sido produzido por Kardec, falecido em 31 de março daquele ano.



³⁵ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=172>.

- Artigo '*Biografia do Sr. Allan Kardec*', publicado no primeiro número da **Revista Espiritista** de Barcelona, Espanha, datada de maio de 1869,³⁶ dirigida por José María Fernández Colavida, e que em grande parte replica o artigo anteriormente citado. O curioso é que esta edição espanhola sai um mês antes da francesa. Então, fica a pergunta: quem replicou de quem?
- Prefácio de Anna Blackwell para sua tradução de **O Livro dos Espíritos** para a língua inglesa (*The Spirits' Book*), publicada em 1876.³⁷ Faz bem tomarmos nota de que a senhorita Blackwell, inglesa, era amiga do casal Kardec, membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e, antes mesmo de o movimento espírita despontar, já era iniciada nos estudos do Magnetismo.³⁸
- **Biografia de Allan Kardec**, de Henri Sausse, 4ª edição, revisada e ampliada, publicada em 1927 pelas Edições Jean Meyer,³⁹ que é o primeiro livro dedicado exclusivamente à vida e obra do codificador do Espiritismo; composição originalmente elaborada em 1896 para um discurso em homenagem a mais um aniversário da desencarnação de Kardec.⁴⁰



Esporadicamente, cruzaremos aqui essas principais composições com dados provindos de outras fontes que, embora não tenham se ocupado diretamente em biografar Kardec, enriquecem nossos conhecimentos a respeito.

³⁶ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=43>.

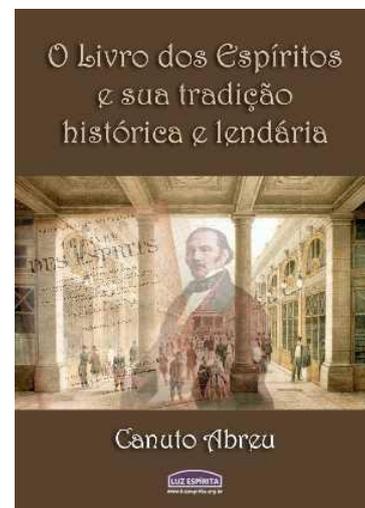
³⁷ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=156>.

³⁸ Ver <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Anna%20Blackwell>.

³⁹ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=189>.

⁴⁰ Ver mais em <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Henri%20Sausse>.

Parece-nos muito cabível fazermos aqui a seguinte observação: um dos mais notáveis estudiosos espíritas do século XX foi o Dr. Canuto Abreu: advogado, farmacêutico e médico; ele se notabilizou no movimento espírita pelo esforço de garimpar um grande acervo de obras e documentos espíritas, inclusive muitos manuscritos de Allan Kardec — que hoje compõem o Projeto Allan Kardec da UFJF.⁴¹ Pois então, entre 1953 e 1954, ele escreveu uma série de artigos que foi publicada no jornal *Unificação* (órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo) sob o título ***O Livros dos Espíritos em sua Tradição Histórica e Lendária***,⁴² que posteriormente foi lançada em um único volume, de título homônimo à série. Até por conta de seu acervo, com textos e outros documentos originais do codificador espírita, muita gente tomou esta narrativa — cujo título explicita conter uma “tradição lendária” — como referências históricas. Hoje sabemos, através de pesquisas bem apuradas, que muitas das informações descritas nesta obra não condizem com a realidade. Portanto, sem que pretendamos depreciar o trabalho de Canuto Abreu, não faremos uso do referido livro como fonte histórica.



Finalmente, vamos às comparações biográficas.

Nome civil

A questão do nome civil de Kardec, ou melhor, Rivail, já foi objeto de muitas indagações entre pesquisadores espíritas, inclusive, por ocasião da concessão da sua herança à viúva Kardec, foi preciso um processo jurídico para defini-lo oficialmente.⁴³ Isso porque há diversas variações nos seus documentos pessoais (registro de nascimento, batistério, certidão de casamento etc.). Enfim, a decisão judicial declarou que o seu nome legal

⁴¹ Saiba mais em [https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Canuto Abreu](https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Canuto%20Abreu).

⁴² Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=155>.

⁴³ Ver [https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Allan Kardec#civ](https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Allan%20Kardec#civ).

seria “Denisard Hippolyte Léon Rivail”.

Como não estamos diretamente submetidos à justiça francesa, preferimos grafar o nome civil de Allan Kardec tomando por base a forma expressa que ele próprio utilizou exatamente na composição publicada por Maurice Lachâtre, apenas retirando os traços: **Hippolyte Léon Denizard Rivail**.

A forma grafada no *Novo Dicionário Ilustrado* de Lachâtre é a mesma transcrita por Anna Blackwell.

Letra a letra, a composição publicada na *Revista Espírita* segue este mesmo modelo.

Já Colavida, optou pela forma “Léon Hypolyte-Denizart Rivail”.

Em sua obra, Henri Sausse vai grafar o nome de Rivail de diversas formas, algumas vezes por força de reproduzir os documentos com suas variações. Por exemplo, reproduzindo o registro de nascimento, ele vai trazer a forma “Denisard Hippolyte-Léon Rivail”; no registro de batismo, “Hippolyte Léon Denizard”; no registro de casamento, “Hippolyte-Léon-Denizart Rivail”.

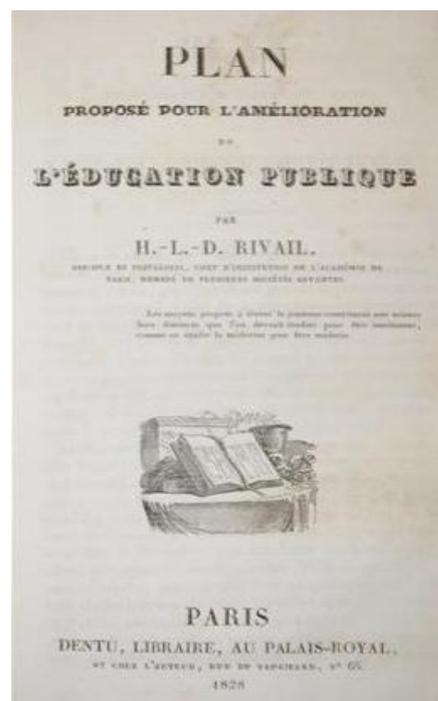
Interessante também observar que Léon Denis, prefaciando a 4ª edição da obra de Sausse, vai se gabar do que ele destaca assim (negrito por nossa conta):

Ressaltamos que meu nome está enlaçado naquele de Allan Kardec, que, na verdade, se chamava Hippolyte **Léon Denizard** Rivail. Os amantes de números e de nomes predestinados podem encontrar aí matéria para seus comentários.

Prefácio de Léon Denis em *Biografia de Allan Kardec*, Henri Sausse. 4ª edição

Vale a pena lembrar que as obras didáticas do Prof. Rivail eram assinadas com a insígnia “H.-L.-D. Rivail” (ver exemplo na imagem à direita), correspondendo à ordem descrita na obra lachatreana: Hippolyte Léon Denizard Rivail.

Veja mais detalhes sobre este tópico no



relatório "*Kardec e a divergência na forma de escrever o seu nome civil - atualização*", publicado pelo pesquisador espírita Paulo Neto.⁴⁴

Nascimento

Maurice Lachâtre nos dá a informação quanto ao dia e local de nascimento de Rivail: 3 de outubro de 1804, em Lyon, sendo seguido por todas as principais biografias aqui utilizadas, exceto a composição de Anna Blackwell, que acrescenta um dia à data conferida (4 de outubro, sugere ela, talvez tomando equivocadamente a data de quando foi feito o registro de nascimento em vez da data natalícia de Kardec).

Enquanto Lachâtre, Colavida e a *Revista Espírita* se limitaram à data e à cidade natal, a composição de Henri Sausse reproduz o Registro de Nascimento, que contém ainda o horário: às 19h. Ademais, essa transcrição adita o endereço exato do nascimento — não obstante aquele documento informar este como sendo o endereço dos pais do recém-nascido; na verdade, o endereço informado (Rua Sala nº 76) correspondia a uma casa de maternidade especializada em tratamento para gestações especiais (principalmente casos delicados) à base de águas minerais.

Procedência familiar

Em Lachâtre, temos a informação que Kardec era “originário de Bourg-en-Bresse, departamento do Ain – Filho e neto de advogados, e de uma antiga família que se distinguiu na magistratura e advocacia.”

Tanto Colavida quanto a *Revista Espírita* vão dizer a mesmíssima coisa sobre este tópico: “De uma antiga família que se destacava na magistratura e no fórum”, praticamente repetindo Lachâtre.

Na biografia escrita por Anna Blackwell, encontramos uma formulação mais bem trabalhada: “de uma antiga família de Bourg-en-Bresse, que havia

⁴⁴ Disponível em <https://espiritismoemmovimento.blogspot.com/2021/06/kardec-e-divergencia-na-forma-de.html>.

honrosamente se distinguido durante muitas gerações na magistratura e no tribunal. Seu pai, como seu avô, era um advogado de boa reputação e alto caráter.”

Na vez de Henri Sausse, ele vai dizer algo semelhante: “Grande número de seus ancestrais tinha se distinguido na advocacia e na magistratura, por seu talento, saber e sua escrupulosa probidade.” Porém, adiante, ele comete uma pequena falha ao dizer que a família Rivail era “lionesa”; sabemos hoje que, como afirmam Lachâtre e a Srta. Blackwell, aquela família era mesmo instalada em Bourg-en-Bresse, uma comuna⁴⁵ não muito distante de Lyon (aproximadamente 60 km). Tal falha certamente partiu do que constava no registro de nascimento, que traz ainda os nomes dos progenitores e outros detalhes: “Jean-Baptiste-Antoine Rivail, magistrado, juiz, e de Jeanne Duhamel, sua esposa, residentes em Lyon, rua Sala nº 76.” Por isso, nenhuma razão para condenarmos Sasse, que, além do mais, tem o mérito de ser mais detalhista que os precedentes.

Noutro ato falho, quando ao falar do casamento de Rivail e Amélie, Sausse dá domicílio aos pais do noivo no endereço do Château-du-Loir, que na verdade era a residência dos pais da noiva. Nada sério, claro.

Batizado

Henri Sausse é o único a discorrer sobre a cerimônia de batismo de Rivail. Ele reproduz o batistério registrado pela Paróquia de Saint-Denis de la Croix-Rousse (São Denis da Cruz Vermelha), diocese de Lyon, que data o sacramento como efetuado em 15 de junho de 1805.

Vocação profissional

Ao destacar a carreira típica da família Rivail, “que se distinguia na magistratura e advocacia”, acrescenta o dicionário lachatreano que o jovem

⁴⁵ Na França, uma comuna corresponde a uma unidade territorial e administrativa, equivalente a um município no Brasil.

Denizard (futuro sistematizador do Espiritismo) “desde cedo se dedicou ao estudo das ciências e da filosofia”. Eis, pois, algo muito particular, que só poderia ter sido dado por alguém próximo ao personagem em questão, ainda mais porque era muito comum nos séculos passados um filho (sobretudo um filho único) seguir a carreira dos seus ancestrais — como ainda hoje não é raro. Vê-se então um quê de vocação fortemente impressa no espírito daquele missionário de Jesus.

Essa inclinação vocacional não deixou de constar nas biografias publicadas por Colavida e pela *Revista Espírita*, que dizem, em perfeita harmonia, que desde a juventude o jovem Kardec “sentiu-se inclinado ao estudo da ciência e da filosofia.” Difícil notar aqui a influência do enciclopedista?

Mais adiante, ainda sobre a vocação do menino predestinado, tanto o editor espanhol quanto a revista francesa vão acrescentar: “Dotado de uma notável inteligência e inclinado ao ensino pelo seu caráter e suas aptidões especiais, desde a idade de 14 anos ele ensinava o que sabia a todos aqueles colegas seus que haviam adquirido menos do que ele. Foi nesta escola que se desenvolveram as ideias que o colocariam mais tarde na classe dos homens de progresso e livre-pensadores.”, algo também bastante parecido com o que possivelmente seu autor leu de Lachâtre, que escreveu:

“Aluno de Pestalozzi, na Suíça, tornou-se um dos eminentes discípulos daquele célebre pedagogo e um dos propagadores de seu sistema de educação, que exerceu uma grande influência sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha. É nessa escola que se desenvolveram as ideias que deviam mais tarde colocá-lo na classe dos homens de progresso e dos livres pensadores.”

A seu turno, Anna Blackwell destaque que, além da paixão natural pelo ensino, o jovem Rivail tinha uma afeição especial pela botânica, tanto que “costumava passar um dia inteiro entre as montanhas, caminhando vinte ou trinta milhas, com uma mochila nas costas, em busca de espécimes para seu herbário”. Depois, destoando um pouco das narrativas anteriores, a amiga do casal Kardec escreve que o aluno de Pestalozzi, tendo terminado os estudos na Suíça, retornou à França em 1824 “com a intenção de se dedicar

ao Direito; mas vários atos de intolerância religiosa a que ele inesperadamente se viu submetido levaram-no a renunciar à ideia de encaixar-se em um tribunal.”

Será? Bom, nada estranho, como uma breve sondagem profissional, considerando o histórico familiar e as condições de trabalho da época.

Detalhe: Blackwell diz que ele “retornou à Lyon”, dando a entender que fosse daquela cidade, quando temos que sua origem é Bourg-em-Bresse e que da Escola de Pestalozzi ele veio se estabelecer diretamente em Paris.

E eis que igualmente Henri Sausse — tudo leva a crer que influenciado pela colega espírita inglesa — vai sondar o interesse do rapaz pela carreira do Direito, dizendo: “Parece que o jovem Rivail devia sonhar, ele também, com os louros e glórias da sua família. Entretanto, não foi assim, pois desde sua primeira juventude ele se sentira inclinado para as ciências e para a filosofia. Notem bem que ele começa a frase com um “parece”.

Estudos e formação

Vejamos agora o tópico biográfico sobre os estudos e a formação de nosso personagem.

Vimos que Lachâtre afirma que Kardec foi aluno de Pestalozzi e que “se tornou um dos eminentes discípulos daquele célebre pedagogo e um dos propagadores de seu sistema de educação”, salientando a grande influência de tal modelo educacional sobre a reforma dos estudos na França e na Alemanha.

Pois este trecho é replicado quase que *ipsis litteris* na composição constante tanto na **Revista Espiritista** quanto na **Revista Espírita**, que oferece o seguinte: “Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdon (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.”

No prefácio da senhorita inglesa, também consta que Kardec foi educado na Instituição de Pestalozzi e que “dedicou-se, a partir dos

quatorze anos, a ajudar nos estudos dos seus colegas de escola menos avançados do que ele.”

Neste tópico, Sausse inova em relação aos colegas: ele acompanha a informação das aulas de reforço aos colegas menos instruído, mas começa dizendo que antes dos estudos com Pestalozzi, o jovem Rivail teria feito “os primeiros estudos em Lyon” e, depois, que ele frequentemente substituíra o mestre Pestalozzi na direção da escola quando o titular era “chamado pelos governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes àquele de Yverdon.” E Sausse arrebatava: “o discípulo tornado mestre tinha, além de tudo, com os mais legítimos direitos, a capacidade requerida para conduzir bem a tarefa que lhe era confiada.”

Onde será que Sausse foi buscar essa informação?

Mas tem mais! Diz Henri Sausse que Kardec “Era bacharel em letras e em ciências, doutor em medicina tendo feito todos os estudos médicos e brilhantemente apresentado sua tese; era um distinto linguista, conhecia a fundo e falava corretamente o alemão e o inglês; conhecia também o holandês e podia facilmente se exprimir nesta língua.”

Kardec médico? — Não, Sausse; até que se prove o contrário, não!

Religiosidade

Qual era o pensamento do jovem Rivail a respeito de religião?

Segundo Maurice Lachâtre, ele era profundamente interessado no assunto. Diz o ex-sócio de Kardec: “Nascido na religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que ele teve de suportar a esse respeito lhe fizeram, desde a idade de quinze anos, conceber a ideia de uma reforma religiosa, para a qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas lhe faltava o elemento indispensável para a solução desse grande problema. O Espiritismo veio mais tarde lhe fornecer e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos.”

É bem o mesmo que consta na publicação de Colavida, da *Revista*

Espírita e no prefácio de Anna Blackwell.

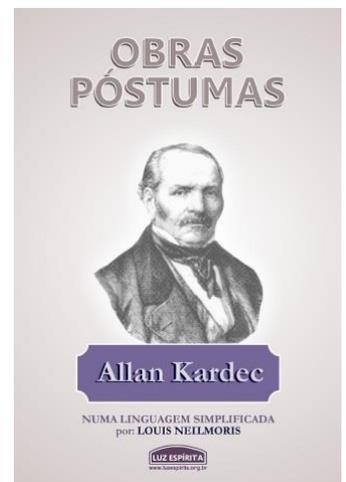
Sausse é mais econômico neste ponto: “As dificuldades que experimentou no início, sendo ele católico em um país protestante, levaram-no desde cedo a amar a tolerância e fizeram dele um verdadeiro homem de progresso, um sábio livre pensador, querendo primeiramente entender antes de acreditar no que lhe ensinavam.” Portanto, ele omite o “trabalho em silêncio” que o jovem filósofo desenvolvia para oferecer uma solução para os problemas das divergências das crenças — o que só poderia encontrar com a Revelação Espírita, como se daria tempos depois.

Seria muito interessante sabermos que trabalhos eram esses, não?

Em todo o caso, saberemos, através das anotações do próprio Kardec, publicadas em **Obras Póstumas**,⁴⁶ como se deu a resolução “daquele grande problema”:

“Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos ainda por meio de revelações do que de observações. Como fizera até então, apliquei a essa nova ciência o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; procurava chegar às causas pelos efeitos, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, somente admitindo uma explicação como válida quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi naqueles fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Em suma, era toda uma revolução nas ideias e nas crenças...”

Obras Póstumas, Allan Kardec – 2ª parte: ‘Extratos, in extenso, do livro das previsões concernentes ao Espiritismo’, ‘A minha primeira iniciação no Espiritismo’



Características físicas

Quanto às características físicas de Allan Kardec, somente dois biógrafos trataram da questão. Sausse e Blackwell.

O primeiro não teve o privilégio de conhecer o mestre pessoalmente e,

⁴⁶ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=7>.

por isso, a dificuldade de descrever sua fisionomia. No entanto, conviveu com vários contemporâneos do codificador espírita (por exemplo: Alexandre Delanne e seu filho Gabriel Delanne, Berthe Fropey, Léon Denis) e daí pôde colher os dois adjetivos que lhe atribuirá em sua biografia: Kardec era “alto” e “belo”.

Já a tradutora inglesa, que era do convívio íntimo dos Kardec, não se furiou a este detalhe e assim o figurou: “Fisicamente, Allan Kardec estava um tanto abaixo da média de altura. Fortemente constituído, com uma cabeça grande, redonda, maciça, características bem-marcadas e olhos claros e cinza, ele se parecia mais com um alemão do que com um francês.”

Vejam que há uma controvérsia quanto à altura de Kardec.

Temperamento

E quanto ao temperamento de Kardec? Como era ele no trato com as pessoas em geral? Que postura adotava frente aos que cultivavam antipatia contra a Doutrina Espírita? Vamos lá...

Lachâtre, como é sabido, não ligou para esses aspectos mais particulares de Kardec. De igual maneira, a biografia publicada pela revista de Colávida e a colega francesa se eximiram de qualificativos pessoais.

Henri Sausse arriscou um “de humor jovial na intimidade”, um tanto em contraste com o quadro pintado por Anna Blackwell, que, ela sim, investiu bem na descrição do temperamento kardequiano: “Enérgico e perseverante, mas de um temperamento que era calmo, cauteloso e sem imaginação quase com a frieza, incrédulo por natureza e pela educação, bem próximo de um lógico pensador, e eminentemente prático em pensamento e ação, ele era igualmente livre de misticismo e de entusiasmo. Desprovido de ambição, indiferente ao luxo e à exibição, a renda modesta que adquiriu do ensino e da venda de suas obras educativas era suficiente para o simples estilo de vida que ele havia adotado e permitiu-lhe dedicar todos os lucros decorrentes da venda de seus livros espíritas e da *Revista Espírita* à propagação do movimento iniciado por ele.” De certa forma, esta descrição

parece dúbia nalguns pontos, mas em resumo, para ela, Kardec era sério e simples, sem ambição e gentil.

Ainda sobre este tópico, vale a pena lembrar o episódio narrado pelo filósofo espírita Léon Denis sobre seu primeiro encontro com o mestre:

Havíamos alugado um salão para recebê-lo, mas a polícia imperial, suspeitando de nós, interditou a utilização da sala. Tivemos que nos reunir no jardim de um amigo, sob o brilho das estrelas. Éramos cerca de trezentas pessoas, de pé, amontoados, pisoteando os canteiros, todavia jubilosos de ver e ouvir o Mestre, sentado no meio de nós, frente à uma pequena mesa, que nos falava do fenômeno das obsessões.

No dia seguinte, quando eu ia lhe oferecer meus préstimos, encontrei-o naquele mesmo jardim, montado num banquinho e colhendo cerejas que ele entregava à Madame Allan Kardec. Essa cena bucólica e repleta de charme contrastava com a seriedade das personagens.

Biografia de Allan Kardec – Henri Sausse: ‘Prefácio de Léon Denis’.

Enfim, todo um status, toda uma influência, toda uma autoridade doutrinária e, simplesmente, um homem comum, no sentido de isenção de orgulho, vaidade e pretensão!

Serviço militar

Somente Henri Sausse, dentre os biógrafos aqui evocados, se dá ao trabalho de dizer por que Allan Kardec não prestou serviço militar. Diz ele: “Tendo cumprido a conscrição para o serviço militar, ele obteve isenção”. Sausse não justifica a dispensa, mas sabemos que o jovem Rivail era filho único de uma viúva — motivo legal suficiente para aquela isenção.

Madame Kardec

Como falar de Allan Kardec sem citar Madame Kardec?

Pois é, mas somente Henri Sausse e a Srta. Blackwell cuidaram disso.

Segundo a biógrafa inglesa, “sua excelente esposa aliviou-o de todos os cuidados domésticos e mundanos, e assim o permitiu consagrar-se inteiramente à obra a que ele próprio se julgara chamado e que ele

continuou com devoção inabalável, com exclusão de todas as desnecessárias ocupações, interesses e companhias, desde o momento em que ele iniciou a obra até a sua morte.” Curioso é que Blackwell omite o nome da amiga, sempre se referindo a ela “a esposa”.

Da sua parte, Henri Sausse oferece muito mais. Primeiramente ele conta como o professor Rivail a encontrou, aproveitando para reluzir as qualidades da moça: “No mundo das letras e do ensino, que frequentava em Paris, Denizard Rivail encontrou a senhorita Amélia Boudet, que era professora com diploma de 1^a classe. Pequena, mas bem afeiçoada, gentil e graciosa, rica por seus pais e filha única, inteligente e viva, por seu sorriso e predicados ela soube fazer-se notar pelo Sr. Rivail, em quem adivinhou, sob o homem amável de alegria franca e comunicativa, o pensador sábio e profundo aliando uma grande dignidade à melhor urbanidade.”

Além disso, Sausse reproduz o documento civil da futura primeira-dama do Espiritismo e, com isso, dá aos seus leitores o nome completo dela (Amélie Gabrielle Boudet), sua data natalícia (22 de novembro de 1795) e local (Thiais, Sena), bem como os nomes dos seus pais (Julien-Louis Boudet, proprietário e antigo tabelião, e de Julie Louise Seignat de Lacombe).

Graciosamente, Sausse ainda junta que naquele tempo “a senhorita Amélia Boudet tinha, portanto, nove anos a mais que o Sr. Rivail, mas na aparência tinha menos dez que ele.”

Casamento

Novamente, temos Henri Sausse na exclusividade de um tópico biográfico de Kardec. Ele registra que o matrimônio contraído por Amélie e Rivail foi firmado em 6 de fevereiro de 1832, em Paris.

Fatos e curiosidades

Coloquemos em pauta alguns fatos interessantes sobre a vida e obra de Kardec oferecidos pelas fontes aqui trabalhadas em destaque.

O primeiro é o de que o Professor Rivail era membro de muitas sociedades científicas, entre as quais a Real Academia de Arras, que no concurso de 1831 o coroou por uma memória notável sobre a questão: “Qual é o sistema de estudo mais em harmonia com as necessidades desta época?” — fato esse quase unanimemente reproduzido pelas biografias, ficando de fora apenas do verbete publicado por Lachâtre.

Unicamente Anna Blackwell nos conta o seguinte fato: Kardec teve audiências com o monarca de sua nação em seu tempo. Relata ela: “Entre os milhares que lhe visitaram, muitos eram de alto nível nos mundos: social, literário, artístico e científico. O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era um mistério, solicitou a sua presença várias vezes e realizou longas conversas com ele nas Tuileries⁴⁷ sobre as doutrinas de ***O Livro dos Espíritos***.”

Também é somente Anna quem nos informa que Kardec “participou ativamente dos trabalhos da Sociedade do Magnetismo”. Entretanto, isto permanece a ser confirmado, pois nossas pesquisas em periódicos e outros registros das entidades de estudos magnéticos não localizaram, até o momento, o nome do professor Rivail como um dos seus membros. Agora, se não é certo que ele fez parte de alguma sociedade magnética, é fato que ele se interessava e estudava esta ciência desde sua juventude, como ele mesmo afirmara na ***Revista Espírita*** de maio de 1858,⁴⁸ assim:

“Em nossa opinião, a ciência magnética, que professamos há 35 anos, deveria ser inseparável da seriedade.”

Revista Espírita – junho de 1858: ‘Variedades - Os banquetes magnéticos’

Convém dizer que Anna adentrou no Espiritismo em sequência aos seus estudos e experimentos na ciência do Magnetismo, figurando-se, ela sim, em registros de atividades de sociedade magnética. Portanto, ela era entrosada no círculo dos magnetizadores. Por que então o nome de Rivail não aparece nesses registros?

⁴⁷ Palácio das Tuileries foi uma antiga residência e sede do escritório da realeza francesa, cuja construção teve início em 1564, com Catherine de Medici, sendo destruído em 1871 durante a revolução conhecida como Comuna de Paris.

⁴⁸ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=72>.

Bem, nossa pesquisa continua.

Agora, de Henri Sausse, vamos trazer três dados: 1) Rivail foi arruinado financeiramente por um tio (seu sócio no Instituto Técnico Rivail), que era viciado no jogo, e depois por um negociante, então designado para investir o lucro (45 mil francos) da venda do referido Instituto; 2) Rivail teria juntado uma pequena fortuna com a vendagem de seus livros didáticos; 3) O nome de Rivail era conhecido e respeitado.

Comentaremos só esta última curiosidade fornecida por Sausse: a fama e, por consequência, a reputação do Professor Rivail parece ter sido supervalorizada pelo biógrafo. É compreensível que o discípulo queira elevar o seu mestre, mas não faz bem exagerarmos, sob o risco de cairmos no ridículo sobre uma questão, aliás, inexpressiva. O fato é que, como Allan Kardec, sim, ele se tornou uma celebridade — e, diga-se de passagem, também em função da oposição que se levantou contra o Espiritismo.

Trabalhos profissionais

Sucinto como foi o verbete de Lachâtre quanto aos assuntos pessoais de Kardec, já era de se esperar que ali não constasse dados das atividades profissionais de Rivail — muito menos da sociedade que eles formaram para o negócio do banco de trocas.

Mas na composição de José María Fernández Colavida e do artigo da *Revista Espírita* nós temos o mesmo teor seguinte: “Depois de concluir seus estudos, ele veio para a França. Como conhecia a língua alemã em profundidade, traduzia para esta nação diferentes obras sobre educação e moral, sendo as obras de Fenelon as suas prediletas, visto estar totalmente seduzido por elas.”

Em suma, as atividades de tradutor, professor, diretor de escola e escritor pedagogo foram evidenciadas também por Anna Blackwell e Henri Sausse. Outras fontes históricas nos dizem ainda que Rivail também atuou na contabilidade de alguns empreendimentos, por exemplo, em teatros e no *L'Univers*, um jornal católico ultraconservador — conforme o relato da

médium Céline Japhet ao pesquisador espiritualista russo Alexandre Aksakof.⁴⁹

Magnetismo

Na codificação espírita, Kardec por diversas vezes deixa patente o vínculo entre o Espiritismo e o Magnetismo. Apesar disso, o texto biográfico publicado por Lachâtre nada menciona sobre isso, assim como no verbete “Magnetismo”, inserido naquela mesma enciclopédia, não há menção à pessoa do codificador espírita.

Colavida, que foi um magnetizador respeitado no movimento espírita espanhol, também pulou esse quesito. O texto biográfico da *Revista Espírita* idem.

A biógrafa inglesa, como já visto aqui, informou que ele participou ativamente dos trabalhos da Sociedade do Magnetismo, destacando ainda: “dedicando muito tempo à investigação prática do sonambulismo, transe, clarividência e de vários outros fenômenos relacionados à ação mesmérica.”

Em sua obra, Sausse diz que Rivail havia se iniciado no estudo do sonambulismo aos 19 anos, ou seja, em 1823 — condizente com a declaração pessoal de Kardec, de acordo com a citação trazida no tópico ‘Fatos e curiosidades’.

Iniciação no Espiritismo

É controversa a data da iniciação de Rivail nas pesquisas que o conduziram à missão de codificar o Espiritismo.

Esta é a versão da enciclopédia de Maurice Lachâtre: “Por volta de 1850, tão logo se tratou das manifestações dos espíritos, Allan Kardec se entregou às observações perseverantes sobre esses fenômenos e se dedicou principalmente a deduzir deles as consequências filosóficas.”

⁴⁹ Saiba mais sobre isso em <http://www.decodificando-livro-espirtos.blogspot.com/2010/03/uma-controversia-em-detalhes.html>.

O mesmo ano de 1850 é cravado pelos outros biógrafos aqui evocados, com exceção de Sausse, que vai fixar a data da iniciação em 1854, quando primeiramente Rivail foi introduzido ao conhecimento dos fenômenos mediúnicos pelo Sr. Fortier, magnetizador e seu colega de estudos magnéticos. É também Sausse quem conta que a pesquisa espírita de Rivail vai partir dos 50 cadernos de anotações feitas pelo grupo de estudos dos senhores Carlotti, René Taillandier, Tiedeman-Manthèse, Sardou e Didier. Esses cadernos de anotações, por sinal, posteriormente seriam objetos de disputa entre a médium Céline Japhet e Allan Kardec, de acordo com a narrativa de Aksakof.⁵⁰ Sobre esses cadernos, recomendamos o trabalho de pesquisa *‘Qual grupo de estudo dos fenômenos espíritas forneceu os 50 cadernos para Allan Kardec?’* publicada pelo CSI do Espiritismo.⁵¹

Os quatro anos a mais dados por Sausse certamente se justificam por outra fonte que ele usou para compor sua versão biográfica de Kardec: ***Obras Póstumas***, onde lemos a própria narração do personagem tratado contando que foi em 1854 que soube dos estranhos fenômenos espirituais através do colega magnetista Fortier, sendo no ano seguinte, 1855, que efetivamente adentrou nos círculos mediúnicos e então começou seu trabalho na codificação espírita.

Ainda sobre este tópico, vemos a obra de Lachâtre colocar em evidência o seguinte: “Um dos princípios mais frutíferos desta doutrina, e que emana do que precede, é o da pluralidade de existências, já vislumbrada por multidão de filósofos antigos e modernos, e nestes últimos tempos por Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugenio Sue e outros; mas ela tinha ficado no estado de hipótese e sistema, enquanto o Espiritismo demonstra a realidade e prova que é um dos atributos essenciais da humanidade.”

Este mesmo trecho vai ser reproduzido por Colavida e pela ***Revista Espírita*** — o que não deixa dúvidas da influência do verbete lachatreano.

⁵⁰ Saiba mais sobre o filósofo e pesquisador espiritualista russo Alexandre Aksakof em <https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Alexandre%20Aksakof>.

⁵¹ Disponível em <https://www.obrasdekardec.com.br/post/qual-grupo-de-estudo-dos-fen%C3%B4menos-esp%C3%ADritas-forneceu-os-50-cadernos-para-allan-kardec>, reproduzida também em <https://espiritismoemmovimento.blogspot.com/2022/05/qual-grupo-de-estudo-dos-fenomenos.html>.

Pseudônimo

Qual a origem do pseudônimo “Allan Kardec”?

Nada encontramos em Lachâtre nem nos artigos biográficos das duas revistas com os quais temos trabalho aqui. Mas há uma indicativa no prefácio de Anna Blackwell, segundo a qual o autor de *O Livro dos Espíritos* atendeu a uma recomendação espiritual:

“Ao livro em que você incorporará nossas instruções, você dará, como nosso trabalho e não como o seu, o título de *O Livro dos Espíritos*, e você o publicará, não sob seu próprio nome, mas sob o pseudônimo de Allan Kardec. Mantenha seu próprio nome de Rivail para seus próprios livros já publicados, mas pegue e mantenha o nome que lhe oferecemos para o livro que você está prestes a publicar pela nossa ordem e, em geral, para todo o trabalho que você terá que fazer no cumprimento da missão que, como já lhe dissemos, foi confiada a você pela Providência, e que irá se abrir gradualmente diante de você enquanto você continuar nela sob nossa orientação.”

E então numa nota de rodapé, a Srta. Blackwell escreve sua explicação para o apelido adotado: “Um antigo nome bretão na família da sua mãe.”

Se havia relação do nome Allan Kardec com seus ancestrais maternos Sausse não diz nada, mas apresenta a mesma fonte da revelação: o Além. Vejamos sua versão:

“Certa noite, seu Espírito protetor Z lhe deu, através de um médium, uma comunicação toda pessoal, na qual lhe dizia, entre outras coisas, tê-lo conhecido em uma precedente existência, quando, ao tempo dos druidas eles viviam juntos nas Gálias; ele se chamava então Allan Kardec, e, como a amizade que lhe havia votado só se fazia aumentar, ele lhe prometia ajudá-lo na tarefa tão importante para a qual ele era solicitado e que facilmente levaria a efeito.”

A tal entidade Z aparece em *Obras Póstumas*: é Zéfiro. Lá está a transcrição de algumas de suas comunicações mediúnicas, mas nenhuma trata sobre esta revelação. Zéfiro — diz Kardec — era um tanto brincalhão, mas aqui e acolá dava bons conselhos. E completa: “Relacionamo-nos de pronto e ele me ofereceu constantes provas de grande simpatia. Não era um Espírito muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos

superiores, me auxiliou nos meus trabalhos. Depois, disse que tinha de reencarnar e dele não mais ouvi falar.”

Como a mensagem transcrita por Anna não tem assinatura do Espírito, é possível que se trate de Zéfiro.

Mas Sausse também dirá que a mesma revelação seria dada noutras ocasiões e em outros lugares: “Assim também se deu a respeito do seu pseudônimo; várias comunicações procedentes dos mais diversos pontos vieram constatar e corroborar a primeira comunicação obtida a esse respeito.” Uma dessas ocasiões teria sido em 12 de abril de 1860, por uma comunicação espontânea obtida na ausência de Allan Kardec durante uma sessão realizada na residência do Sr. Dehan, pelo intermédio do médium Sr. Crozet, igualmente confirmando sua missão de codificar a nova doutrina.

O grande apóstolo kardecista Léon Denis também reitera essa mesma procedência do cognome; em sua obra *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo VI, ele narra: “Foi nessas profundas fontes que Allan Kardec ilustrara seu espírito; foi com meios idênticos que ele viveu outrora. Não na Bretanha, talvez, mas antes na Escócia, segundo a indicação de seus guias. (...) Kardec ali aprendeu a filosofia dos Druidas; preparava-se no estudo e na meditação para as grandes empresas futuras. (...) Até o nome de Allan Kardec, que escolheu, até este dólmen erigido no seu túmulo por sua expressa vontade, tudo, digo eu, lembra o homem do visco do carvalho, que voltou a esta Gália para despertar a fé extinta e fazer reviver nas almas o sentimento da imortalidade.”

Numa obra de 1867, *Dictionnaire des Pseudonymes (Dicionário de Pseudônimos)* o autor Georges d'Heilly registra o item “Allan Kardec”, explicando que sua significação lhe havia sido dada pelo próprio Rivail:⁵²

“Quanto à escolha de seu pseudônimo, ele próprio [Allan Kardec] contou sua origem. Tinha-lhe sido revelado, diz ele, pelos espíritos, que numa encarnação bem anterior à vida presente, chamava-se realmente assim, e também, como tal, foi chefe de um clã bretão no século XII.”

Dictionnaire des Pseudonymes, Georges D'Heilly - p. 7

⁵² Ver: <https://books.google.gy/books?id=95JaAAAAcAAI&printsec=frontcover#v=onepage&q=kardec&f=false>.

Céline Japhet diverge em parte dessa história.

Só para constar, a então Srta. Japhet foi a principal médium de que Kardec se serviu para a composição da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Após este lançamento, aliás, ela rompeu relações com Kardec, chateada pelo que considerou “falta de reconhecimento pelo trabalho dela”, já que seu nome não foi citado no livro.

Na entrevista concedida a Aksakof (Ver nota referente ao tópico ‘Trabalhos profissionais’) ela conta que o pseudônimo é a junção de dois nomes, cada um provindo de uma reencarnação diferente do codificador espírita: “Allan” havia sido revelado a ela e “Kardec” ao médium Sr. Roze (talvez o mesmo Sr. Crozet citado por Henri Sausse). Ademais, Japhet acrescenta que o pseudônimo deveria ser adotado para não comprometer o vínculo de trabalho do contador Rivail com o jornal católico *L’Univers*. (Ver tópico ‘Trabalhos profissionais’.)

Ainda sobre este tema, também é interessante citarmos o caso de “Villarius”, outro sobrenome que Rivail possivelmente teria usado para assinar uma dita “edição zero” de *O Livro dos Espíritos*.⁵³

Forma de tratamento

Como os biógrafos trataram Kardec?

Maurice Lachâtre o chamou de “Chefe e fundador da Doutrina Espírita”. Colavida usou as formas “Venerável” e “Grande filósofo”.

Anna Blackwell se absteve de usar qualquer epíteto.

Em contrapartida, Henri Sausse foi pródigo neste quesito. Chamou-o de “Mestre” (muito comum entre os confrades das primeiras gerações espíritas), “Fundador da filosofia espírita”, “Grande Iniciador”, “Fundador do Espiritismo” e por aí vai. Não tardaria, porém, para se consagrar a alcunha “Codificador do Espiritismo”, ou “Codificador espírita”.⁵⁴

⁵³ Saiba mais em https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Allan_Kardec#cog.

⁵⁴ Ver https://luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=Codificador_Espirita.

Qualidades

Dito que o verbete lachatreano focalizou mais a obra que o obreiro, nada a estranhar que seu conteúdo não primasse pelos qualificativos a Allan Kardec. Sem embargo, ei-lo a definir: “O próprio Allan Kardec nega ter escrito sob a influência de ideias preconcebidas ou sistemáticas; homem de um caráter frio e calmo, ele observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; primeiro ele lhe deu a teoria e dela formou um corpo metódico e regular. Demonstrando que os fatos falsamente classificados de sobrenaturais estão submetidos a leis, ele os coloca na ordem dos fenômenos da natureza e destrói assim o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.”

Ainda de “frio” e “calmo”, o verbete vai reputar seu personagem como “metódico”, “escritor distinto pela clareza e pela lógica precisa”.

Um sendo praticamente uma cópia do outro, o artigo publicado por Colavida e o artigo da *Revista Espírita* vão qualificar o mestre como: “metódico e organizado”, “incisivo, conciso e profundo”, “honesto e íntegro”, “sábio inteligente e fecundo” e “trabalhador infatigável”.

Curioso é o caso do texto de Blackwell, que se estendeu bem na descrição fisionômica e no temperamento de Kardec e, no entanto, poupou os elogios.

Diferentemente dela, Henri Sausse não economizou nos predicados: “bom, generoso e gentil com todos”, “tolerante e calmo com os adversários”, “pensador profundo, leal, metódico, escritor talentoso e preciso”, “espírita esclarecido e confiante”, “filósofo sábio” e “trabalhador obstinado” estão entre os adjetivos mais usados pelo biógrafo.

Falecimento

Obviamente que o verbete do *Novo Dicionário Ilustrado* não versaria sobre a morte de Kardec, posto que este ainda estava encarnado quando a obra foi publicada (1865).

Os demais biógrafos vão dar conta do fatídico evento, ocorrido no dia 31 de março de 1869, também anotando, todos em sintonia, quanto à causa do falecimento: rompimento de um aneurisma, reportando ainda que Kardec estava nos preparativos finais para a mudança de endereço, do apartamento alugado na Passagem e Rua Sainte-Anne n° 59 para a casa própria na Vila de Ségur.

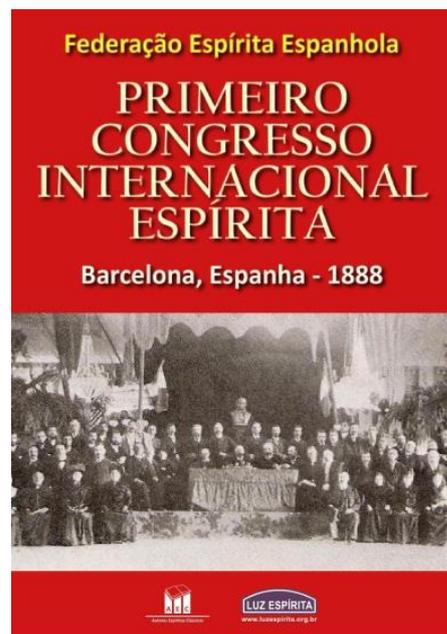
É mais ou menos o que também vai dizer Sausse e a tradutora inglesa; esta, por sua vez, detalha: “ele estava sentado em sua cadeira habitual em sua mesa de estudo, em um de seus quartos na Rua Sainte-Anne, amarrando um monte de papéis...”

A revista dos espíritas franceses e a dos espanhóis redigiram o seguinte necrólogo: “Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. (...) Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha...” e prossegue ressaltando a peleja do obreiro e a fragilidade do organismo físico esgotado, findando o artigo com um toque poético:

“Já não existe o homem, repetimo-lo. Entretanto, Allan Kardec é imortal e a sua memória, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com os que empunharem forte e vigorosamente o estandarte que ele soube sempre fazer respeitado. Uma individualidade pujante constituiu a obra. Era o guia e o farol de todos. Na Terra, a obra substituirá o obreiro. Os crentes não se congregarão em torno de Allan Kardec; congregar-se-ão em torno do Espiritismo, tal como ele o estruturou e, com os seus conselhos, sua influência, avançaremos, a passos firmes, para as fases ditasas prometidas à humanidade regenerada.”

* * *

Nesta lista de composições biográficas de Allan Kardec, nós bem poderíamos levar em conta o discurso de **Pierre-Gaëtan Leymarie**, pronunciado em 8 de setembro de 1888, durante o Primeiro Congresso Internacional Espírita, em Barcelona, Espanha. Porém, isso talvez só viesse enfadar o leitor, uma vez que Leymarie é muito impreciso nos dados que fornece do Mestre — o que nos obrigaria a interpolar quase que toda frase dele com uma observação a corrigir os equívocos ou a cobrar uma melhor explicação ou fonte de sustentação de tais afirmações. Aliás, é desta composição de Leymarie que Henri Sausse vai reproduzir que o codificador espírita havia se formado em medicina. Além disso, nosso objetivo aqui era comparar as primeiras e principais biografias que clara e substancialmente tivessem bebido da fonte de Maurice Lachâtre — o protagonista deste nosso trabalho — e não é bem o caso do discurso de Leymarie. Para todos os efeitos, os interessados podem lê-lo na obra no compêndio *Primeiro Congresso Internacional Espírita*, editado pela Federação Espírita Espanhola.⁵⁵



⁵⁵ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=179>.

Espiritismo segundo Lachâtre

Um profeta é descrito tecnicamente pelos dicionários como aquele que anuncia os desígnios divinos e prediz acontecimentos por inspiração de Deus. É, enfim, alguém enviado em missão para a espiritualização de um povo. Mas o verdadeiro profeta é aquele descrito na codificação espírita:

“O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podem reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. É impossível que Deus se sirva da boca do mentiroso para ensinar a verdade.”

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec – questão 624

Portanto, é preciso que o enviado se faça ser reconhecido pelas suas **palavras** e pelos seus **atos**.

Nestas condições, podemos dizer que Allan Kardec foi um profeta do Espiritismo, o maior deles até então. Outros vieram e mais outros virão, porque a doutrina é dinâmica e progressiva, todos eles obedecendo o preceito acima que distingue os profetas bem-sucedidos. É provável que outros tantos enviados tenham falido ou venham a sucumbir ante os seus compromissos, ou pelo menos deixam um pouco a desejar no cômputo das ações planejadas no processo reencarnatório. E os preceitos persistem: palavras e atos, o exemplo pessoal. Logo, Allan Kardec é um bom exemplo a ser seguido; outros “espíritas”, nem tanto...

Que o leitor não tome estas palavras como um anátema lançado a Maurice Lachâtre, mas é preciso dizer que a interpretação que ele fez do Espiritismo em dado momento consiste num modelo bastante deturpado com o padrão kardequiano, tomando por base suas próprias palavras, bem como a salada de ideologias que ele abraçou ao longo da vida e às quais ele tentou conciliar a Doutrina Espírita, malgrado a incompatibilidade entre

elas. E isso sem contar seu próprio estilo de vida.

O verbete “Allan Kardec”, por ele publicado no *Novo Dicionário Ilustrado* está bem ajustado com os princípios da codificação espírita, a exemplo do próprio verbete “Espiritismo” (que veremos adiante) colocado na mesma obra. Essa justeza doutrinária evidentemente tem a ver com o fato de Kardec pessoalmente ter colaborado com a redação. Todavia, posteriormente, vamos encontrar Lachâtre modelando a doutrina dos Espíritos em favor de seus apelos ideológicos particulares (veja a seguir). E isso carece ser distinguido, com todo o respeito à pessoa envolvida.

* * *

Primeiramente, vamos ao referido o verbete “Espiritismo”:

ESPIRITISME, s. m. Néol. Doctrine fondée sur la croyance à l'existence des esprits et à leurs manifestations. Le spiritisme renferme complètement le spiritualisme, plus la croyance aux manifestations des esprits, et l'un de ses dogmes principaux est celui des réincarnations. Les enseignements du spiritisme. Les Druides professaient le spiritisme. Les adeptes du spiritisme sont nombreux en France.

ESPIRITISMO, (substantivo masculino. Neologismo.) Doutrina fundada sobre a crença na existência de espíritos e de suas manifestações. O *espiritismo* contém completamente o espiritualismo, mais a crença nas manifestações dos espíritos, e um dos seus dogmas principais é o das reencarnações. Os ensinamentos do *espiritismo*. Os druidas professavam o *espiritismo*. Os seguidores do *espiritismo* são numerosos na França.

Surpreso com a brevidade do verbete? Nós ficamos, especialmente porque a composição dedicada a Allan Kardec é muitíssimo maior. Bom, talvez por isso o editor optou por ser mais sucinto aqui, até para não ser repetitivo.

Mas então, a partir daí, têm-se uma definição muito aberta e vaga do Espiritismo, dando margem às mais aventuras teóricas a respeito.

* * *

Duas décadas depois de publicar o *Novo Dicionário Ilustrado* com os verbetes “Allan Kardec” e “Espiritismo”, Lachâtre vai lançar a sua própria “codificação espírita” num volume intitulado *Le Spiritisme, philosophie nouvelle*, ou, em português: *O Espiritismo, uma nova filosofia*, tal como foi traduzido e publicado no Brasil, em 2014, pelo Instituto Lachâtre — já mencionado nesta obra. (final do capítulo ‘Maurice Lachâtre, o excêntrico’.)

Nesta obra, Maurice vai juntar num mesmo balaio os dogmas espíritas, como reencarnação e pluralidade dos mundos habitados, com ingredientes demasiadamente picantes tais quais o fourierismo, o socialismo marxista e o anarquismo. Sobre isso, aliás, confira na seção de Anexos desta nossa publicação a resenha de nosso confrade Jáder dos Reis Sampaio.

Só essa excentricidade do livreiro revolucionário pode explicar como ele tão facilmente salta do Espiritismo para o “Divinitismo”, ideia de uma religião utópica universal preconizada por Henri Lebouche em sua obra *Le Divinitisme*, editada por Lachâtre em 1884.⁵⁶

Ah, mas qual seria exatamente a incompatibilidade do Espiritismo com esse balaio de ingredientes explosivos?

Confira nosso entendimento no tópico seguinte.

Lachâtre versus Kardec

Pensamos ser assaz apropriado intitular este tópico assim — Lachâtre versus Kardec — porque, de um lado, ninguém melhor do que Lachâtre personifica uma campanha, ainda hoje forte dentro do movimento espírita, para tentar aglutinar o Espiritismo com as ideologias sócio-políticas revolucionárias que giram em torno do **socialismo**; e por outro lado, não há dúvidas quando a representatividade natural de Allan Kardec para a síntese da Revelação Espírita, certo?

⁵⁶ Ver <https://icigrandsboulevards.fr/product/154930/la-chatre-maurice-philosophie-nouvelle-le-spiritisme-le-divinitisme-religion-universelle-appuyee-sur-le-spiritisme>.

O ponto fundamental que difere os dois estilos é que um concentra todos os seus ideais, esforços e recursos para a solução urgente do problema material do mundo, considerando para isso que os fins justificam os meios; o outro, a seu turno, reconhece os problemas sociais e não deixa de contribuir para amenizar as desigualdades, porém coloca a questão material em segundo plano, concentrando-se no imo de todo e qualquer problema: a evolução intelectual e moral dos indivíduos.

O leitor tem alguma dificuldade para distinguir quem é quem nesse embate?

Ora, a vida na Terra não é senão uma experiência efêmera, secundária, um palco para ensaios evolutivos cujas diferentes condições reencarnatórias (pobreza e riqueza, saúde e enfermidade, patronato e proletariado etc.) são necessárias para o próprio desenvolvimento do Espírito que, alternadamente, passa por estas variadas situações mediante suas obrigações perante os imperativos das provas, expiações e missões. Logo, as leis e ideais que devem nos guiar aqui não podem se basear simplesmente nas carências materiais.

Podemos e devemos trabalhar para atenuar nosso sofrimento material, colaborando com a promoção da justiça e do bem-estar geral, mas sem jamais esquecer que o bem-estar espiritual não se reduz em bem-estar material, e que os meios de se conquistar a prosperidade não podem extrapolar as leis divinas. Não, os fins não justificam os meios; a urgência pelo ideal da paz não pode justificar a guerra, nem a opressão das injustiças sociais justificam uma revolução igualmente fora dos princípios da justiça e da bondade para com todos — inclusive para com os injustos.

O Espiritismo de Kardec não é “conformista” nem “omisso” e tampouco “conivente” com as injustiças sociais; a nossa doutrina espírita combate incisivamente essas iniquidades com a melhor dos remédios: educação espiritual. Aquele que toma desse remédio conforme a devida prescrição, este se cura, este se eleva e dá a sua contribuição para sanar o problema da sociedade em geral. Se o efeito que o Espiritismo produz em nosso meio social ainda é insignificante, é que as individualidades não estão se medicando a contento. Mas não há outra forma de curar a sociedade.

O ideal socialista brotou de mentes e corações preocupados com o bem-estar social. Essa ideia de “promoção de uma melhor condição geral entre todos os cidadãos” consiste no **verdadeiro socialismo**, conforme se entendia até meados do século XIX. Qualquer um que esboçasse esse desejo e de alguma forma agisse para levar a efeito essa causa, este podia se dizer um **socialista**. E várias ações locais e movimentos positivos mais abrangentes foram surgindo mundo afora sob essa bandeira. Muito bom! Todavia, no bojo desse pensamento nobre surgiram mais tarde algumas ideais paralelas, contaminando a pureza da campanha socialista original. Fourier, por exemplo, propôs a coletivização sexual; Proudhon sugeriu a quebra de todas as hierarquias e organismos; Karl Marx pregou o separatismo das classes, a revolução violenta e o extermínio dos “inimigos”; os feministas modernos deturparam o valor das próprias mulheres, da maternidade e da vida, que passou a ser perseguida por ativismos nefastos em prol do aborto, eutanásia e suicídio assistido, misturando ideologias ditas esquerdistas tão nojentas quanto aquelas ditas de direita que reclamam o direito à tortura, à pena de morte etc.

A Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec tem preceitos bastante claros e não admite o mal como solução para outro mal; está perfeitamente nítido para nós o valor e defesa da vida, do respeito e disciplina à ordem, dos valores da família, do casamento monogâmico, da tutela dos pais sobre seus filhos, do respeito às crenças, da justiça e da fraternidade, da necessidade da adoração e obediência à Deus. Em suma, o kardecismo se fundamenta em uma **moral universal, instituída por Deus**.

Moral — palavra tão levianamente propagada, tão usurpada por lobos vestidos com pele de carneiro... Não despropositadamente Allan Kardec dá voz ao Espírito Lázaro, que assim declarou:

“A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; vosso vício é a indiferença moral.”

O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec - cap. IX, item 8

Sim! Quantas inteligências se perdendo em meio a ideais trevosos!

Por conta disso, natural a nossa estranheza em uma organização como o Instituto Lachâtre alegar seu objetivo como sendo “difundir o espiritismo,

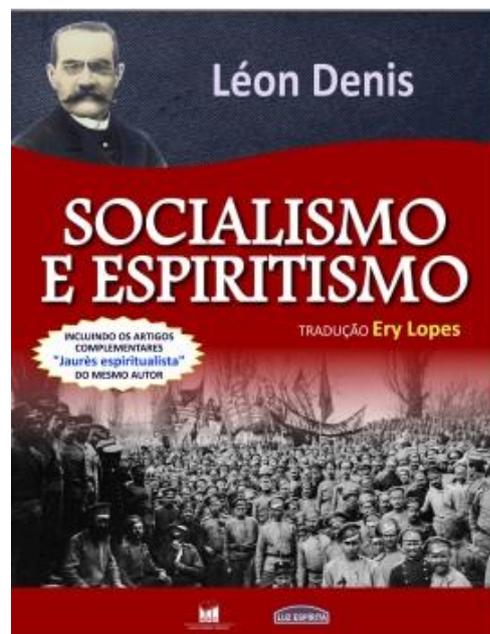
como foi definido por Allan Kardec, de maneira ampla por todos os meios que estiverem ao seu alcance” ao mesmo tempo em que toma como patrono uma figura essencialmente antagônica, conforme a explicação, que fazemos questão de novamente transcrever aqui:

“Ao definir a personalidade de Maurice Lachâtre, adepto do espiritismo, revolucionário, escritor e editor do século 19, como patrono do Instituto, buscase, entre outras coisas, defender valores vivenciados pelo referido personagem, pensador que une a atividade intelectual de editor e escritor à ação revolucionária de transformação do mundo em que vive, que não teme rever conceitos, se os considera ultrapassados, para adotar novos princípios e que não busca projetar seu próprio nome para reconhecimento público, mas dedica-se a difundir as ideias e ideais que acredita possam melhorar a sociedade em que vive, independente dos nomes que as assinam.”

Por trás de todos esses ativismos estão interesses outros que nada lembram o ideal do socialismo verdadeiro. O saldo de tudo é, até o presente, gente, partidos e outros grupos se promovendo materialmente, com muita voracidade por dinheiro, poder, fama e glória pessoal hipocritamente em nome dos pobres e oprimidos.

Mas, para não dizer que não falei das flores, àqueles que investem suas maiores preocupações com a causa material, admoesto-os que façam sim a sua revolução socialista pessoal, quer dizer, com os seus próprios recursos — não com o dinheiro alheio ou com a força do Estado; façam o que Jesus disse ao homem rico: *“Falta-lhe ainda uma coisa. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me.”* (Ver em Lucas, 18:18-23).

Finalmente, recomendamos fortemente a leitura do livro *Socialismo e Espiritismo* do grande apóstolo kardecista Léon Denis.⁵⁷



Enfim, dai a César o que é de César, mas dai a Deus o que é de Deus!

⁵⁷ Disponível em <https://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=88>.

Anexos

Genealogia ⁵⁸

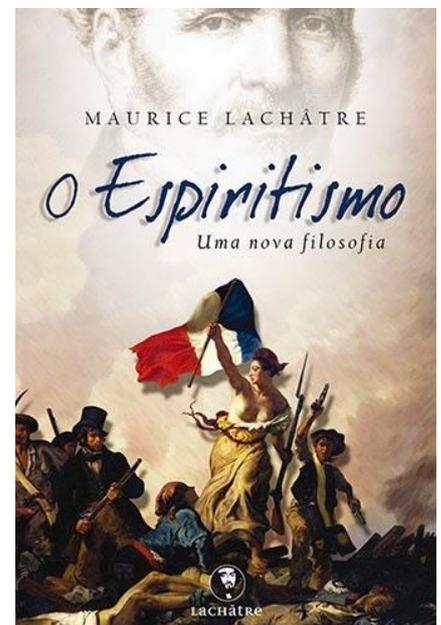
- **Maurice Lachâtre**, ou **Maurice**, **barão de La Châtre** (Issoudun, França, 14/10/1814 – Paris, 9/3/1900), filho de **Pierre-Denis**, **barão de La Châtre** (1763-1820) e **Elisabeth-Constance Séonnet** (1784 - ?)
- Casou-se em 12/7/1848, em Bordeaux, com **Louise Teyssier** (Böen, 26/3/1828 – 15/6/1910) com quem teve duas filhas:
 - **Amélie de La Châtre** (Paris, 16/7/1850 – Bordeaux, 2/7/1942) que se casou com **Joseph Cotton de Bennetot** (1852 - 1917) em 3/9/1879, em Arbanats, França, com quem teve dois filhos (netos de Maurice):
 - **Jean Cotton de Bennetot** (Beautiran, 9/6/1882 – Bordeaux, 30/5/1971);
 - **Henri Cotton de Bennetot** (Geloux, 1884 - ?).
 - **Marie-Victoire de La Châtre** (Arbanats, 29/1/1867 – 6/11/1948) que foi casada com **Georges Miocque**, sem posteridade.
- Teve um primeiro relacionamento extraconjugal, com **Marie-Thérèse Garrette** (Cabasse, 1834 - ?) com quem teve a filha:
 - **Marie-Ange Garrette** (Castres, 17/2/1861 – 1908) que se casou com **Henri-Etienne Oriol** (1857-1908) sem posteridade.
- Teve um segundo relacionamento extraconjugal, com **Marie-Aurélie Genre** (Ouhans, 19/3/1860 – Fontenay-sous-Bois, 4/3/1916), com quem teve uma filha e um filho:
 - **Blanche Genre** (Vincennes, 24/7/1885 – Cabriés, 18/1/1978), que foi casada com **Charlies-Henri Arcier** (1881-1955) sem posteridade.
 - **Maurice Genre** (Fontenay-sous-Bois, 17/12/1888 – Paris, 29/4/1932) sem posteridade.

⁵⁸ Ver <https://gw.geneanet.org/pdelaubier?lang=en&pz=pierre&nz=de+laubier&p=marie+victoire&n=de+la+chatre> (visto em 12/05/2022).

Resenha do livro
O Espiritismo, uma nova filosofia,
de Maurice Lachâtre: entre Kardec, o anarquismo
e o socialismo do século XIX

por **Jáder dos Reis Sampaio**

NOTA DO EDITOR – O estudioso espírita, Jáder, professor aposentado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, discorre aqui sobre aspectos que unem e outros que distinguem Lachâtre e Allan Kardec, mediante a obra em evidência.⁵⁹



Maurice Lachâtre é um personagem da história do espiritismo que ficou conhecido pelo Auto de Fé de Barcelona, episódio no qual a igreja católica espanhola proibiu a importação e comercialização de livros espíritas, apreendendo e queimando cerca de trezentos volumes em praça pública.

Lachâtre, contudo, tem uma trajetória rica e interessante, por quatro países da Europa. O Instituto Lachâtre publicou, há alguns meses, o livro “*O Espiritismo, uma nova filosofia*” (LACHATRE, 2014) no contexto das comemorações dos duzentos anos do nascimento de Maurice. O editor do

⁵⁹ Reproduzido de <http://dx.doi.org/10.22568/jee.v2.artn.010102> (visto em 10/05/2022).

Instituto, Alexandre Rocha, tem por objetivo dar a conhecer ao leitor quem foi e o que fez Maurice, que teve uma trajetória, pelo menos singular, pelo movimento espírita.

A obra inicia-se com uma biografia instigante feita por François Gaudin, da Universidade de Rouen. Entre outras novidades, ele dá evidências de Lachâtre ter sido sócio de Rivail (Allan Kardec) em um banco de intercâmbio, voltado a “facilitar as transações comerciais”, em 1839. Deste empreendimento malfadado, surgiu o relacionamento que iria fazer com que Lachâtre se interessasse pelo espiritismo que nasceria quase duas décadas depois. Rocha fez um comentário curiosíssimo: se este negócio tivesse prosperado, teríamos hoje a obra de Allan Kardec? Possivelmente não.

Ao iniciar a leitura do livro, não me passou despercebida a habilidade de Maurice como jornalista. Escreve claro e bem, resume com maestria, e seu texto sobre o espiritismo parece ser uma belíssima síntese de “*O Livro dos Espíritos*” (KARDEC, 2006) com elementos de “*O Livro dos Médiuns*”. Passadas algumas páginas, comecei a perceber que ele fez um pouco mais que sintetizar, ele desenvolveu alguns pontos, principalmente os que tratam da sociedade e da religião, inserindo ideias estranhas ao pensamento de Kardec, mais próprias do Marxismo e do Anarquismo com os quais não só teve contato, como editou e publicou.

Separei do texto algumas frases que são estranhas a Kardec, inicialmente sobre religião:

“Todas as religiões, todas as cerimônias religiosas deveriam, por conseguinte, ser suprimidas, e também deveriam ser tirados e devolvidos ao trabalho útil aqueles que se dizem ministros de Deus ou dos deuses.” (p. 109)

“Deus condena aqueles cuja existência é intencionalmente inútil: estes são vespões, parasitas, ladrões e vivem à custa dos outros.” (p. 110)

Ao tratar de temas desenvolvidos por Kardec em “Da lei de sociedade”, Lachâtre faz uma mescla de ideias espíritas com ideias ora socialistas, ora anarquistas.

“A família deve vir antes do indivíduo, mas a sociedade deve vir antes da família nas nossas aspirações e ações.” (p. 115)

“Os maiores obstáculos ao progresso são o orgulho e o egoísmo das classes privilegiadas, dos príncipes e governantes, nobres e sacerdotes, militares e burgueses.” (p. 116)

“As nações poderiam ser regidas unicamente pelas leis da natureza, sem o auxílio das leis humanas” (p. 116)

“Anarquia ou ausência de governo; comuna e federação com a bandeira vermelha, eis o que marcará o último progresso da humanidade”. (p. 117)

“A desigualdade das condições sociais é obra dos homens e é contrária à lei natural. Essa desigualdade desaparecerá, bem como a predominância do orgulho e do egoísmo das classes dominantes. Ai dos ricos perversos!” (p. 118)

Nas citações acima, vemos Lachâtre atribuir o conceito de classe social a Kardec, o que não é explícito em sua obra, e propor o progresso como um avanço da sociedade para uma forma sem governo e sem leis, que não as naturais. Nada disso se encontra nos livros de Kardec que ele utiliza para redigir sua síntese. São uma interpolação de Lachâtre, possivelmente influenciado por autores como Marx, Bakunin e outros.

Maurice critica a propriedade individual, o que faz lembrar o livro de PROUDHON, que afirma que a propriedade é um roubo. Lachâtre é mais radical que muitos anarquistas contemporâneos, neste assunto.

“Portanto, a propriedade individual, tal como é consagrada entre os povos civilizados, é uma violação da lei natural, pois investe alguns indivíduos de um direito soberano de riquezas sociais em detrimento das classes trabalhadoras.” (p. 111)

O tema é polêmico e os espíritos reafirmam a Kardec que a desigualdade das riquezas pode ser fruto de “velhacaria e roubo”, para a seguir criticar a ideia de uma sociedade com igualdade absoluta das riquezas (questão 811), defendendo uma sociedade onde há bem-estar para todos. Quanto ao tema da propriedade, lê-se em *O Livro dos Espíritos* (KARDEC, 2006) uma posição reformista:

885 - O direito de propriedade não tem limites determinados?

“É fora de dúvida que tudo o que legitimamente se adquire constitui uma propriedade. Mas, como dissemos, a legislação humana é imperfeita e consagra muitos direitos convencionais que a justiça natural reprova. É por isso que os homens reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito afigura-se bárbaro no século seguinte.” (Grifos em negrito, meus).

Ainda sobre a propriedade em Lachâtre, vê-se que ele altera o sentido da posição kardequiana na questão 811.

“A desigualdade de riquezas em nossa sociedade tem duas fontes principais: o roubo e a velhacaria; e como causas subsidiárias: a diferença de aptidões, de forças, de inteligência entre os homens; enfim, acidentes de percurso, de posições, de qualidades e a diversidade de instrumentos com os quais exercem os poderes de trabalho e o direito iníquo de propriedade — por direito de primeiro ocupante, por direito de conquista ou de transferência a título de herança. Nos casos denunciados houve espoliação ou injustiça. Sem mestres, sem escravos, sem empregados, todos livres e iguais.” (p. 119)

Kardec, embora defenda a diminuição das diferenças sociais com o avanço da sociedade, e critique a concepção de superioridade social da nobreza e defenda a meritocracia (q. 806, 806a e 807 de *O Livro dos Espíritos*), não postula o roubo e a velhacaria como causas **principais** da desigualdade social, embora reconheça sua existência (q. 808). A leitura da lei de igualdade nos oferece um projeto de transformação do indivíduo (egoísmo e orgulho) com efeitos sociais, e não um projeto de transformação da sociedade com efeitos individuais. Os espíritos criticam as doutrinas de igualdade das riquezas, como na questão 811-a, e a consideram utópica, contudo, defendem uma sociedade de bem-estar (q. 812), que parece ser a diretriz do socialismo defendido por Léon Denis em *Socialismo e Espiritismo*.

Outros pontos de conflito poderiam ser levantados, mas deixo ao encargo do leitor. A obra cumpre o papel de levantar mais um véu deixado sobre a história do espiritismo e nos deixa com muitas questões. Este livro, escrito em 1880 é fruto de uma síntese pessoal de Lachâtre ou espelha um segmento do movimento espírita espanhol ou francês de sua época? Eu tendo a escolher a primeira opção, por falta de material que sustente a segunda, mas fico pensando o quão influente não teria sido o trabalho de Lachâtre em sua época, não para o movimento espírita, mas para a construção de uma visão da sociedade europeia sobre o espiritismo.

A publicação deste livro vem em boa época, ano em que se comemora ao mesmo tempo o bicentenário de Lachâtre e o centenário de Herculano Pires. Penso que Herculano teria criticado este livro de Lachâtre, contudo,

os dois contribuíram substancialmente para que hoje pudéssemos ler e analisar livremente o pensamento de Allan Kardec. Espero, portanto, que o Instituto Lachâtre continue seu trabalho de resgate da obra esquecida de Maurice, para que possamos entender melhor os caminhos do espiritismo até os dias que hoje vivemos.

Uma última citação, na qual se vê que Maurice depunha no espiritismo um papel transformador do mundo, ainda que à sua maneira:

“O espiritismo se destina a preparar o caminho para essa nova ordem de coisas, destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade; suprimindo todas as religiões que embrutecem a humanidade, fazendo com que os homens entendam em que consiste seu verdadeiro interesse; acabando com o preconceito de seitas, de castas, sexo e cor de pele; espalhando entre os homens o princípio da propriedade coletiva e de solidariedade que deve unir os homens como irmãos.” (Lachâtre, p. 117)

Referências:

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2006. (Tradução de Evandro Noleto Bezerra).

LACHATRE, Maurice. *O espiritismo, uma nova filosofia*. Bragança Paulista-SP, Lachatre, 2014.

PROUDHON, J. -P. *A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas*. s.l., L&PM Pocket., s.d. (Tradução de Suely Bastos).

O Espiritismo na Espanha

Por **Maurice Lachâtre**

NOTA DO EDITOR – Artigo publicado na sua revista *Le Monde Invisible (O Mundo Invisível)*, 1 de janeiro de 1867, discorrendo sobre o histórico episódio do Auto de Fé de Barcelona do qual o articulista foi um dos protagonistas.⁶⁰



Em 1858 não havia qualquer indício da existência do Espiritismo na Espanha — pelo menos nenhum indício a ponto de chamar a atenção do fanático clero da Península. Em 7 de janeiro daquele ano, o exílio trouxe um adepto da nova doutrina para Barcelona, e com ele foram introduzidas várias das obras que tratavam da questão espírita; esses livros ajudaram na propaganda feita pelo adepto, e logo o Espiritismo contou novos crentes; as revistas espíritas e os livros de doutrina foram introduzidos inicialmente em pequenos números, depois em quantidades consideráveis. O governo, que se mostrou muito indiferente no início da introdução de obras espíritas, então sob pressão de um clero todo-poderoso, ordenou o confisco de um lote contendo várias centenas de livros, revistas, jornais da escola filosófica moderna, e, após um julgamento eclesiástico, ordenou sua destruição pelas chamas, o que ocorreu em 9 de outubro de 1861, com todo o aparelho em uso para este tipo de *auto-de-fé*, sob a proteção da autoridade secular, o padre vestido com vestes sacerdotais, a cruz em uma mão e a tocha na outra,

⁶⁰ Reproduzido de <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8576782/f93.item.r=Maurice%20Lach%C3%A2tre> (visto em 12/05/2022).

auxiliada por um tabelião apostólico, cercado por agentes da força pública, e na esplanada da Cidadela, onde ocorrem as execuções de morte!

Mas das cinzas da fogueira surgia radiante a ideia espírita; os agentes do governo haviam desviado vários desses livros condenados às chamas, e, possuídos pela curiosidade, quiseram conhecer a doutrina que havia excitado o fanatismo dos padres; a doutrina lhes agradou, e eles mesmos se tornaram adeptos fervorosos do Espiritismo. Todos os jornais de Barcelona e de Madri se manifestaram contra esse ato de intolerância do clero; as Cortes e o Senado ressoaram com discursos enérgicos contra as tendências católicas dos ministros, e colocaram em destaque o *auto de fé* dos livros espíritas em Barcelona; por vários anos, os artigos dos jornais, os discursos dos deputados democráticos ou dos senadores progressistas ajudaram poderosamente na propaganda do Espiritismo. Então aconteceu que a doutrina condenada à fogueira ganhara numerosos seguidores em todas as cidades da Espanha; Madri, Sevilha, Cádiz, Granada, Valladolid, Burgos, Málaga, enfim, por toda parte onde os jornais da capital penetravam. Todas as obras espíritas foram logo traduzidas para o espanhol e divulgadas clandestinamente entre as classes elevadas da sociedade; e na própria Madri, na sala de estar de um ministro da Rainha Isabella, Pastor Diaz, foram realizadas sessões espíritas, às quais assistiram padres, altas personalidades e vários dignitários da igreja!

Nesse ínterim, veio a falecer o bispo de Barcelona, promotor do auto de fé dos livros, e um novo prelado tinha assumido a cadeira episcopal, o qual ainda ocupa hoje. Sua Eminência — imbuído dos mesmos sentimentos de ódio e intolerância que seu antecessor, em relação ao Espiritismo — queria, por sua vez, tentar frear a marcha do progresso, e fulminou uma ordem pastoral que supera em violência tudo aquilo que pudesse ser escrito nesse gênero pelo papa e pelos bispos em suas encíclicas.

Foi a propósito desta ordem pastoral que o honorável vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne escreveu uma carta ao editor do jornal *La Vérité (A Verdade)*, carta essa que temos a satisfação de poder reproduzir, na firme convicção que temos, que ela fortalecerá os fracos e que aumentará a coragem dos fortes entre nossos amigos da Espanha, e, talvez, que ela

trará nosso adversário a sentimentos de tolerância e mansuetude mais em harmonia com os preceitos do jovem mestre de Nazaré, de quem ele é o servo.

“Meu caro Sr. Enoux,

“Estou vos enviando um soneto do meu espírito familiar, o mesmo que ditou a fábula de *Ratapon ou o Rato Pregador*.

“Acabei de ler a ordem pastoral do novo bispo de Barcelona sobre o Espiritismo: ela contém, entre muitos outros ataques ao Espiritismo, a passagem seguinte:

“Foi assim que se chegou a criar uma religião que, renovando os desvios e as aberrações do paganismo, ameaça conduzir a sociedade ávida pelo maravilhoso, pela loucura, extravagância e ao mais imundo cinismo.”

“Se eu tivesse a honra de dialogar com o bispo de Barcelona, eu lhe diria: Monsenhor, permita-me lançar um olhar para trás e talvez poderemos dar um passo à frente.

“Nascido na América, o Espiritismo lançou-se no espaço, atravessou os mares em um raio de luz e a França o acolheu.

“Tive o prazer de testemunhar seus primeiros gemidos, vi-o gaguejar pela ajuda deste instrumento conhecido como *mesa falante*; ele soletrou com a prancheta; hoje se servindo da caneta que é a vossa e a minha, ele escreve com assaz sabedoria, e ainda assim não tem sido poupado de ultrajes: a criança foi ridicularizada, esbofeteada, coberta de lama, coroada com espinhos. O ódio que lhe é levado tem produzido um acasalamento monstruoso, a ponto de a história dos séculos ainda não ter registrado nada parecido: os materialistas e os servos de Deus se uniram: os primeiros desdenhando ou o negando; os últimos afirmando-o, mas para cuspir sua face e melhor sufocá-lo.

“E a criança não se porta pior, ela coloca um pé em cada mundo; enlança com seus braços a França e suas colônias, a Bélgica, a Inglaterra, Alemanha, Rússia, Itália e até a Espanha; ela tem seus órgãos, múltiplos em Paris, em Lyon, Bordeaux, Antuérpia, Turim. A casa doméstica serve como um porto seguro para as miríades de seus amigos.

“É a vossa vez, meu senhor, entrar na lista; tentar nos ensinar que o Espiritismo é o resumo do *cinismo mais imundo*.

“Ah, sem dúvida, o mal é imenso! Desça conosco, meu senhor, às galeras e às prisões. É triste o quadro de nossas misérias! 5.990 réus perante nossos tribunais de departamentos, 176.456 réus julgados por nossos tribunais criminais, 3.767 suicídios; e a cada ano o mesmo abismo se reabre para engolir

sua nova presa. A Espanha, sem dúvida, deste ponto de vista não tem nada para nos invejar.

"Eis o cinismo imundo!

"Vós quereis, pois, saber a causa de tanta desordem! Ouçais-me, portanto, meu senhor, não tiro minhas provas nem da cólera nem de declamações vãs; eu atesto o relato geral da administração de nossa justiça criminal: miséria, reversão de fortuna, perdas de emprego, perdas no jogo, dor causada pela ingratidão e má conduta das crianças, adultério, ciúme, deboche, embriaguez, preguiça, desgosto pela vida, imoderados desejos de riqueza, exaltações políticas, amor ao poder, ambições, terrores religiosos.

"Compreendeis, meu senhor?

"Acrescento que o Espiritismo destrói essa lepra que nos devora e faz o que vós sois impotente para produzir.

"O Espiritismo não é uma religião.

"A grande missão dos mortos é provar que eles não estão mortos e que eles veem e controlam todos os nossos atos.

"O Espírita conta com uma vida futura, espera a Eterna justiça para suas obras, combate seus inimigos, não para derrotá-los, mas para elevá-los e os amar; ele não sacrifica aos poderosos deste mundo; consciente de todos os seus deveres, ele dá a César o que pertence a César, e a Deus o que é de Deus; ele conspira, não nas sombras, mas em pleno sol, para a felicidade da humanidade.

"Estejais certo, monsenhor de Barcelona, estejam certos vossos amigos da Espanha; afirméis ao vosso povo que o homem não morre jamais, que sua imortalidade está provada, não por livros, mas por fatos materiais e tangíveis, dos quais todos podem se convencer, e breve nossos condenados bem como nossas prisões desaparecerão, o suicídio será banido de nossas mesas mortuárias, e os infortúnios da terra, nobremente suportados, não gerarão mais loucura.

"Mas, se vós acreditais dever continuar vossos ataques contra o Espiritismo, meu senhor, que seja de acordo com vossa vontade, nossos corações estão repletos de amor e caridade para todos os nossos irmãos e irmãs, e nós vos perdoamos.

"T. JAUBERT,

"Vice-Presidente do Tribunal civil."

Formas e meios

Por **Maurice Lachâtre**

NOTA DO EDITOR – Artigo publicado no *Journal de la Revolution* de Paris, datado de 1 de dezembro de 1869, sob a direção de Maurice Lachâtre, que resume bem seu posicionamento político revolucionário de encontro com o Imperador Napoleão III, seu ex-amigo.⁶¹



O governo da República, dispondo de imensos recursos financeiros através de impostos ou empréstimos, poderá facilmente obter todos os fundos que lhe forem necessários: 1º para o serviço de pensões a viúvas, ascendentes, aos filhos de combatentes que morreram pela pátria, e aos feridos; 2º para o pagamento de adiantamentos a título de EMPRÉSTIMOS NACIONAIS a cidadãos válidos ou feridos que fizeram parte do exército ativo ou da guarda nacional mobilizada, e aos filhos de combatentes que morreram pela pátria; 3º finalmente, para o reembolso de indenizações devidas a cidades e zonas rurais destruídas e devastadas pelo inimigo.

Os empréstimos seriam decretados pela Assembleia Nacional; e, de acordo com as necessidades do momento, poderiam ser declarados obrigatórios; neste caso, cada um dos cidadãos que possuísse um capital superior a um determinado valor, em imóveis ou títulos imobiliários de

⁶¹ Disponível em <https://www.retronews.fr/journal/journal-de-la-revolution/1-janvier-1870/2657/4300647/8?from=%2Fsearch%23allTerms%3Dmaurice%2520lachatre%26sort%3Dscore%26publishedBounds%3Dfrom%26indexedBounds%3Dfrom%26page%3D4%26searchIn%3Dall%26total%3D1395&index=95>.

qualquer espécie, ou em dívidas hipotecárias e quirografárias, seria obrigado a contribuir para os empréstimos da quota que seria fixada de acordo com as prescrições da lei.

O governo da República ainda se aplicaria à distribuição das recompensas das terras, das casas, dos valores de qualquer natureza, móveis ou imóveis, de todos os grandes culpados pelo Império, dos seus aderentes, dos seus cúmplices, daqueles que teriam contribuído de alguma forma para a dilapidação da fortuna pública; Se necessário, as investigações seriam feitas até os reinados precedentes, e decretaria o confisco dos bens de todos os criminosos e seus herdeiros, excepto para reservar a cada um deles a posse de um capital ou de um lote de DEZ MIL FRANCOs, a República não ter de recusar a nenhum dos seus filhos, a mesma medida de confisco seria aplicada aos bens dos covardes, dos desertores, de todos aqueles que teriam fugido do cumprimento dos seus deveres cívicos durante a invasão e o cerco de Paris.

A República, dispondo de terras consideráveis na França, na Argélia e nas colônias, também poderia fornecer lotes de terras aos cidadãos que quisessem se dedicar à agricultura; e, se as demandas de concessão de terrenos excederem os recursos existentes, a Assembleia Nacional deverá autorizar o Governo, por uma lei especial, a adquirir, por meio de expropriação, as grandes propriedades situadas no território da República, cuja divisão em lotes seria considerado de utilidade geral, devendo o Governo proceder à distribuição destes lotes entre os cidadãos que assim o solicitassem nas mesmas condições de concessão em favor da República, que permaneceria sempre proprietária do terreno.

Ao proceder desta forma, o Governo asseguraria a assistência enérgica de UM MILHÃO DE COMBATENTES para a defesa do país, quase sem onerar o orçamento da nação, uma vez que a maior parte dos DEZ BILHÕES seria atribuída aos cidadãos como EMPRÉSTIMOS NACIONAIS, reembolsável por uma quota fixa, por ano, sob a forma de anuidades pelo capital emprestado, ou sob a forma de concessão pelos terrenos ocupados; tais anuidades ou concessões garantiriam a amortização dos empréstimos após determinado período de anos.

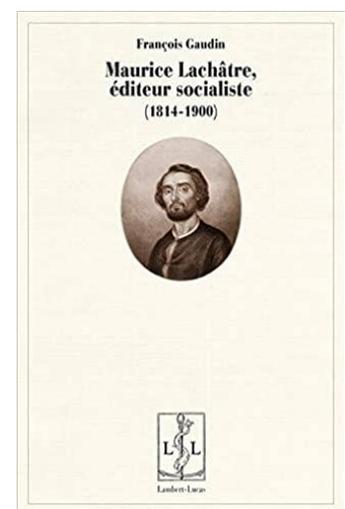
Com este bônus de um empréstimo de DEZ MIL FRANCOS oferecido a cada um dos combatentes e a garantia de pensões às viúvas, aos ascendentes, às crianças e aos feridos, já não haveria necessidade de recorrer nem ao recrutamento nem à criação de homens para ter soldados, a França encontraria **dois** ou **três milhões de combatentes**, como a América os reuniu na sua grande guerra de secessão, quando ela queria os chamar sob a bandeira da República, não impondo mais do que encargos relativamente mínimos, se considerarmos o poder dos seus meios de produção, a genialidade des suas crianças, e os milagres que o espírito republicano pode realizar.

Estudo linguístico

Por **Alexandra Cunita**

NOTA DO EDITOR – Alexandra Cunita faz uma resenha do livro *Maurice Lachâtre, éditeur socialiste (1814-1900)* de François Gaudin, professor de Ciências da Linguagem da Universidade de Rouen, França, obra essa considerada até então como a mais bem documentada biografia do personagem em destaque.⁶²

François Gaudin, *Maurice Lachâtre, éditeur socialiste (1814-1900)*, Lambert-Lucas, Limoges, 2014, 464 pages.



Resultado de um impressionante trabalho de documentação e de pesquisa sobre a atividade e, na medida em que o sigilo dos arquivos o tenha permitido, sobre a vida de um ser "fora do comum", familiarizado com os melhores militantes franceses do século XIX, o livro fundamental sobre Maurice Lachâtre, publicado em 2014 por François Gaudin, fez reviver um personagem surpreendente, mas também, com estreita relação com ele, muitas figuras ora bem conhecidas, ora desconhecidas ou — como se compreende melhor hoje, com a retrospectiva que temos — injustamente esquecidas da história da França e da história das letras francesas, de fato, toda uma época que marcou profundamente o destino dos Franceses e

⁶² Reproduzido de <https://www.proquest.com/docview/1757018714> (visto em 10/05/2022).

talvez até, de maneira mais geral, a dos povos da Europa.

A enorme quantidade de dados recolhidos pelo pesquisador ao final desse trabalho — matéria indubitavelmente difícil de se ordenar e ser integrada num volume que oferece ao leitor uma imagem coerente da vida de um homem de mil faces, ao mesmo tempo que de numerosos eventos que constituem um século de história — tiveram de ser examinados de um ponto de vista que permite que tudo fosse inventariado, correlacionado, interpretado e explicado. Para criar esta imagem, François Gaudin, professor de ciências da linguagem da Universidade de Rouen e membro do laboratório "Léxicos, dicionários, informativos" de Paris XIII/CNRS, além de doutor em história, optou por olhar como historiador os fatos descritos, de aplicar ao mundo a grade de análise que utilizam usualmente os especialistas desse ramo do conhecimento. Não nos surpreenderemos, portanto, ao vermos que as três grandes divisões — ou partes — do livro são respectivamente intitulados "A formação e os primórdios de um editor" (p. 20-119), "Edição sob o Empério" (p. 121-260), "Da Comuna à anarquia" (p. 261-426), enquanto entre os intitulados nos doze capítulos do volume — cada um variando de quinze a cinquenta páginas — se lê fórmulas do gênero: Os quadragésimos oitavos (A Revolução de 1848; O ano 1851), Um utópico sob o Empério (O ano 1852; O ano 1861; O último auto-de-fé), Um editor sob o Empire "liberal" (O ano 1870; Em Paris, a cólera ronca; A luta armada), Da Comuna ao Capital (Durante o Capital, os trabalhos continuam; O fim do Capital e as Docas da livraria), Do derradeiro jornal ao Dicionário-Jornal (O ano 1881), A livraria do Progresso após Lachâtre (A Livraria do Progresso após 1900). Especifiquemos desde já que o livro continha ainda várias páginas de Introdução e Conclusão, uma Lista das editoras administradas por Maurice Lachâtre e, por fim, uma vasta bibliografia, onde os títulos de obras de Lachâtre, por exemplo, ou de Proudhon, Jules Vallès, etc., ladeando aqueles de certos artigos e estudos de Michel Glatigny, François Gaudin, Jean Pruvost, Henri Meschonnic, Georges-Élia Sarfati, além de um amplo Índice (mais de mil unidades) de nomes de pessoas mencionadas no texto. Mais de 70 documentos reproduzidos com um grande cuidado com a clareza, visibilidade e legibilidade para a editora

Lambert-Lucas de Limoges — cartas, retratos de personagens ilustres, páginas de jornais, páginas de títulos de diversas obras publicadas por Lachâtre, projetos elaborados por este, um bilhete do banco de Arbanats criado pelo editor-livreiro, fotos do Castelo de Arbanats (propriedade de Lachâtre), tal como o podemos ver hoje, ou da casa “Os Jardins”, que Lachâtre comprara em determinado momento de Balzac, etc. — oferecendo ao leitor informações suplementares de um valor inestimável.⁶³

Se o critério básico que estrutura a apresentação dos momentos significativos da vida e da atividade de Maurice Lachâtre (grafia que François Gaudin prefere finalmente àquelas outras, frequente nos documentos consultados pelo pesquisador: de La Châtre, Delachastre, de La Chastre, La Châtre) é o critério cronológico, os eventos que se desenrolam ao longo do livro nos remotam progressivamente à imagem de um personagem fascinante, que se manifesta sobre os mais diversos níveis da vida social, que se envolve na quase totalidade dos movimentos de ideias que influenciaram a França no século XIX, que estabelece relações mais ou menos duráveis com um número incrível de figuras de certa importância para o perfil espiritual da época, que tem às vezes a reputação de um homem rico e de um avarento sem igual — conquanto tenha ajudado a mais de um indivíduo e a mais de uma causa —, que permanece fonte de perplexidade para os seus biógrafos ou críticos para a vida de família complexa e mais frequentemente misteriosa que leva e que tomba no mais completo esquecimento imediatamente depois do seu falecimento (no ano 1900), ao passo que seu dinamismo, sua participação nas múltiplas formas da vida social teriam levado à ideia de uma presença vivante na memória de seus contemporâneos, daqueles que cruzaram o limiar do século XX.

Pelo interior da cronologia criteriosamente estabelecida, cada momento da biografia de Lachâtre que o autor do livro julga digno de ser apresentada em detalhes nos remete a distintas atividades desse homem cuja personalidade parece se multiplicar sob os nossos olhos, como deve ter

⁶³ O índice completo (Table des matières) do referido livro está disponível em formato PDF acessível pelo link http://www.lambert-lucas.com/wp-content/uploads/2018/03/tm_gaudin2.pdf (visto em 10/05/2022) -- Nota desta edição.

feito diante dos seus concidadãos e compatriotas, assim como os quadros marcantes de uma época dilacerada por revoluções, guerras, convulsões políticas, mas também animada de nobres ideias e ambições de progresso material e espiritual por vezes desmedidos.

Como o título do livro o indica, Maurice Lachâtre foi primeiro um editor, ou melhor: um editor-livreiro — sem licença de livraria — que nos fez pensar um pouco como era a editora Lachâtre no século XIX, muito antes de se tornar o grupo editorial de tão grande importância de hoje. “Um editor multiativo”,⁶⁴ mais também um editor socialista. Com um catálogo que talvez não fosse muito rico, mas que abre aos autores preferidos do grande público da época, com ideias de venda — como a venda das obras em fascículos ou “livretos baratos” (Gaudin & Mollier 2008: 13) associados, muitas das vezes, a medalhas, pêndulos, a outros livros etc., como bônus — que contribuem bastante com a difusão de obras publicadas entre o povo, ele lança Alexandre Dumas, com a série dos *Crimes famosos*, depois Eugène Sue, o grande colunista de cujo *Os Mistérios Paris* já tinha alcançado um sucesso impressionante, com a segunda parte de um conjunto formado de três elementos, principalmente *Os Mistérios do povo*. Publicou ainda Louis-Napoleão Bonaparte que nos anos 1840-1841, não renunciou a mudança do rumo dramático do qual ele seria o principal responsável em 1851, depois em 1852. Mas ele publicou sobretudo textos engajados, que difundiam ideias socialistas utópicas franceses: Saint-Simon, Charles Fourier, Louis Blanc, Proudhon, e seria essencialmente “o corajoso editor de *O Capital* de Karl Marx” (Gaudin & Mollier 2008: 25), o qual ele fez seus compatriotas lerem, malgrado as dificuldades quase insuperáveis suscitadas pelo contexto político da época e pela história pessoal do homem Lachâtre, a primeira tradução francesa completa. Considerando com notável objetividade as iniciativas do editor militante, François Gaudin afirma na Conclusão do seu livro *Maurice Lachâtre, editor socialista* (p. 428): “Finalmente, ele permite que algumas obras encontrem seu público [...]”.

⁶⁴ Ver. *Maurice Lachâtre. Cinq centimes par jour. Méthodes commerciales d'un éditeur engagé*, Publicações das Universidades de Rouen e de Havre, Mont-Saint-Aignan, 2008, p. 87, com uma Apresentação (p. 9-29) assinada por François Gaudin e Jean-Yves Mollier, da qual tomamos emprestada a expressão citada.

Entretanto, Maurice Lachâtre é igualmente "um verdadeiro homem da caneta". Em 1842-1843, ele publica uma obra em dez volumes intitulada *História dos Papas, Crimes, Assassinatos, Envenenamentos, Parricídios, Adultérios, Incestos, desde São Pedro até Gregório XVI. História dos santos, dos mártires, dos pais da igreja, das ordens religiosas, dos concílios dos cardeais, da Inquisição, dos cismas e dos grandes reformadores. Os Crimes dos papas, dos reis e das rainhas*. Essa *História dos Papas*, que contém 101 ilustrações — gravuras sobre aço artisticamente executadas — algumas delas a cores, é antes uma compilação, ao estilo da época; portanto, o autor não é um simples compilador, pois ele não hesita em retomar o texto e o incrementá-lo por ocasião das reedições sucessivas⁶⁵. Obra anticlerical, em que certas notas — e sobretudo certas ilustrações — irritam muitos dignitários eclesiásticos, a *História dos Papas* teve um "sucesso durável" (Gaudin 2014: 64), sendo até traduzido em outras línguas — italiano, espanhol, português — e difundiu além das fronteiras do país de origem⁶⁶.

Uma obra publicada em 1849 e assinado "um discípulo da Escola de São-Cyr" (Gaudin 2014: 93): *O Exército, sua organização, seus direitos, seus deveres* contém uma crítica aberta ao exército, enquanto outra, parida no mesmo ano sob o título *A República democrática e social. Exposição dos princípios socialistas e da sua aplicação imediata na França*, revela-nos o pensamento político de Lachâtre.

Dois outros livros, que são menos "livros de história" do que textos "de combate" (p. 306), apareceram em 1874: *História do Consulado e do Império Bonaparte I. 1800-1815* (120 p.) e *História da Restauração. Louis XVIII, 1815-1824. Charles X, 1824-1830*. Outros trabalhos estão em preparação: *A Monarquia constitucional, O Segundo Império e História da República francesa*, mas: "Ameaças de expulsão correm e, para estar certo de terminar [as páginas anunciadas], o autor opta por uma redação sob a forma de efemérides" (ibid.).

É, sem dúvidas, a obra lexicográfica de Maurice Lachâtre a que causa o

⁶⁵ François Gaudin chama nossa atenção para uma modificação que aparece na parte final do título do livro a partir da edição de 1866 : [...] crimes des reis, das rainhas e dos imperadores.

⁶⁶ O livro foi reeditado em línguas estrangeiras até o século XX.

maior interesse dos leitores — aí incluindo, ou sobretudo, aquelas de hoje —, pois os trabalhos que ele nos deixou neste plano, e que se situam na tradição do século das Luzes, aquele das enciclopédias — filósofos e escritores — Pierre Bayle, D'Alembert ou Diderot, mostram a que ponto a dimensão ideológica dos dicionários pode transformá-los em armas de combate bem formidáveis. “Ele assinou cinco dicionários, concebidos em uma mesma perspectiva: a de oferecer ao povo da França uma ferramenta de emancipação voltada contra o Império, seu autoritarismo e seu clericalismo, depois, ao fim do século, contra o conformismo republicano e — ainda — o clericalismo” (Gaudin 2014: 428). Eis os títulos: *Dicionário Universal, panteão literário e enciclopédia ilustrada*, 2 tomos (1620 p. e 1582 p.), 1852-1856; *Dicionário francês ilustrado*, 2 tomos (848 p. e 736 p.), 1855-1857; *Dicionário das escolas* (814 p.), 1857-1858; *Novo Dicionário universal*, 2 vol. (1630 p. et 1582 p.), 1865-1870; *Dicionário La Châtre, nova enciclopédia universal ilustrada*, 4 tomos (1292 p., 1082 p., 1005 p. e 264 p.), obra em grande parte póstuma, pois apareceu entre 1898 e 1907.⁶⁷

Um dos livros supramencionados, *A República democrática e social*, contém uma série de proposições políticas de Maurice Lachâtre que, tendo constatado que a crise social se aprofundava na primeira metade do século XIX e que a pobreza estava crescendo, ele enumera um certo número de melhorias “que os proletários estão no direito de esperar”, entre as quais figuram: a educação comum, gratuita e obrigatória, o direito ao trabalho, a igualdade dos salários para os funcionários, a criação de bancos de câmbio, o resgate e a divisão das grandes propriedades.⁶⁸ Estes são alguns dos princípios e ideais aos quais o editor militante permaneceu fiel até o fim de sua longa vida, pelos quais ele lutou, muitas das vezes da forma mais concreta, participando a mais de um confronto inscrito na história da França no século XIX, bem como ao criar uma “comuna modelo” sobre as

⁶⁷ Essa obra é uma revisão dos dois dicionários “universais” publicados anteriormente. De outra parte, malgrado aquele que seu título anuncia, o *Dicionário-Diário*, 3 tomos (399 p., 399 p. et 184 p.), que apareceram entre 1894 e 1899, não é um dicionário propriamente dito.

⁶⁸ Ver: Yannick Marec, “Maurice Lachâtre: 1848 em um itinerário”, em François Gaudin (sob a direção de), *Le monde perdu de Maurice Lachâtre (1814-1900)*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2006, p. 32; ver também Gaudin 2014: 93.

terras que ele possuía em Gironde. Mas essas ideias encontram-se igualmente nos seus diversos dicionários, ao longo dos artigos e notas que ele próprio redigiu ou que foram escritos por seus numerosos colaboradores, tipo de obras que ele publicou para oferecer um apoio sólido ao autodidatismo.

À semelhança de outros trabalhos do mesmo gênero, bem numerosos neste “século dos dicionários” (Gaudin 2014: 123), como chamou Pierre Larousse, contemporâneo de Lachâtre, os dicionários publicados por esse último enquadram-se na “lexicografia cumulativa” própria da metade do século XIX que, “na falta de maiores inovações metodológicas, [...] atende à demanda social por uma superioridade quantitativa. [...] Desse ponto de vista, Maurice Lachâtre foi um lexicógrafo comum, compilando, acumulando, mas sem ir além. A verdadeira linha divisória reside na escolha de uma opção ideológica resoluta e de uma atitude de oposição” (ibid.) (grifo nosso). Se, como quase todos os dicionários da época, os de Lachâtre muitas vezes parecem copiar o que já existe no mercado, não seria nem justo nem honesto falar simplesmente de plágio contra eles. François Gaudin explica que é “difícil de sempre reinventar definições bem-sucedidas ou de evitar citações canônicas” (ibid.: 124). Porém uma comparação rápida com as páginas do dicionário de Louis-Nicolas Bescherelle, por exemplo, mostra que Lachâtre está longe de ter sempre recorrido às mesmas citações que o outro, que sua nomenclatura é menos rica em termos exóticos ou raros⁶⁹ e que seus artigos de dicionário contém mais desenvolvimentos enciclopédicos que o *Dicionário universal da língua francesa* (1843-1846) publicado pelo primeiro. Além do mais, o dicionário de Lachâtre se dispôs a ser um dicionário de palavras e de coisas, “destinada a descrever a língua e o mundo que diz a linguagem. Mas a linguagem em toda a sua diversidade; mas o mundo em toda a sua complexidade”, afirma François Gaudin (ibid.). Recorde-se ainda que, coisa bem inusitada, o texto do Dicionário universal de Lachâtre é seguido de uma “Gramática francesa”, que não está assinada, e de uma “Reforma da ortografia”, assinada por

⁶⁹ Mas os vocabulários do ocultismo, dos ofícios, de gírias ali estão bem representados. Lachâtre é “o primeiro a registrar esoterismo ou a utilizar os léxicos de gíria de Vidocq” (Gaudin 2014 : 138).

Casimir Henricy, o exato contemporâneo daquele de quem falamos aqui. As notas do dicionário de Lachâtre muitas vezes contém também elementos autobiográficos; tal como é o caso do artigo comprovante (ibid.: 115) em que se encontra mencionado o banco criado pelo próprio Lachâtre; ou ainda aquele da palavra *testamento*. Notemos, enfim, que Lachâtre aplica uma política de ilustrações⁷⁰ ímpar em sua época; as imagens — de notável qualidade e muitas vezes concebidas, por um lado, para representar o objeto descrito no artigo e, por outro, para despertar o interesse dos leitores pelo seu valor simbólico — são destinados à atrair e emocionar as crianças e os adultos de cada família, pois o autor não perde jamais de vista a finalidade pedagógica de seu trabalho. E falta ainda dizer sem dúvida uma palavra do papel que teve Lachâtre nas “Cartas” servindo de prefácio, noutras vezes de posfácio, aos dicionários. Em todo o caso, essas “cartas” constituem uma verdadeira “mudança epistolar”, um diálogo entre Lachâtre e os homens letrados conhecidos em seu tempo, que explicam a natureza e o papel da obra em questão; os textos despertam o interesse e excitam a curiosidade dos futuros leitores, difundindo ao mesmo instante um conteúdo militante e educativo.⁷¹

Todavia, como o assinala François Gaudin (2014: 137), “Nada sabemos de concepções lexicográficas” que presidiram a elaboração dos dicionários, pois o autor não deixou documentos “sobre o assunto”. O *Novo Dicionário universal* surgiu bem no momento em que víamos nascer o *Dicionário da língua francesa* de Émile Littré e o *Grande Dicionário universal do século XIX* de Pierre Larousse, dois reais monumentos da lexicografia francesa, tanto por suas dimensões (número de verbetes e de sinais) — portanto, pela

⁷⁰ Uma nova “dinâmica de ilustrações” se estabelece com a aparição do *Dicionário universal*, panteão literário e enciclopédia ilustrada e do *Dicionário francês ilustrado, panteão científico, literário, biográfico*; ela continua com a publicação da *Nova enciclopédia nacional* (1870). Para certos especialistas da lexicografia, Maurice Lachâtre é realmente “a ponta da lança” (Jean Pruvost, “Maurice Lachâtre (1814-1900): um autor-editor de dicionários revolucionários no ‘século dos dicionários’”, em François Gaudin (sob a direção de), *Le monde perdu de Maurice Lachâtre (1814-1900)*, Honoré Champion Éditeur, Paris, 2006, p. 90).

⁷¹ Maurice Lachâtre espera que seus dicionários, especialmente o *Novo Dicionário universal*, constituam “os mais vastos repositórios de conhecimentos humanos”, que eles possam substituir a escola e os professores na difusão da instrução voltados para as crianças dos dois sexos, para as mulheres — mães de família —, para os operários e em geral para o povo ao qual cruelmente a educação fazia falta.

imensidão de esforços de documentação exigido — quanto pela qualidade do trabalho lexicográfico (filológico). Não há comparação possível entre Lachâtre e esses dois “imensos construtores” (Pruvost⁷² 2006 : 125) que são Littré e Larousse. Ainda por cima, Littré jamais falou de Lachâtre ou de seus dicionários, ao passo que Larousse mencionou uma vez seu nome, mas o colocando sob uma luz desfavorável. A relação entre concorrentes não encoraja nem benevolência, nem confiança, nem compreensão... No entanto, Lachâtre não havia dado prova de hostilidade aberta com relação a Pierre Larousse, quando do aparecimento de seu dicionário!

Os dicionários desse trabalhador incansável e perseverante tiveram uma fortuna diversa. O *Dicionário universal* é examinado pelo procurador imperial do Sena em 1856; este não teve a intenção de o censurar, mas o impressor é forçado a prometer que modificará certos textos. O *Dicionário francês ilustrado*, abreviatura que “registra em grande parte seus materiais no *Dicionário universal*” (Gaudin 2014: 156), ocupa o mercado do dicionário de instrução; é também examinado pelo Procurador geral imperial, porém, felizmente este lhe deu um parecer favorável. A partir de 1857, os ataques contra o editor-lexicógrafo Maurice Lachâtre redobram de força. Nesse mesmo ano, testemunha-se dois processos “benignos”: Baudelaire é processado pela justiça por alguns poemas de *Flores do Mal*, e Flaubert, por *Madame Bovary*; em seguida é Eugène Sue que é condenado, e o próprio Lachâtre, na condição de editor de Sue. Em 1858, Lachâtre é condenado a 5 anos de prisão e a uma forte fiança por causa do *Dicionário universal*, que circula bastante às escondidas entre milhares de operários. O *Dicionário das escolas* é um livro voltado à didática, extremamente raro hoje. Seu interesse particular reside no fato que para esse único volume se utiliza um alfabeto fonético que devia indicar à França inteira a pronúncia correta de cada

⁷² Embora admitindo que Lachâtre deu provas de um “certo talento para destacar o valor das informações e para a argumentação [...]”, e até de uma certa originalidade, Jean Pruvost (2006: 126) apelou para a distinção operada por Bernard Quemada entre dicionário e lexicografia, por afirmar, no final do artigo supramencionado (p. 127): “[...] Émile Littré e Pierre Larousse se apresentam ambos como notáveis lexicógrafos, porque eles terem trazido à descrição do léxico uma maior contribuição. [...] Inversamente, Maurice Lachâtre encarne antes da hora e com talento uma dicionário já muito bem elaborado”; com efeito, mais do que a qualidade das explicações filológicas, este último pensou nas restrições que acompanham a elaboração de um produto do gênero dicionário: restrições de volume, de preço, de apresentação etc.

vocábulo, aí incluindo aqueles próprios (ou nomes próprios). O *Novo Dicionário universal* encontra-se em concorrência com as obras de Pierre Larousse e de Émile Littré, cuja publicação começa em 1863. O *Dicionário-Diário* é raro e desconhecido.

Se os dicionários são um dos grandes objetivos de Lachâtre, que não cessam de animar e de ocupá-lo até a velhice, pois se lança na elaboração de seu último dicionário à idade de oitenta anos, e que os volumes começam a aparecer quando ele já tinha 85 anos, ele não é menos apegado a uma outra “arma de combate”: os jornais. *A Tribuna de Gironde*, *O Povo Soberano*, *A Independência espanhola* — fundada em Barcelona no ano 1859 —, o *Memorial da Comuna* estão repletos de publicações que ele fundou e nas quais fez aparecer artigos bem inquietantes para a Restauração e sobretudo para o segundo Império. Mas seu espírito revolucionário, antimonarquista e anticlerical se manifestou com bastante força nos artigos publicados nos outros tantos jornais franceses, espanhóis, belgas ou suíços; os períodos mais ou menos longos de exílio na Espanha, na Bélgica ou na Suíça jamais o impediram sua atividade de editor e de escritor militante.

“Homem de ideias, não se prendeu exclusivamente a ninguém e seu porão ideológico inicial nunca cessou de se diversificar e de se enriquecer, sem que por isso renunciasse às suas convicções anteriores” (ibid. : 79).

Livreiro, editor, lexicógrafo, viticultor que não teve tempo de realizar sua presumida vocação, bonapartista, utópico, icário,⁷³ comunardo, anarquista, anticlerical, espírita, exilado, Maurice Lachâtre é uma personalidade complexa demais para que se possa descrever sem o risco de erro, com todas as suas facetas. Que esperança então pode ter o pesquisador que se propõe a pintar todo o retrato — se possível objetivo — de uma tal

⁷³ Depois de se apresentar dessa forma, no seu primeiro *Dicionário universal*: “alternadamente sansimonista, falansteriano, partidário das ideias proudhonianas, Maurice Lachâtre chegou, de progresso em progresso, a se alistar ao comunismo, última forma social que devia revestir a humanidade, segundo seu sentimento”, ele se proclama “comunista icariano” em 1857. Isso quer dizer que ele declara ser o “partidário das ideias de Cabet, morto no ano precedente nos Estados Unidos onde havia fundado” — em terra virgem — “uma colônia comunista” chamada Icário, em 1848 (Bernard Desmars, “As teorias e as práticas socialistas de Maurice Lachâtre em meados do século XIX”, em François Gaudin (sob a direção de), *Le monde perdu de Maurice Lachâtre* (1814-1900), Honoré Champion Éditeur, Paris, 2006, p. 52). 52).

personalidade? François Gaudin faz essa aposta. Ao longo das páginas de um livro extremamente rico de datas, nomes e eventos ou fatos históricos, mas que permanece sempre claro e envolvente, ele recompõe a imagem — reduzida a cacos pela história — desse que foi a vida de um homem estranho e excessivo em todos os sentidos: Maurice Lachâtre, homem “pouco ortodoxo”, “filho (mal-amado) de Issoudun”. A imagem é assaz fragmentária, pois os documentos carecem, infelizmente (ao passo que, quando existentes, eles são, por sua reprodução, um dos maiores atrativos do livro). Felizmente, as hipóteses do pesquisador preenchem as lacunas; sem que isso vire argumento teleológico, sem que o conjunto se transforme em apologia. Portanto, nalguns pontos, sente-se que o autor está em simpatia com o curioso filho de Issoudun, que vale a pena o esforço de folhear os arquivos à procura de informações sobre o homem, sua vida e sua obra, sobre um século XIX francês bem movimentado; os resultados da pesquisa felizmente não deixam de completar o quadro da lexicografia francesa há um século e meio.

*O mundo perdido dos dicionários de Maurice Lachâtre (I): Dicionário universal (1852-1856)*⁷⁴

por **François Gaudin**

NOTA DO EDITOR – Neste artigo, o autor de *Maurice Lachâtre, éditeur socialiste (1814-1900)* se debruça especialmente sobre o aspecto histórico do editor de dicionários, ressaltando as suas vistosas qualidades neste ofício, e, de certa forma, reparando a injusta omissão normalmente feita ao seu nome na história do desenvolvimento dos dicionários e enciclopédias. Sim, como dicionarista, enciclopedista, editor e publicista em geral, Lachâtre tem muitos méritos e merece o devido reconhecimento, embora ela tenha criado quase um mundo à parte da realidade — na própria tentativa de construir no mundo real seu mundo utópico, estranhamente eclético e sincrético, inclusive promovendo os camaradas e depreciando os “inimigos”, quase que numa imitação da *Divina Comédia*, em que Dante escolhe ao seu gosto quem colocar no paraíso, bem como quem vai pro purgatório e pro inferno.

Referência:

GAUDIN François, 2003, « Le monde perdu des dictionnaires de Maurice Lachâtre : *le Dictionnaire universel* », Cahiers de lexicologie , n° 83, éd Champion, p. 85-104.

para Maurice AGULHON, em homenagem e agradecimento

Com justa razão, chamamos o século XIX “o século dos dicionários”; os historiadores igualmente o apelidaram de “o século das revoluções”. No entanto, essas duas denominações raramente coincidem. Uma figura condensa em si essas duas fórmulas: é a de Maurice Lachâtre (nascido Maurice de La Châtre) que redigiu dicionários para as revoluções. Vamos nos concentrar neste texto no primeiro deles, o *Dicionário Universal*.

⁷⁴ Tradução nossa do artigo (originalmente em francês) *Le monde perdu des dictionnaires de Maurice Lachâtre (1) : le Dictionnaire universel (1852-1856)* em Academia.edu, disponível pelo link https://academia.edu/30368808/Le_monde_perdu_des_dictionnaires_de_Maurice_Lachatre_1_le_Dictionnaire_universel_1852-1856 (visto em 10/05/2022).

Maurice Lachâtre (1814-1900) é um lexicógrafo esquecido que anima ou vive muitas aventuras, editoriais ou não. As diferentes facetas deste personagem com uma longa carreira merecem um estudo particular (Gaudin, em preparação). O *Dicionário Universal*, o *Panteão Literário* e a *Enciclopédia Ilustrada* serão seguidos por outras quatro coleções lexicográficas, cuja publicação se estenderá por meio século. Esses sucessores serão atualizações ou adaptações deste empreendimento inicial. Esta obra incompreendida é emblemática de um meio mal conhecido e que desempenhou um papel decisivo no mundo literário e intelectual de meados do século XIX, aquele dos “quarenta oitavos” (Aguilhon, 1992). Ele extrai dela uma singularidade que talvez interesse mais à história das ideias do que à dos dicionários. Porém, o que seriam os dicionários sem a vontade de transmitir as ideias?

Uma obra incompreendida

O Dicionário Universal tem sido objeto de pouco estudo. Margarete Lindemann (1988) o evoca, enfatizando seu interesse do ponto de vista da história do vocabulário, em um dos poucos estudos publicados sobre os dicionários de Lachâtre. É preciso dizer que a maioria das obras de referência mais ou menos interessadas na história da lexicografia ignoram esse autor. Tudo começou durante sua vida: Pierre Larousse não pôde excluí-lo da nomenclatura de seu *Grande Dicionário Universal do século XIX*, mas lhe concedeu uma nota curta e depreciativa. A Enciclopédia editada por Berthelot no final do século, mais objetiva, permanece concisa. No período entre duas guerras, o lexicógrafo ainda é mencionado, mais brevemente, na *Larousse do século XX*.

Produções mais recentes quase não mencionam Maurice Lachâtre. Ele está ausente da *Bibliografia dos autores modernos de língua francesa* (1801-1949), do *Dicionário de literatura de língua francesa* — co-dirigido por um lexicógrafo: Alain Rey —, do *Dicionário das letras francesas do século XIX*, do *Literário história da França*, de *História de uma língua: o francês*, de Marcel

Cohen, de *História da língua francesa desde suas origens até 1900*, editada por F. Brunot (que só menciona seu nome em conexão com uma anedota sobre Jules Vallès); procuramos em vão na *Pequena história dos dicionários*, de M. Van Hoof, ou no artigo “Dicionário”, da *Encyclopédia Universal, Corpus 7*. Devemos esquadrihar obras especializadas para encontrar vestígios dela: Laurent Bray o menciona na bibliografia de seu panorama (em Hausmann et alii, 989-1990), Meschonnic (1991) aludiu a ele em relação aos dicionários de combate, Quemada (1968) o toma como exemplo de dicionário com finalidade exaustiva — mas não se encontram senão breves menções. Quanto aos trabalhos mais tardios, eles não aparecem na tabela elaborada por Jean-Claude Boulanger (1994). O opúsculo *Os Dicionários da Língua Francesa* cita Lachâtre, mas não menciona o primeiro de seus dicionários, embora duas obras posteriores, de quatro, apareçam lá (Pruvost, 2002).

Diante de tantos silêncios, tentamos preencher um pouco essa lacuna em um manual publicado no ano do centenário de sua morte (Gaudin e Guespin, 2000). Para completar este quadro, deve-se notar que a atividade não lexicográfica de Lachâtre lhe rendeu menções, sempre rápidas, em obras de conteúdo histórico. Citaremos apenas três referências: Maurice Agulhon (1970), Jacqueline Lalouette (1997) e Jean-Yves Mollier (1988). Finalmente, temos o prazer de apontar a existência de duas dissertações universitárias recentes (Verbrugge 1999 e Parent 2001) que dão esperança de que a sombra que cerca o nosso homem se dissipe no futuro.

Mas antes de analisar o conteúdo do texto, vamos delimitar suas características. Os dois volumes contêm respectivamente 1620 e 1582 páginas. O primeiro volume abre, voltado para a folha de rosto, com uma gravura representando o autor. O texto é precedido, em duas páginas, por uma carta “Ao Sr. Emile de Girardin”, seguida de uma breve resposta “Ao Sr. Maurice de La Châtre”. E da mesma forma, o segundo volume abre com uma “Carta do autor aos assinantes do Dicionário Universal”.

O texto do dicionário propriamente dito começa, portanto, na página 7 e termina na página 1500 do segundo volume; é seguido por uma “Gramática Francesa” não assinada (pp. 1501-1556), “Reforma Ortográfica”

de Casimir Henricy (pp. 1557-1582) e uma "Carta do autor aos assinantes do *Dicionário Universal*" e uma "Lista de colaboradores do Dicionário Universal", não paginado. As páginas de 24 x 31 cm oferecem ao texto e às ilustrações um espaço de 18 x 24 cm. Por fim, salientemos aos amantes da precisão que o transporte de tal obra exige a movimentação de 8 quilos 1.

Tal peso sugere uma nomenclatura generosa: um levantamento feito a cada cem páginas permite estimar a ordem de grandeza em 70.000 artigos (nossos resultados dão 33.369 artigos para o primeiro volume e 36.570 para o segundo, ou seja, um total de 69.939). Para avaliar o número de caracteres, estimamos que cada uma das três colunas que compõem uma página conte com — estimativa baixa — 4400 caracteres. Era preciso considerar a parte das ilustrações; em 20 páginas (1000 a 1019 do volume 1), estas ocupam 180 centímetros, ou 2,4 páginas. Como o próprio dicionário tem 3.120 páginas (já que excluímos do nosso cálculo os anexos), podemos estimar o número de sinais em 35,5 milhões de sinais. Isso nos dá um comprimento médio de 500 caracteres por artigo.

A publicação

O *Dicionário Universal* foi publicado, a partir de 1852, pela Administration de librairie, fundada em Paris por Maurice Lachâtre, provavelmente em 1839. Pouco se sabe da empresa e da publicação. Nada se sabe também sobre as concepções lexicográficas do autor, que não deixou — além dos textos que o acompanham — nenhum documento sobre o assunto e nem mesmo redigiu os artigos de dicionário de suas várias coleções. Note-se que deu suficiente importância a estas produções para, no crepúsculo da sua vida, começar a trabalhar numa derradeira versão que começará a aparecer aos 84 anos.

Mas antes de prosseguir, recordemos o contexto político francês. A revolução de 1848 terminou em uma severa repressão; em dezembro de 1848, Louis-Napoleão Bonaparte foi eleito Presidente da República. Em 2 de dezembro de 1851 ele foi o autor de um golpe de estado; estabelece-se

um regime autoritário que leva a uma mudança de regime em 1852: o império de Napoleão III começa. Entendemos que no início da década de 1850 uma multidão de intelectuais delibera lutar com a caneta. Lachâtre será um deles. E dicionários — sabemos disso pelo menos desde Pierre Bayle — podem servir como armas de combate.

A publicação do *Dicionário universal* se efetua sob a forma de entregas. Esta fórmula, comum na época, foi a preferida pelo livreiro-editor Maurice Lachâtre. O exame atento do texto permite confirmar a ideia de que os artigos foram redigidos gradativamente e à medida que foram publicados. Avançando na leitura dos dois volumes, vê-se assim aparecerem as datas de 1852, 1853, 1856. O estudo supracitado de Lindemann se apoiou em uma leitura da *Bibliografia da França*: a data de 1852 mencionada na página título do primeiro volume concorda com a gravação da primeira edição na data de 29 de maio de 1852. Mas uma dúvida persiste, se levarmos em conta uma carta ao Guardião dos Selos do Promotor Imperial que afirma que a obra, que "foi publicada em partes, começou a aparecer no decorrer do ano de 1851, e foi concluída, após uma interrupção bastante longa, em 1857." (Arquivos Nacionais, BB/24/548-561). Esta menção de 1851 tem todas as chances de ser resultado de um erro se acreditarmos em nossos exames: um livreto deveria ter aparecido em 1851 incluindo um texto precedendo o artigo de Abd-el-Kader.

O segundo volume abre com uma "Carta do autor aos assinantes do *Dicionário Universal*", carta datada de 15 de março de 1854. O intervalo de dois anos corresponde grosso modo à publicação dos 101 números necessários para enviar os 202 cadernos vendidos de dois em dois fascículos. É verdade que o tempo é um pouco encurtado, pois contamos, entre as duas datas, 95 semanas para 101 entregas. Em que momento a entrega foi acelerada? Isso será difícil de ser estabelecido. Em todo o caso, podemos considerar o escalonamento da redação seguindo as datas mencionadas nos artigos: Abd-el-Kader: 1852, águia: 10 de maio de 1852, advertência: 1852, Azemar: março de 1852, Bíblia e consideração: 1853, dívida e França: 1854.

O segundo volume agrupa 198 cadernos, ou 99 entregas, o que nos

deixa esperando o final em abril de 1856, ou a segunda “Carta do autor aos assinantes” colocada no final do livro é datada de 15 de dezembro de 1856. Margarete Lindemann mencionou isso feito questionando os motivos que podem ter motivado os atrasos e a época em que eles podem ter ocorrido. Ela deduziu disso que era necessário “datar todos os materiais do segundo volume H a Z de 1856” (1988: 151). Ora, nossa pesquisa nos leva a acreditar que os atrasos ocorreram tardiamente.

De fato, vários eventos, profissionais e privados, ocorridos em 1855 e 1856 podem ter retardado o fim da publicação. Em abril de 1855, Lachâtre começou a publicar, novamente em fascículos, outra coleção lexicográfica, o *Dicionário francês ilustrado*; o *Dicionário Universal* foi examinado em 19 de março de 1856 pelo Promotor Imperial do Sena (voltaremos a isso); finalmente, Maurice Lachâtre é profundamente tocado pelo luto de Amélie de Bray, uma amiga próxima que ele conhece há mais de quinze anos. Esse luto, que provavelmente ocorreu no início de 1856, prejudicou sua saúde, se acreditarmos em uma carta de Madame de La Châtre, mãe de Maurício.

Além disso, as datas mencionadas em alguns artigos permitem acompanhar o escalonamento da escrita: encontramos, por exemplo, na livraria, libreto e tártaro, 1854, depois, em Thierry (Agostinho), toilette, travail, trembling e Valache, 1856. Podemos, portanto, razoavelmente pensar que ocorreu uma interrupção entre Tártaro e Thierry (Agostinho) e levar esses resultados em consideração para a datação de neologismos. Quanto aos apêndices, a “Gramática francesa”, que segue o texto do próprio dicionário, menciona a data de 1857 enquanto a “Reforma ortográfica”, de autoria de Casimir Henricy, e que encerra o trabalho (páginas 1557 a 1582), cita um artigo de jornal datado de abril de 1856.

A concepção lexicográfica

Os grandes dicionários generalizados de Maurice Lachâtre apresentam todos o mesmo desenho tipográfico: são fólhos de três colunas embelezados com gravuras bastante numerosas. A microestrutura e a macroestrutura do conjunto refletem as ambições ideológicas do gerente de

projeto. A seleção da nomenclatura, a escolha dos significados técnicos, as citações de autores, os exemplos forjados: tantos parâmetros que permitem revelar, para o *Dicionário Universal*, um programa lexicográfico voltado para a emancipação do povo e a oposição ao nascente regime imperial de Napoleão III.

A concepção lexicográfica de Lachâtre não é apresentada senão de uma forma muito sumária em sua “carta a Emile de Girardin” colocada no início. Pela escolha do título, *Dicionário Universal, panteão literário e enciclopédia ilustrada*, Lachâtre coloca-se sob o patrocínio de Furetière — ao qual ele não consagra qualquer atenção — e reivindica uma orientação tanto enciclopédica quanto linguística. Em complemento a isso, podemos ver na escolha do título “Panteão Literário” a influência de Emile de Girardin, grande homem da imprensa a quem o livro é dedicado, e que projetou por volta de 1833 o “Panteão Literário”. Essa coleção, que veio a lume em 1835, consiste na publicação em cem volumes de obras-primas da literatura (ver Péliissier, 1985: 78). Note-se que foi aos cuidados de Lachâtre que Emile de Girardin confiou a publicação de *A abolição da miséria pela elevação dos salários* publicada pela Administração da Livraria em 1850.

Os elementos que aparecem no paratexto do dicionário são resumidos; Assim ficamos sabendo, na “Carta do autor aos assinantes do *Dicionário Universal*”, colocada no final do livro, que L’Héritier (de l’Ain) “comunicava a frutífera ideia de um *Dicionário ilustrado*; Emile Girardin acrescentou o epíteto 'universal' e o livro foi criado.”

Se Emile de Girardin é uma das figuras maiorais do jornalismo do século XIX, Louis-François L’Héritier (1789-1852) deixou menos vestígios. Antes de tudo um soldado, ele era um daqueles publicitários obscuros que cercavam Lachâtre, sempre republicanos, muitas vezes socialistas, e que participavam das lutas de seu tempo. Esse provincial vindo a Paris publicou *Memórias do Sr. Clémendot* (1818), *O mais rápido da glória* (1818-1823), *História da Reforma* (1825), *Memórias de Vidocq* (1828-1829) e *A República ou a Família Clairvent* (1832 ou 33). Em 1838, foi editor-chefe do jornal *Le bon sens* e, portanto, trabalhou com Louis Blanc. Em 1848, ele frequenta os clubes republicanos e o encontramos ao lado de Eugène Sue como

secretário adjunto da Comissão das recompensas nacionais. Ele também é um candidato constituinte no mesmo ano em Ain. É, portanto, um homem engajado nas lutas republicanas e socialistas. Morreu no ano em que o *Dicionário Universal* começou a ser publicado.

A ideia de L'Héritier permite tocar numa singularidade de Lachâtre, que é o lugar que dá à ilustração em todas as suas publicações. Quando o *Dicionário Universal* apareceu, ele havia publicado como autor apenas sua *História dos Papas*.⁷⁵ Esta edição em dez volumes oitavos é ilustrada com cerca de uma centena de gravuras em aço, algumas a cores. Essa preocupação com a ilustração será encontrada nos dicionários que publicará, pois Lachâtre parece ter sido o primeiro autor de dicionários gerais a inserir vinhetas em seu texto (Lindemann, 1988). Ele explica na carta introdutória a importância que deve ser dada às ilustrações: “um dicionário dando a explicação de coisas ou palavras, sem que o texto seja acompanhado da representação pelo desenho dessas mesmas coisas, estava em uma multidão de insuficientes e incompletos casos. Assim, para citar um exemplo, qualquer que seja o desenvolvimento dado à palavra locomotiva, é óbvio que, se o texto não for acompanhado de um desenho representando uma locomotiva, a explicação será incompleta ou mesmo ininteligível para quem nunca viu a coisa.” (“Ao Sr. Emile de Girardin”, página 5). E como que para completar esta profissão de fé, escolheu para a folha de rosto a gravura dedicada ao aeróstato de Petin na qual aparecem, além da espantosa máquina voadora, um vapor e um trem.

O objetivo perseguido é claramente pedagógico: o autor visa “não um vocabulário simples destinado a dar a ortografia de palavras e ensinar as regras gramaticais da língua francesa, mas um Dicionário que fosse um curso completo de educação em todos os pontos de vista, para o homem, para a mulher e para a criança, para todos os estados, para todas as profissões.” (carta do autor... de 15 de dezembro de 1856). Tendo chegado ao fim de sua obra, Lachâtre não tinha dúvidas de que o resultado havia sido

⁷⁵ *História dos Papas. Crimes, Homicídios, Envenenamentos, Parricídios, Adultérios, Incestos, de São Pedro a Gregório XVI. História de santos, mártires, padres da igreja, ordens religiosas, conselhos de cardeais, a inquisição, cismas e grandes reformadores. Os Crimes de Papas, Reis e Rainhas O fantástico dicionário de magia, feitiçaria, necromancia, cartomancia e quiromancia.*

alcançado, pois, afirmou, “a França possui hoje um *Dicionário Ilustrado*, um verdadeiro monumento erguido aos grandes gênios de todos os tempos, de todos os países, e que é sem análogo entre qualquer povo.”

Uma visão totalizante

Como muitas compilações do século XIX, a coleção lexicográfica de Lachâtre exhibe uma ambição um tanto desmedida. Na dedicatória “Ao Sr. Emile de Girardin”, o autor afirma que “o *Dicionário universal* será o mais completo e o mais progressivo de todos os Dicionários, o único que abarcará em seus desenvolvimentos todos os Dicionários especiais”. Segue uma lista de sessenta e dois dicionários começando da seguinte forma:

- “Dicionário da língua usual.
- Dicionário da língua literária.
- Dicionário da língua poética.
- Dicionário dos sinônimos.
- Dicionário da velha linguagem.
- Dicionário das dificuldades gramaticais..
- Dicionário das viagens.
- Dicionário infernal, da cabalística e das ciências ocultas.
- O dicionário de gírias e gaia ciência.
- O dicionário de artes e ofícios.
- O dicionário de manufaturas.
- O dicionário de teologia...”

Tal programa dificilmente seria realizado, exceto na soma que Pierre Larousse dirigirá até sua morte. No caso de seu antecessor, não poderia ser visto como muito mais do que uma estratégia de venda. No entanto, certas áreas do léxico são cobertas com um cuidado especial. Mas neste conjunto com objetivos tão elevados, podemos detectar com nossas modernas categorias de análise diferentes obras que se interpenetram.

O dicionário terminológico

A nomenclatura se elevando, tal como estimamos, a 70.000 itens, tal

número indica que o lugar dado aos termos e aos nomes próprios é grande. Trata-se, portanto, de um dicionário essencialmente terminológico que estes dois volumes contêm. A parte da enciclopédia, ademais, é preponderante sobre as citações e os exemplos enunciados. E, de fato, história, geografia, ciências naturais, técnicas, indústrias e profissões são tratadas em detalhes. Na verdade, a própria terminologia tem pouco a ver com a concepção de Lachâtre. Acima de tudo, ela explica a importância que ele atribui à imagem.

Assim, quando a história tem que ser qualificada como natural, ela suscita a necessidade de marcadores referenciais que o uso da ilustração legendada permite satisfazer. Assim, das 25 ilustrações listadas em 20 páginas, 6 referem-se, em partes iguais, à zoologia e à botânica, enquanto um terço refere-se à geologia. Mas é mais interessante sublinhar o lugar inesperado concedido à técnica, aos dispositivos mecânicos: encontram-se ilustrações acompanhando os artigos *válvula*, *trinco*, *catraca* e *prego*. A arquitetura e matérias afins que se relacionam também estão bem representadas; testemunham isto: *claustro*, *torre sineira*, *cela* (que tem direito a duas ilustrações). Ao lado disso, a história ocupa um lugar de destaque, mas, sobretudo, alimenta o dicionário de nomes próprios incluídos no livro.

O dicionário de nome próprios

Nesse aspecto, o *Dicionário Universal* se destaca de vários outros dicionários do mesmo período (Academy, Dupiney de Vorepierre, Poitevin, etc.) pela inclusão de nomes próprios em sua nomenclatura. Será mais útil em comparação com as publicações de Landais, Raymond, Wailly e especialmente com o *Dicionário Nacional de Bescherelle*. A parte mais bela — que não quantificaremos mas que permite à obra constituir um testemunho precioso do seu tempo — está reservada aos homens que serviram e continuam a servir a causa da emancipação do povo. É por isso que, quando lista todos os dicionários especiais contidos em sua obra,

Lachâtre não cita um dicionário de homens famosos, mas “de homens úteis”. Isso sem dúvida explica a parcela congruente dada aos arautos das Artes e das Belas Letras. É, portanto, um dicionário de nomes próprios particulares, que exhibe seus preconceitos e não deixa de celebrar os grandes contemporâneos.

É o caso de vários estudiosos que se figuram na nomenclatura: os artigos são dedicados a contemporâneos, sejam eles vivos: François Arago, Jean-Baptiste Dumas, Juste Liebig, ou falecidos no século XIX: Alexandre Brongniart (1770-1847), Humphrey Davy (1778-1829), Guillaume Dupuytren (1777-1835), Malte-Brun (1775-1826). Em um registro semelhante, Carnot, Champollion, Daguerre, homens úteis, têm direito a uma nota. Mas as ciências e as tecnologias estão lá apenas para o programa pedagógico; para Lachâtre e sua equipe, o essencial está alhures: trata-se de contribuir para a emancipação do povo.

Como dissemos, o tratamento da história impõe uma nomenclatura de propriônimos. Aqui, o lugar da mitologia está conveniado, aquele dos heróis da revolução e do gesto napoleônico está igualmente reservado. Neste último caso, algumas figuras menores, cuja lista não precisa ser elaborada aqui, são retraçadas, às vezes por um esboço rápido. Se a história da França é privilegiada, a dobra geográfica está longe de marcar a nomenclatura: o artigo dedicado à *Espanha* tem mais de uma coluna, aquele dedicado à *Argélia*, quase duas colunas, enquanto a *França* não ocupa uma página inteira. A diferença não é espetacular. O artigo da França é ainda um pouco mais curto do que o que trata da *Alemanha*, e é muito mais curto do que o consagrado à *Inglaterra*, que ocupa mais de duas páginas. Em todos esses artigos, história e economia têm precedência.

Citamos alguns nomes de estudiosos; expandindo aos homens da pena e da tribuna, encontramos Auguste Blanqui, François-Auguste de Chateaubriand, Emile de Girardin, Victor Hugo, Alphonse de Lamartine, Alexandre-Auguste Ledru-Rollin, Pierre-Joseph Proudhon, George Sand e Eugène Süe. Observe que Chateaubriand e Lamartine — cujos lugares são reconhecidos — são julgados sem amenidade. Certos homens da Revolução de 1848, menos famosos hoje do que aqueles cujos nomes os precedem, são

citados em bom lugar: Marc Caussidière e Adolphe Crémieux. É certo que a página foi virada, mas ainda é uma história muito recente: apenas quatro anos separam os trágicos acontecimentos e o início da publicação do *Dicionário Universal*.

O livro não se concentra apenas em atualidades francesas. Os estrangeiros, certamente menos bem tratados que os franceses, não são ignorados. Nota-se, por exemplo, a presença de Hegel; mas podemos, é verdade, detectar aqui a influência de Proudhon, um de seus discípulos franceses, que foi para Lachâtre uma relação amigável e uma referência intelectual. Ao lado desses nomes plenamente históricos, do ponto de vista da memória coletiva, o *Dicionário Universal* dedica notas aos socialistas e seus precursores: Gracchus Babeuf, Louis Blanc, Etienne Cabet, J.G. Colins, Victor Considerant, Charles Fourier, Thomas Morus, Robert Owen, Henri de Saint Simon. Quanto ao combate às ideias contemporâneas, ele encontra seu eco, por exemplo, no tratamento do artigo *Malthus* (1766-1834) cujo nome, que surge várias vezes, atesta o caráter precoce da luta contra o malthusianismo, termo usado por Blanqui, depois por Proudhon.

A cobertura de Cartas é menos exaustiva: Balzac, Scribe — citados no artigo *literatura* — estão ausentes, assim como Théophile Gautier, Alfred de Musset, Sainte-Beuve, Stendhal, Alfred de Vigny, mas Alexandre Dumas, Victor Hugo e Walter Scott — todos os três editados por Lachâtre — não são esquecidos. Delacroix e Géricault têm direito a artigos, assim como Beethoven, mas não Berlioz, Chopin, Corot ou Courbet. Por outro lado, o gosto da época é refletido pelo lugar ocupado por Béranger, Paul-Louis Courier, Hégésippe Moreau ou mesmo o cantor Pierre Dupont, inscrito na nomenclatura e frequentemente citado, às vezes abundantemente. Por exemplo, Hégésippe Moreau, poeta que participou da revolução de 1830 e morreu aos 28 anos, tem direito a citações de mais de dez versos.

E os lexicógrafos? Larousse e Littré não entraram na carreira; Lachâtre não sofreu por esta primeira compilação de sua sombra. Voltemos ao passado: os Estienne não são mencionados, mas Nicot é considerado o autor do “primeiro dicionário conhecido”, o que é razoável. Furetière não é mencionado, como dissemos, muito menos Richelet. Bayle e Diderot têm

direito aos tributos esperados, mas são mais do que lexicógrafos. Lachâtre está em consonância com a *Enciclopédia*, afirmando que “na massa de enciclopédias que foram publicadas até hoje, o mais importante, o mais necessário foi a falta, a Enciclopédia do Povo; é essa lacuna que esperamos preencher com a publicação do *Dicionário Universal* e seus complementos.”⁷⁶ Entre os contemporâneos, Louis-Nicolas Bescherelle viu os méritos de seu *Dicionário nacional* reconhecidos, mesmo que o editor o reduzisse a uma “compilação ainda mais indigesta quanto mais completa ela for”. O dicionário de Laveaux é considerado “o mais famoso e o melhor de suas obras”, mas Boiste — cuja assinatura pode ser encontrada muitas vezes em citações — e Landais — que apareceu em 1852 — foram ignorados. O mesmo acontece com Abbé Girard, o sinonimista frequentemente citado, pois o programa do *Dicionário Universal* inclui, como vimos, um dicionário de sinônimos.

Resta a Academia francesa, cujo processo dificilmente é instruído em defesa: “perguntamos, a quem pode servir este livro tão incompleto, tão inútil, e do qual esses senhores julgaram necessário cortar a linguagem do povo, isto é, a língua dos ofícios, das profissões, como se as artes, entre todos os povos, não tivessem precedido a literatura e a poesia, como se a língua dos ofícios não fosse a própria língua da civilização.” Ora, as profissões são uma preocupação central nas escolhas da equipe.

O dicionário da língua

O programa macroestrutural de Lachâtre vai assim muito além daquele de um dicionário de línguas, mas este aspecto é obviamente parte integrante do mesmo. Historicamente, o anúncio no prefácio de uma coleção aberta tanto a palavras antigas quanto a novas é respeitado. No seu estudo, Margarete Lindemann (1988: 157-158) sublinha o interesse desta

⁷⁶ É notável que, numa publicação de 1851, a livraria de Lachâtre inseriu um anúncio de um *Dicionário do povo*, que foi o primeiro título da coleção (*Almanaque do bem-estar universal* para 1852, editado por uma associação de trabalhadores tipógrafos..., Administration de librairie, 1851).

fonte para a datação de neologismos: *absentéiste*, *brickaillon*, *budgétivore*, ou para os primeiros registos lexicográficos: *affidavit*, *drainer*, *income-tax*, *mormon*, *stock* etc. Observemos que estas palavras não são anotadas como neologismos pelos autores, enquanto outras como *comunismo* ou *jardineiro* são marcadas pela menção (neolog.). Mas é verdade que a menção não nos permite identificar todas as marcas de sentimento neológico; assim, no artigo *monografia*, o desenvolvimento enciclopédico assinala que se trata de uma “palavra recentemente introduzida na língua”. Note-se que os editores não são avessos ao registo dos neologismos dos autores, pelo que há um artigo dedicado à *bricabracologia*, “uma palavra cunhada por um dos nossos romancistas contemporâneos”, ilustrado com uma citação de Balzac.

Encontramos também vocábulos assinalados para seu arcaísmo: *lepturgia*: “Diz-se da arte de pintar em miniatura”, *lesché*: “Palavra que significava, entre os antigos, conversação”, *lesse*: “Significava antigamente corda, fita...”, *mentira*, “Gai. Não é mais usado, exceto nesta frase familiar: Fazer cara mentira”, *panteler*, “Velha palavra que significa ofegar...”, mas o desaparecimento dos referentes designados está na origem da parte mais importante dos termos antigos: *licínia*, *licium*, *lictor*. Note-se que o sentimento de arcaísmo deixa os falantes tão desarmados quanto o sentimento neológico, e um substantivo como júbilo — que sentimos hoje como obsoleto — já era rotulado como “palavra antiga”.

A etimologia é muitas vezes indicada, trate-se do étimo ou do radical; em alguns lugares ele pode aparecer para metade dos artigos. A pronúncia pode ser indicada sozinha ou antes da etimologia: à *phalange*: (pron. falange; do grego phalanx...).

As definições nem sempre são isoladas do conjunto do texto pelos escritores. Existem casos simples; por exemplo, o artigo *milícia* apresenta uma parte linguística, cujos títulos são isolados por um separador “[]”. Podemos distinguir a parte enciclopédica que abre com a menção “Hist. da França”. Em outros casos, é a redação que orienta o leitor; assim, a parte enciclopédica de *farol* começa com “Os faróis, embora geralmente muito úteis, às vezes se tornaram fatais para os navegadores.”

Por outro lado, o artigo *fariseu* é todo único e a definição se confunde

com a descrição histórica: “Membro de uma seita judaica, uma das mais antigas e importantes da Judeia. Não conhecemos o fundador da seita dos fariseus...” Muitas vezes é a retomada da palavra-chave que marca a transição da parte linguística para o desenvolvimento enciclopédico; assim encontramos em *Proserpina*: “... Proserpina é uma divindade cósmica...”, *prosódia*: “... A verdadeira prosódia consiste...”, *regicídio*: “A questão do regicídio foi muitas vezes contestada pelos jesuítas...” Esses desenvolvimentos são específicos para cada sentido e estão integrados aos artigos; os outros sentidos sendo descritos depois deles. O nome *rouxinol* está sujeito a definição e desenvolvimento, que são seguidos por significados derivados (marcados Irônico e Fig.) e léxicos compostos: Rouxinol com asas variadas, Rouxinol da América, Rouxinol das Antilhas...

Os exemplos e citações são numerosos, mas nem sempre fáceis de distinguir. De fato, a convenção tipográfica adotada os põe em destaque graças ao itálico. Mas algumas citações, por exemplo *moléculas orgânicas*, estão em romanos e o autor, aqui Buffon, é indicado entre parênteses. Estes permitem distinguir entre citações e contribuições originais, quando os artigos são assinados. No entanto, essa convenção nem sempre é respeitada; e é assim; se nos atermos à convenção tipográfica, devemos considerar que o signatário dos artigos genealogia e geração, bem como dos subartigos pessoas de cartas que aparecem sob o endereço pessoas, não é outro senão Voltaire. Nesse caso, a ambiguidade é rapidamente removida, mas para certos autores contemporâneos ou obscuros, a dúvida permanece.

Qualquer que seja o status de seus textos, o fato é que autores contemporâneos, ou que morreram no século XIX, são abundantemente citados pelos editores: Balzac, Béranger, Boiste, Brillat-Savarin, Chateaubriand, Paul-Louis Courier, Pierre Dupont, Girardin, Hugo, Lamartine, Lamennais, Ledru-Rollin, Hégésippe Moreau, Musset, Eugène Pelletan, Proudhon, Quinet, Sand, Süe... Não nos esqueçamos de Napoleão e Louis-Napoleão Bonaparte, este último tendo sido próximo de Lachâtre — que o edita — antes de se tornar imperador. Esta lista sobrepõe-se parcialmente à que aparece no início da obra antecedida da menção “e segundo a obra de”, mas apenas mencionamos as que de fato notámos.

Essa lista é o resultado de consultas aleatórias e não pode refletir o todo. A revisão das citações em quinze páginas retiradas dos dois volumes permite elaborar uma lista de 123 autores. Entre estes, os mais citados são, pela ordem, Voltaire 26, Boiste 11, Racine (J.) 11, Boileau 9, Bossuet (J. B.) 9, Rousseau (J.-J.) 8, La Fontaine (J. De) 7, La Bruyère (J. De) 5, Molière 4. Nessa escolha de um grande classicismo, ainda que o lugar de Voltaire seja significativo, não se pode deixar de nos surpreender com o posto ocupado por Boiste, que nem sequer tem direito a um artigo (será necessário aguardar o último dicionário, publicado a partir de 1898, para que esse lapso seja preenchido por um aviso de quatro linhas e meia). A personalidade do lexicógrafo, sem dúvida, mereceria ser destacada.

Observemos também que esta lista compreende vários membros da redação: Benjamin Barbé, Bescherelle, Buchet-Cublize, Eugène Carpentier, A. Caumont, J. Delbruck, Jules Duval, Jules Levallois, Melvil-Bloncourt, Watrison. Podemos além nos surpreender com esse conjunto porque os autores em questão deixaram poucos vestígios na bibliografia francesa.

O dicionário enciclopédico

É claro que são os desenvolvimentos enciclopédicos que constituem a parte mais original do *Dicionário Universal* e podem motivar o interesse do leitor do século XXI. Como muitas coleções de seu tempo, esta obra lexicográfica dá lugar de destaque à história, geografia e zoologia. Existem reservas nomenclaturais que podem ser facilmente utilizadas para expandir uma paginação. Mas um trabalho comparativo deveria ser realizado para medir as particularidades da nomenclatura. Pouco importa aqui, pois é em outro lugar que se deve buscar o interesse do programa enciclopédico de Lachâtre.

Assim, o aspecto geográfico é desenvolvido; porém o aspecto mais interessante indubitavelmente é o tratamento da política dos Estados. Alguns dos artigos contêm monografias detalhadas que são testemunhos apaixonantes. Um exemplo é a seção “Trabalho, riqueza e miséria da

Inglaterra” (assinada com um enigmático L., que poderia significar Lachâtre), na qual se desenha um retrato incisivo do estado político e social do país. Mas estas descrições pontuais fazem parte de uma temática geral.

Os temas

Vários temas podem caracterizar o texto; não evocaremos aqui senão os mais marcantes. Em primeiro lugar, o anticlericalismo é uma constante em todas as publicações da longa carreira (mais de meio século) de Lachâtre, seja como autor ou como editor. Já mencionamos a *História dos Papas*; mencionemos também *História da Inquisição* (1880). Alguns artigos incisivos podem ser apontados: *confessionário*, *Inácio* (Loyola) e *jesuíta*. (Deve-se notar que, por razões indubitavelmente ideológicas, a partícula nobilitária *de* é frequentemente suprimida: assim como de La Châtre tornou-se Lachâtre, Buchet de Cublize tornou-se Buchet-Cublize.) O primeiro desses artigos, *confessional*, anuncia as torpezas descritas em *O Manual dos confessores* que Lachâtre editaria; o segundo oferece um retrato mordaz, apoiado em Voltaire e assinado por Eugène Süe; o terceiro homenageia Michelet e Edgar Quinet, que assinaram *Os jesuitas* e reuniram em torno deles os anticlericais. A pena de Lamennais, convocada várias vezes, é a de um irregular da fé, tal como a do abade Châtel, que é um dos membros da equipe editorial.

Em seguida, o republicanismo que percorre o livro é aqui mais socialista que o de Larousse, e é nesse aspecto que interessa explorar os artigos políticos. O longo artigo *socialismo*, não assinado, é obviamente devido à pena de Lachâtre, que usa essa estrutura para explicar detalhadamente o funcionamento do banco comunal que ele fundou em Arbanats. Evoca aqueles cujas doutrinas podem ser agrupadas sob a palavra de ordem: Louis Blanc, Etienne Cabet, J.G. Colins, Charles Fourier, Pierre Leroux, Robert Owen, Pierre-Joseph Proudhon e Henri de Saint-Simon. Um único rótulo então, o nome *socialismo*, para essas mentes tão diferentes? É que “esta palavra completamente nova expressa maravilhosamente uma

coisa eterna como o homem, o protesto incessante do bem contra o mal; exprime o ser, a ordem, a harmonia, Deus faz a sociedade, como se fez homem. *Comunismo*, que se difundiu a partir de 1840, é relatado como um neologismo.

Vamos extrair do artigo essa fórmula: “O comunismo é a absorção dos interesses individuais pelo interesse social”. O instrumento para a execução desse programa é o Estado: “Quanto mais forte, mais concentrado, mais absorvente é o Estado, mais comunista é a sociedade que ele personifica e dirige”. Mas este estado é do tipo federal. Alguns nomes de comunistas são lançados por aí: Louis Blanc, Etienne Cabet, Robert Owen, de quem acabámos de falar, mas também homens mais próximos de Lachâtre: Félix Pyat, Eugène Süe, François Vidal, Pierre Vinçard, assim como Lachambeaudie, Thoré e Villegardelle.

No início da década de 1850, uma franja intelectual — os “publicistas”, como se costuma dizer — despertou novas ideias e fundou esperanças. Pode-se ser ao mesmo tempo democrata, republicano, socialista, comunista, anticlerical e deísta. Éramos Saint-Simonianos; um é fourierista; em breve seremos espíritas. Futuras “utopias” procuram ganhar corpo; ao lado de projetos globais, do tipo falansteriano, luta-se pela melhoria concreta das condições dos trabalhadores. A novidade é aquela de uma miséria crescente, sobretudo urbana, e que se traduz em mortalidade significativa. Esses fatos são descritos, com figuras de apoio. No primeiro volume, o tratamento dos ofícios é notável: quase todos os artigos são da pena de Pierre Vinçard, o qual deixou a equipe no curso da obra, ao que parece. Para cada profissão descrita, a força de trabalho, taxas, períodos de desemprego são registrados com precisão. As condições de trabalho são rastreadas. Todos esses registros constituem um quadro surpreendentemente rico.

Por fim, poderíamos também desenvolver os temas do antiescravismo e do feminismo que caracterizam o *Dicionário Universal*, mas teríamos que recolocar esses temas nos arcabouços do pensamento da época: a França, lutando pela libertação dos escravos, deve continuar a colonização para levar longe a palavra da Revolução e a clareza do Iluminismo; vista nesse espírito, a colonização é a manifestação “a mais útil, a mais gloriosa, a mais

democrática”. E as mulheres, que dizem que elas devem ter os direitos civis dos homens, são objeto de descrições quase zoológicas: “Nas alturas, elas não têm garganta; em lugares baixos elas têm bastante”. E sabemos que o vocábulo *universalidade*, no vocabulário democrático francês, permanecerá masculina por muito tempo.

A época é complexa, ressonante de explorações e de debates, elaborando projetos generosos e divergentes, mas que a opressão de uma República que se transformou em Império torna solidários. O espantoso sincretismo que caracteriza as exposições desenvolvidas sob penas diversas se deve à solidariedade das margens, como se as inovações fossem *a priori* dignas de serem exploradas. O leitor de hoje se surpreende, por exemplo, com o lugar dado à homeopatia ou com a quantidade de menções feitas à economia solidária, concretizada pelas experiências dos bancos de câmbio e teorizada por Proudhon.

A equipe

Se Maurice Lachâtre é um desconhecido, que dizer dos seus colaboradores? Em primeiro lugar, é difícil fixar o número com certeza, porque as citações nem sempre estão bem separadas dos textos originais. Além disso, os colaboradores às vezes são os autores das citações (por exemplo, Proudhon aparece tanto como signatário quanto como autor citado). Essa equipe é formada por homens das sombras literárias. Apenas um conheceu a glória, Jules Vallès, mas seu papel foi tão modesto que não há menção alguma ao seu nome. Devemos acreditar no seu testemunho e no dos seus biógrafos (cf. Gille, 1981). Quem são os outros? Como estabelecê-lo? Utilizamos duas fontes: por um lado, a lista elaborada pelo autor ao final do volume 2; por outro lado, a lista de assinaturas encontradas nos artigos de 1.400 páginas selecionados nos dois volumes. Essa contagem permitiu ponderar a importância das colaborações.

A lista de editores agradecidos inclui os seguintes nomes: Benjamin Barbé, Buchet-Cublize, Charguéraud, Chatel, Defodon, J. Delbruck, A. Delvau,

Dumey, Jules Duval, Bescherelle Emile, V. Fillias, Henricy, Huillery, A. Lagrue, Jules Levallois, Melvil-Bloncourt, Vincard. Os amantes da verdura lexical conhecem Alfred Delvau por seu *Dicionário da linguagem verde*; ele ainda não tinha chegado a esse ponto, à época. Quanto a Emile Bescherelle, não é nem Bescherelle, o Velho, nem Bescherelle, o Jovem, os dois famosos lexicógrafos.

Se considerarmos os artigos assinados, podemos classificar os colaboradores da seguinte forma: Barbé: 79 artigos, Lagrue: 54, Caumont: 17, Levallois: 11, Vinçard: 11, Defodon: 10, Huillery: 8, Melvil-Bloncourt: 7, Bosc: 6, Carpentier: 6, Delvau: 6, Julia: 4, Châtel: 4, Watrison: 3, Duval: 3. No entanto, é necessário qualificar isto, uma vez que Caumont, Julia, Lagrue e Vinçard — todos os principais contribuintes — estão apenas no início.

Mas quem são os membros dessa equipe?

Benjamin Barbé, conhecido da polícia por suas opiniões republicanas, colaborou com *A imprensa* de Girardin; depois publicou, em 1858, *Musaeus, Héro et Léandre*, um poema de amor traduzido livremente em francês e palavra por palavra em latim, e em 1859, *Infantulus ou a criança morta*, ambos no Panteão da livraria. Publicou logo mais *A criança do lago e a fada dos sonhos*, 1862; *Alfabeto do menino Jesus*, 1866; *A inconsolável*, 1879.

Androphile Lagrue foi professor de agricultura na escola primária normal de Nancy em 1836. Ele já havia publicado, na mesma cidade, *Sobre a religião saint-simonista* em 1832. Esse utopista de longa carreira se mostraria preocupado com aplicações práticas. Em 1844, ele escreveu *Projeto geral para a extinção da pobreza*, com aplicação à cidade de Nancy, que defendia o “rebaixamento dos indigentes às colônias agrícolas. (Gueslin, 1998: 103), ideia que se desenvolve no artigo *colônia*, na seção “Colônias agrícolas”. Em 1851, assinou a *Providência médica*, instituição filantrópica, sob o patrocínio das Câmaras Municipais, para a administração de socorros médicos, cirúrgicos e farmacêuticos por assinatura: plano da organização atual da instituição. De uma atividade duradoura, ele escreverá novamente em 1890, *Crédito Livre na França e em outros lugares...* e, em 1894, *A idade de ouro pela fraternidade ativa*.

Quem é A. Caumont? É improvável que seja Arcisse de Caumont,

arqueólogo, geólogo e grande viajante. Por que o fundador da Sociedade de Antiquários da Normandia teria assinado o artigo *censura*? Seria mais provável que seja Aldrick Caumont (1825-1884), jurista de Havre com uma carreira atípica que começou como empregado agrícola para se formar em direito. Tornou-se advogado em 1847, foi discípulo de Lamennais e do economista Bastiat e logo após a publicação da coleção Lachatreana um *Dicionário Universal do Direito* 1855-57. A sua ancoragem nas utopias do século é atestada pela publicação de uma *Linguagem Universal* em 1866, que lhe valeu a honra de figurar em *Os tolos literários* (Blavier, 1982: 226). Todos esses elementos, portanto, fazem dele um possível membro da equipe lexicográfica.

Jules Levallois nasceu em Rouen em 1829. Era, portanto, um jovem colaborador de Lachâtre. Veio para Paris em 1850, escreveu em "alguns jornais de jovens", depois foi encarregado da arqueologia parisiense no Monitor universal, um órgão imperialista com o qual Gautier, Mérimée e Sainte-Beuve colaboraram, do qual ele se tornou secretário em 1855. Colaborou com *A Opinião Nacional*, um jornal radical para as classes médias. Crítico reconhecido, publicou *Crítica militante* em 1862, *Deísmo e cristianismo* em 1866, depois *Milieu du siècle*.

Pierre Vinçard, que mencionamos a propósito das profissões, é menos conhecido e mais interessante. Não é incomum que ele seja confundido com o tio, Jules Vinçard, jornalista, com quem trabalhou no *A colmeia popular* — que se tornou *A união* em 1843 — um jornal onde os partidários de Fourier e Saint-Simon conviviam, e *A fraternidade*, um jornal comunista e revolucionário. Em 1848, foi presidente do escritório dos delegados da Comissão de Luxemburgo e depois dirigiu o *Jornal dos Trabalhadores*, que seria o único jornal redigido por trabalhadores. Em 1851, tornou-se secretário editorial de *A imprensa* d'Emile de Girardin. Então, em 1865, ele colaborou com *A mutualidade*, órgão cooperativo e foi o correspondente em Paris da Internacional. Ele é o autor de uma *História do Trabalho e dos Trabalhadores*, que poderia ser comparada com os artigos confiados ao *Dicionário Universal*.

Charles Defodon é ainda mais jovem. Nascido em Rouen em 1832, nada

se sabe sobre a primeira parte de sua vida. Foi professor de francês na Escola Normal do Sena, depois inspetor, e a partir de 1867 publicou inúmeras obras pedagógicas, Ditados, Conferências, Manuais, etc. Por que ele é citado como colaborador aos 22 anos, enquanto Vallès, que escreveu na mesma equipe em 1854, permanece na sombra? Que esperanças o levaram a escrever os artigos *vagabundagem* e *voto*? Que conexões no mundo literário também o apresentaram como colaborador da *Nova biografia geral*?

Também participou “Melvil-Bloncourt, de Haïti”, um dos poucos nomes abertamente partilhados por Lachâtre e Larousse. Melvil-Bloncourt, um Métis e admirador de Edgar Quinet, foi o fundador do *Jornal das escolas* e da “Conferência de Montesquieu”; participou nos eventos de 1848 — encontra-se como comissário do Banco das Escolas. Ele teria obtido o título de advogado. Comprometeu-se a publicar *A França parlamentar*, enciclopédia da tribuna francesa de 1789 aos nossos dias, que o levou à prisão. Contribuiu depois para *O povo* e *A voz do povo*, de Proudhon, para *Verdadeira República*, e se especializou em questões coloniais na *Revista do mundo colonial* e *A Ilustração*. Participou na Comuna — como adjunto de Cluseret, delegado para a guerra — e foi eleito deputado de Guadalupe — à frente de Victor Schoelcher —, mas foi processado pela sua participação na Comuna e foi exilado.

Devido a este exílio, Elisée Reclus, o eminente geógrafo e líder anarquista, escreveu a Louis Blanc: “Melvil-Bloncourt, que é um velho amigo meu, não está muito feliz porque teve a honra de condená-lo à morte. As lições não vêm em abundância e com frequência ele fica doente.” As condições não estavam todas reunidas para que ele ficasse completamente feliz com a sua sorte. Um rumor de perdão concernente a Elie e Elisée Reclus, Brisson, Lachâtre e Melvil-Bloncourt chegou aos ouvidos deste último. Na verdade, ele foi perdoado em março de 1879 e morreu no ano seguinte. O enterro civil deste livre pensador é supervisionado pela polícia. Ao lado de Alfred Delvau, Jules Levallois e Antonio Watrison, todos contratados por Lachâtre, foi um dos amigos de Baudelaire (cf. Alante-Lima, 1997).

Quanto a Huillery, ele nasceu em 1815 e foi tipógrafo e depois editor. Esse homem misterioso era o protegido de Lachâtre, depois seu associado e amigo. Ele defendeu sua causa por escrito durante seus julgamentos. Foi membro da sociedade secreta *Os direitos do homem*, frequentou clubes durante 1848. Juntou-se ao editor Charlieu, outro amigo de Lachâtre. Quanto ao resto... Deixemos esta tabela em andamento, para não cansar muito o leitor. Os outros editores têm perfis comparáveis, exceto o singular Abbé Châtel. Apenas um deles, até onde sabemos, foi objeto de monografia: Alfred Delvau, cuja figura cativante foi trazida do esquecimento graças aos cuidados de René Fayt (1999).

As oito figuras cujos vestígios conseguimos encontrar são singulares e significativos. Estes personagens estão na sombra da história; o papel deles no curso dos acontecimentos foi modesto, poder-se-ia dizer negligenciável. Isto seria um erro. Os tribunos, poetas e profetas levam toda a luz, ou quase toda a luz. Mas para transmitirem as suas intuições, para as alimentarem, precisam da escolta de uma multidão menos orgulhosa, convencida e fiel. Vallès poderia ter permanecido nesta multidão. Aqueles que vimos permaneceram lá. Desde as prisões do Império até às solidões do exílio ou às sedes da Assembleia, os seus caminhos e fortunas eram diversos, mas sente-se que estes "quarenta e oito" participaram plenamente num movimento que surpreende o século XXI. Uma das suas principais características reside sem dúvida na firme convicção de que a solidariedade dos espíritos, se forem inventivas, convencidas e generosas, pode mudar o mundo e o destino dos indivíduos. Surpreendente época em que foi essa na emancipação do povo — um conceito com contornos mal definidos — ainda não tinha sido atrofiada no sábio programa republicano de educação pública ao qual Pierre Larousse deveria servir como figura tutelar.

Um livro para autodatas

Lachâtre, por sua vez, estabeleceu-se claramente num programa de utilidade pedagógica, comparável ao que seria o de seu ilustre sucessor: “Eu tinha sobretudo em mente a ideia de fazer um livro que contivesse a análise

dos 400.000 volumes que sobrecarregam as bibliotecas nacionais, e que pudesse ser considerado como o mais vasto repertório do conhecimento humano.” (Para o Sr. Emile de Girardin, página 5). A essa intenção enciclopédica junta-se a preocupação, acima referida, da ilustração como suporte didático. O uso especificamente pedagógico do dicionário será desenvolvido na “Instrução às mães de família” que abre o *Dicionário francês ilustrado* — cuja publicação em livretos começou em abril de 1855. O ponto comum das duas obras pode ser esclarecido por um nome, aquele de Jacotot. É de fato o nome deste pedagogo, pioneiro do autodidatismo, que surge muitas vezes sob a pena de Lachâtre quando esclarece as suas ideias em matéria de educação através dos livros. Precisamos dizer que o que está em jogo no aprendizado autônomo é, então, salvar o povo tanto da ignorância que faz o leito de regimes fortes e da autoridade da Igreja que usa suas missões de ensino como meio de doutrinação.

Para permitir essa emancipação através da leitura, Lachâtre utiliza meios comerciais modernos: uma publicação dividida em fascículos, um custo modesto (5 cêntimos por entrega), uma distribuição por corretagem. O *Dicionário Universal* diz-nos que: “A corretagem nas livrarias é praticada, em Paris e nas províncias, por um número considerável de homens inteligentes e instruídos”. E Maurice iniciou a sua carreira no comércio do livro como corretor. Além disso, na lista de colaboradores no final do livro, o autor não se esquece de agradecer aos 25 corretores e carteiros.

A condenação

O próprio texto, como vimos, foi publicado de 1852 a 1856, com a Gramática Francesa que encerra a obra mencionando a data de 1857. É, portanto, durante a publicação que o Promotor Imperial do Sena examina o *Dicionário Universal* e conclui “Parece que difícil de processar”. Estamos em 19 de março de 1856. No entanto, Serrière, o impressor, deve se explicar e promete modificar os textos “A partilha da terra” e “O quádruplo produto do imposto e do trabalho”, publicados separadamente e destinados a figurar na *Universal Dicionário*.

Esta indulgência não dura. Em 14 de julho de 1858, Maurice Lachâtre foi condenado como autor do *Dicionário Universal* a uma multa de 6.000 francos e cinco anos de prisão.⁷⁷ A pena é máxima. O livro é apreendido e destruído. Isso não impede que o autor-editor publique, no mesmo ano, o *Dicionário das escolas* e reedite o *Dicionário Francês Ilustrado*. No ano anterior, ano em que a justiça do Império processou Baudelaire, por alguns poemas de *As flores do mal*, e Flaubert, por *Madame Bovary*, Lachâtre já havia sido condenado a uma multa de 6.000 francos, um ano de prisão e dois anos de trabalho forçado como editor de *Mistérios do Povo*, de Eugène Süe.

O motivo da condenação do trabalho lexicográfico é a seguinte: “Ultraje à moral pública religiosa e aos bons costumes, à religião católica, incitação ao ódio e ao desprezo dos cidadãos uns contra os outros, apologia a actos qualificados como crimes ou delitos”. Se compilarmos as observações feitas em vários relatórios, os artigos incriminados são principalmente: *catolicismo, carne, castigo, escolha, concubina, concupiscência, continência, Deus, fé, gendarme, homem, trabalhador, pobreza, proletário, purgatório, vontade e tormento*. O anticlericalismo figura de forma proeminente.

Sob o efeito dessa dupla condenação, o lexicógrafo toma o caminho do exílio em novembro de 1858. Ele foi para Barcelona e lá permaneceu até que sua sentença expirou em novembro de 1864.

Um dicionário raro

A história do *Dicionário Universal* termina; outros seguirão; durante este exílio, em 6 de abril de 1859, a justiça voltou a condenar Lachâtre, em sua ausência, pelo *Dicionário Francês Ilustrado*. A eficiência da polícia imperial bastaria para explicar a raridade dessas duas obras, que hoje são quase impossíveis de se encontrar? O fato é que a implacabilidade das instituições contra o lexicógrafo só pode despertar interesse. E se o silêncio da história da lexicografia apenas retransmitiu um empreendimento de

⁷⁷ Julgamento do Tribunal Correccional da Seine, 6ª seção, cf. *Monitor* de 18 de setembro de 1858.

esquecimento ordenado por um regime autoritário, isso pode suscitar questionamentos.

Refêrências

AGULHON Maurice, 1970, *Une ville ouvrière au temps du socialisme utopique. Toulon de 1815 à 1851*, Mouton et Ecole Pratique des Hautes Etudes, Paris, Mouton, La Haye, 365 p.

AGULHON Maurice 1992 [1973], *Les Quarante-huitards*, coll. « Folio histoire », Gallimard, 263 p.

ALANTE-LIMA Willy, 1997, « Melvil-Bloncourt, le communard mariegalantais ? », dans *Généalogie et Histoire de la Caraïbe*, Bulletin 91, pp. 1898-1907.

BEAUMARCHAIS Jean-Pierre (de), COUTY Daniel, REY Alain (dir), 1996[1984], *Dictionnaire des littératures de langue française*, Bordas.

BLAVIER André, 1982, *Les fous littéraires*, Henri Veyrier, 924 p.

BOULANGER Jean-Claude, 1994, « Le paysage lexicographique français entre 1878 et 1932. Portrait d'une culture d'époque », *Cahiers de lexicologie*, n°65, p. 29-45.

BRUNEAU Ch., 1948, « Les dictionnaires », dans *Histoire de la langue française des origines à 1900*, dir. F. Brunot, 2e partie, t. XII, A. Colin, p. 541-576.

COHEN Marcel, 1967, *Histoire d'une langue, le français*, éd. sociales-Messidor, 513 p. chambre, cf. Moniteur du 18 sept. 1858.

COLLECTIF, 1972, *Dictionnaire des lettres françaises XIXe*, t. 2, Fayard.

FAYT René, 1999, *Un aimable faubourien, Alfred Delvau (1825-1867)*, « The Romantic Agony » et Emile Van Balberghe Librairie, 206 p.

GAUDIN François et GUESPIN Louis, 2000, *Initiation à la lexicologie française. De la néologie aux dictionnaires*, coll. « Manuels », éd. Duculot, Louvain-la-Neuve.

GAUDIN François, en préparation, *Avec la rouge bannière. Maurice Lachâtre (1814-1900)*.

GEMMINGEN Barbara Von et HÖFLER Manfred (éds), 1988, *La lexicographie française du XVIIIe au XXe siècle, colloque international de*

lexicographie tenu à l'Institut de Langues et de Littératures Romanes, Université de Düsseldorf, du 23 au 26 septembre 1986, Paris, Librairie Klincksieck, 313 p.

GILLE Gaston, 1981 [1941], *Jules Vallès (1832-1885). Ses révoltes, sa maîtrise, son prestige*, Genève [Paris], Slaktine, 657 p.

HAUSMANN Franz Joseph et alii (dir), 1989-1990, *Encyclopédie universelle de lexicographie*, ed. De GRUYTER, 2 tomes, 1056 p. et 2337 p.

LALOUETTE Jacqueline, 1997, *La libre-pensée en France. 1848-1940*, préf. de M. Agulhon, Bibliothèque Albin Michel Histoire, 636 p.

LAROUSSE Pierre (dir), 1873, *Grand dictionnaire universel*, éd. Larousse, t. X, p. 30.

LINDEMANN Margarete, 1988, « Les dictionnaires de Maurice La Châtre », dans *La lexicographie française du XVIIIe au XXe siècle, colloque international de lexicographie tenu à l'Institut de Langues et de Littératures Romanes, Université de Düsseldorf, du 23 au 26 septembre 1986*, Actes publiés par Barbara Von Gemmingen et Manfred Höfler, Paris, Librairie Klincksieck, pp. 141-158.

MESCHONNIC Henri, 1991, *Des mots et des mondes. Dictionnaires, encyclopédies, grammaires, nomenclatures*, éd. Hatier, LIV p. + 311 p.

MOLLIER Jean-Yves, 1988, *L'argent et les Lettres. Histoire du capitamisme d'édition, 1880-1920*, Fayard, 545 p.

PARENT Isabelle, 2001, *Maurice la Châtre et Henry Oriol : deux éditeurs politiques du XIXe siècle*, mémoire de DEA, dir. Jean-Yves Mollier, Université Versailles-St Quentin-en-Yvelines, 147 p.

PELLISSIER Pierre, 1985, *Emile de Girardin, Prince de la Presse*, Denoël, 420 p.

PRUVOST Jean, 2002, *Les dictionnaires de langue française*, éd. PUF, coll. Que sais-je? n°3622, 127 p.

QUEMADA Bernard, 1968, *Les dictionnaires du français moderne (1539-1863). Etude sur leur histoire, leurs types et leurs méthodes*, éd. Didier, 683 p.

QUEMADA Bernard, 1995, « Dictionnaire », dans *Encyclopedia Universalis*, Corpus 7, 1995, pp. 387-390.

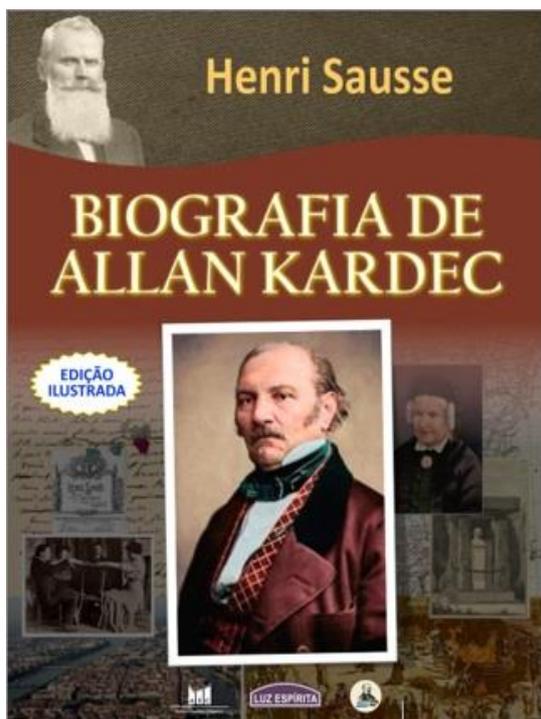
REY Alain, 1977, « Langue et usages », dans *Histoire littéraire de la France*, (1977) de Pierre Abraham P. et Roland Desné R., vol. 1848-1873, dir. Claude Duchet, éd. sociales, pp. 27-50

TALVART Hector et PLACE Joseph, *Bibliographie des auteurs modernes de langue française (1801-1949)*, T. 10, éd. de la Chronique des Lettres Françaises.

VAN HOOFF Henri, 1994, *Petite histoire des dictionnaires*, coll « Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain », éd. Peeters, 129 p.

VERBRUGGE Tiphaine, 1999, *Le dynamisme politique et littéraire du Nouveau Dictionnaire universel de Maurice La Châtre*, mémoire de maîtrise, dir. Jean Pruvost, Université des Chênes, Cergy-Pontoise, 96 p. + annexes.

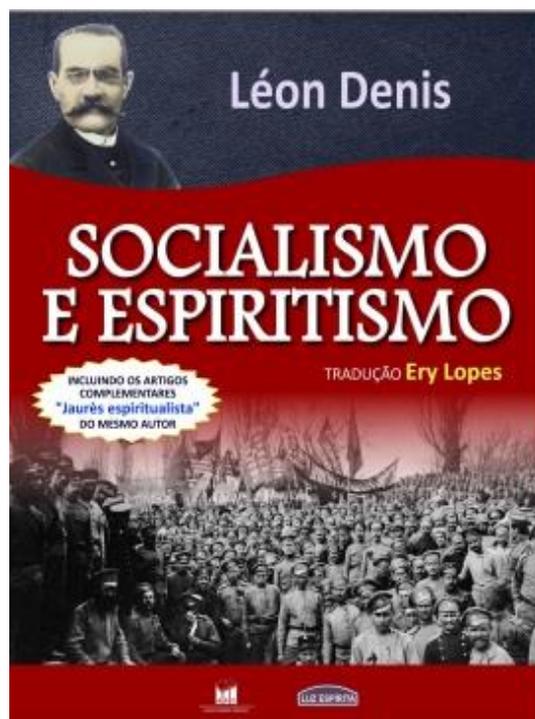
SUGESTÃO DE LEITURA COMPLEMENTAR:



Biografia de Allan Kardec

Henri Sausse

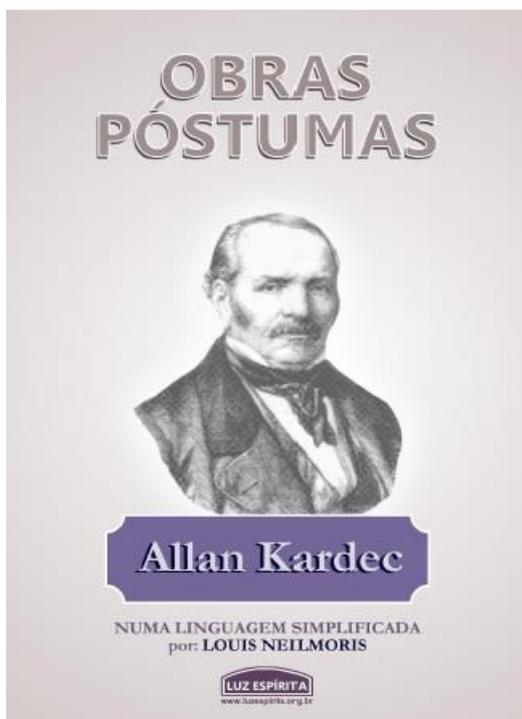
[Download](#)



Socialismo e Espiritismo

Léon Denis

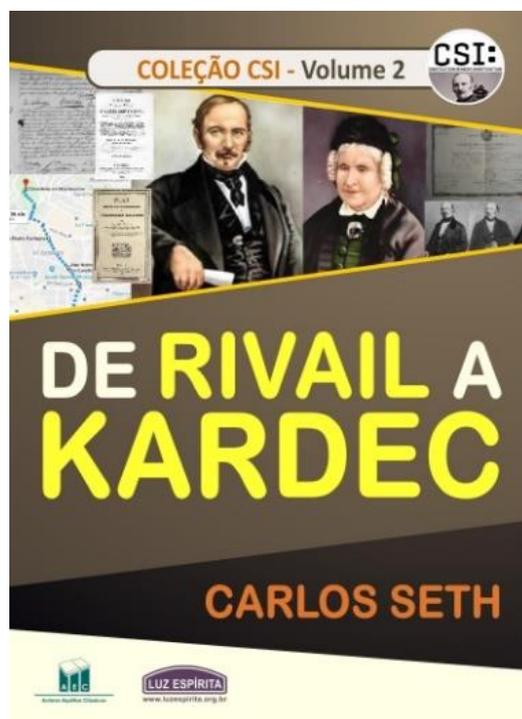
[Download](#)



Obras Póstumas

Allan Kardec

[Download](#)



De Rivail a Kardec

Carlos Seth

[Download](#)

